

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO

**PERCEPÇÕES DE ATLETAS, TREINADORES E DIRIGENTES SOBRE O
ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL**

Tese de Doutorado

Beatriz Dittrich Schmitt

Porto Alegre
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO

**PERCEPÇÕES DE ATLETAS, TREINADORES E DIRIGENTES SOBRE O
ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL**

Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo.

Porto Alegre
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Schmitt, Beatriz Dittrich
PERCEPÇÕES DE ATLETAS, TREINADORES E DIRIGENTES
SOBRE O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL / Beatriz
Dittrich Schmitt. -- 2019.
137 f.
Orientador: Janice Zarpellon Mazo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Esporte paralímpico. 2. Jogos Paralímpicos. 3.
Atletas. 4. Treinadores. 5. Dirigentes. I. Mazo,
Janice Zarpellon, orient. II. Título.

Beatriz Dittrich Schmitt

**PERCEPÇÕES DE ATLETAS, TREINADORES E DIRIGENTES SOBRE O
ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL**

Conceito final:

Aprovado em de de 2019.

Banca Examinadora:

.....

Prof. Dr. Flávio Antônio de Souza Castro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

.....

Prof. Dr. Vinícius Denardin Cardoso
Universidade Estadual de Roraima – UERR

.....

Prof. Dr. Fernando Copetti
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

A persistência é o caminho do êxito.

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Agradeço às forças superiores que iluminaram meu caminho e me forneceram todos os alicerces necessários para que eu pudesse vir em busca dos meus ideais acadêmicos e persistir no sonho da conquista do tão desejado título de doutora.

À minha amada mãe Dóris, minha melhor amiga e maior admiradora. Obrigada pelo apoio que dedicasses a mim de modo a auxiliar no caminho que escolhi trilhar. Muito obrigada por percorreres esse caminho de mãos dadas comigo. Agradeço pelo amor, carinho, compreensão e, claro, pelos patrocínios e suporte emocional que garantiram essa conquista. Você enriquece todos os meus dias. Então, mãe, agradeço muito por seres tão você e por seres tão minha.

Agradeço também ao meu pai Edison! Desejo lhe deixar orgulhoso pelas minhas escolhas profissionais. Aprendi a ser uma pessoa séria e firme a sua imagem. Obrigada!

Ao meu companheiro Emerson, que me acompanhou durante toda minha trajetória acadêmica e me incentivou em todos os momentos. Esteve ao meu lado nos momentos felizes e me apoiou nas horas difíceis. Agradeço por sempre ouvires minhas angústias, secares minhas lágrimas e compartilhares dos meus risos. Muito obrigada, meu amado! Esse trabalho também é seu. Reitero o meu agradecimento por seres meu sempre tudo e por me apoiares nas decisões mais importantes. Obrigada por fazeres parte de minha vida e pela oportunidade de sempre procurar ser a melhor versão de mim. Percebo que já crescemos muito juntos e vamos continuar crescendo ainda mais. TE AMO! Obrigada!

Aos meus irmãos Edison e Heriberto por todo amor, admiração, carinho e confiança depositada em mim desde sempre. Obrigada por sempre se fazerem presentes e terem me presenteado com os pequenos grandes amores da minha vida. Obrigada!

Às minhas queridas cunhadas que há muito já fazem parte da minha vida e acompanharam importantes marcos na minha trajetória de vida. Agradeço também por serem tão amorosas e cuidadosas com nossa família. Obrigada!

Aos meus sobrinhos Natália e Felipe um agradecimento inédito. Tão pequenos e despertaram um amor enorme dentro do meu coração. A tia Bea, também conhecida como tia Bi, os ama muito! Agradeço por ter vos acompanhar perto dos olhos e do coração! Vocês me trouxeram muita alegria e me deram muito equilíbrio e paz espiritual para completar esse ciclo.

Às minhas tias Lia e Raquel meu muito obrigada! Nossa convivência desde a infância auxiliou a moldar meu caráter e obrigada pelos almoços e risadas.

À minha sogra Ivonete por incentivar e apoiar minhas escolhas profissionais. Com leveza e alegria viver a vida torna-se ainda mais agradável. Obrigada.

Agradeço também a avó Antonieta e a tande Hertha que com certeza ficariam muito felizes com essa conquista. Levo vocês em meu coração.

À vocês família, meu muito obrigada. Porque um sonho sozinho, é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudos concedida durante a maior parte do curso de doutorado. Essa bolsa de estudos foi conquistada com muito esforço e dedicação e foi de inestimável auxílio para a realização deste sonho.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPCMH) que ampliou meus conhecimentos na área.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

À minha orientadora professora Janice Zarpellon Mazo por ter me acolhido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e por todos os ensinamentos ao longo desses quatro anos. Obrigada!

Ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) e aos colegas do grupo de estudos, em especial às amigas Rafaela Bertoldi e Giandra Anceski Bataglioni que compartilharam comigo essa caminhada. À Rafaela sou grata por termos nos conhecido nessa trajetória acadêmica, pelas conversas cotidianas, troca de conhecimentos, risadas e catarses. À Giandra sou agradecida pela oportunidade de continuarmos a compartilhar histórias e momentos. Minha admiração por vocês! Amigas, desejo que nossos caminhos sigam se cruzando nos anos a seguir. Obrigada pela amizade! E agradeço também a todos os demais colegas do grupo de pesquisa que tive a oportunidade de conviver neste período da minha vida.

Às funcionárias da biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela convivência, delicadeza, auxílio fornecido e cursos ministrados. Obrigada!

À todos os atletas paralímpicos brasileiros que representam ou representaram o país nos Jogos com maestria, sobretudo a aqueles que concederam entrevistas de modo a tornar possível a concretização desta pesquisa.

À todos os treinadores, dirigentes, gestores e árbitros que se dedicam ao esporte paralímpico brasileiro. Em especial, agradeço aqueles que cederam depoimentos que contribuíram com a escrita desta tese.

À Universidade Federal de Santa Catarina agradeço porque me preparou desde os meus primeiros passos em direção aos meus ideais acadêmicos.

Aos professores e amigos Angela Teresinha Zuchetto e John Peter Nasser. Obrigada, professora! Você sempre me inspirou e serviu de modelo. Obrigada, professor! Nossas conversas me provocam inúmeras reflexões. E ao longo dessa jornada esses professores e amigos incríveis me acompanharam constantemente e essas relações diádicas contribuíram para meu desenvolvimento humano. Grazie!

Às minhas amigas Luiza, Fernanda e Aline por estarem presentes em minha vida. Nossos momentos juntas me fazem perceber o quanto as relações humanas são essenciais em minha vida e me fazer ajustar a dosagem do que é verdadeiramente importante no decorrer da vida: as relações humanas. Obrigada.

À Universidade Federal do Triângulo Mineiro agradeço porque me ensinou muito durante o curso de mestrado e por terem me recebido tão bem em sua instituição. Obrigada!

Às amigas que Minas Gerais me agraciou: Rafaela, Letícia, Jéssica e Andrezza. Cada uma a sua maneira me conquistou. Um abraço muito apertado em vocês.

À professora e orientadora Karina Pereira sou muito grata por tudo que aprendi com você. Os dois anos sob sua orientação foram muito proveitosos acadêmica e pessoalmente. Obrigada.

Aos amigos carnavalescos também agradeço, bem como às amigas praianas, aos amigos das universidades por onde passei, aos amigos de jogatinas, aos amigos de festas do divino, aos amigos do CEFET, aos amigos mirins que são meus maiores fãs. E, claro, agradeço também aos amigos caninos que alegam meu dia a dia. Vocês são pessoas especiais. Obrigada.

RESUMO GERAL

O tema central é sobre a percepção de atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos sobre o esporte paralímpico brasileiro. O problema da pesquisa é: que percepções sobre o esporte paralímpico brasileiro são compostas por atletas, treinadores e dirigentes paralímpicos? Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de consulta à entrevistas transcritas (documentos orais) e também a partir da produção de entrevistas (fontes orais). A tese foi estruturada na forma de três estudos. O estudo I busca compreender as percepções sobre o esporte paralímpico a partir dos documentos orais dos atletas paralímpicos. As principais conclusões do Estudo I incluem o recebimento de incentivos financeiros condicionados ao bom desempenho esportivo e a falta de investimento financeiro contribui para o abandono do esporte. No que diz respeito ao reconhecimento social, o reconhecimento da sociedade, da mídia e de pessoas com deficiência é enfatizado pelos atletas paralímpicos. O estudo II investigou as percepções dos treinadores paralímpicos sobre o esporte paralímpico brasileiro. As principais conclusões do Estudo II foram a formação de treinadores e o reconhecimento social, financeiro e esportivo se sobrepõe. Nessa lógica, o esporte paralímpico é considerado de alto desempenho e profissional, embora não seja uma realidade para todas as modalidades ou treinadores. Existem diferentes elementos que refletem na profissionalização do esporte. Parece que as conquistas esportivas e a participação nos Jogos Paralímpicos aumentam o reconhecimento social, financeiro e esportivo. Quando os apoios sociais são restritos, dificultam ainda mais o desempenho dos treinadores. Os treinadores acham difícil encontrar locais de treinamento e escassez de material didático para ajudá-los. E o Estudo III, investigou as percepções dos dirigentes esportivos a respeito do esporte paralímpico brasileiro. As principais percepções identificadas no Estudo III foram a gestão do esporte paralímpico como profissional, embora possa haver diferenças entre profissionalismo e amadorismo de uma modalidade esportiva para outra; e, além disso aborda sobre o financiamento esportivo necessário para a gestão e o desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro. Essas percepções identificadas variam de acordo com as instituições. Finalmente, apresentamos os pensamentos finais da tese. Todos esses achados não são suscetíveis de

generalizações, consistem em percepções de indivíduos e grupos sociais que têm suas particularidades. Os treinadores e os dirigentes esportivos paralímpicos lidam com atores sociais engajados em distintas modalidades paralímpicas, com diferentes trajetórias de vida pessoal e profissional, participaram de diferentes edições dos Jogos Paralímpicos e estão ligados a diferentes instituições esportivas. Acredita-se que o testemunho desses atores sociais possa contribuir de maneira relevante para a produção de conhecimento na área.

Palavras chave: Esporte paralímpico. Atletas paralímpicos. Treinadores; Dirigentes. Pessoa com deficiência. Jogos Paralímpicos.

ABSTRACT

The central theme is about the perception of paralympic athletes, coaches and sport leaders about the Brazilian paralympic sport. The research problem is: what perceptions about Brazilian paralympic sport are composed by paralympic athletes, coaches and leaders? This is a qualitative research developed through consultation of transcribed interviews (oral documents) and also from the production of interviews (oral sources). The thesis was structured as three studies. Study I seeks to understand the perceptions of paralympic sport from the oral documents of paralympic athletes. Key findings from Study I include the receipt of financial incentives conditional on good sports performance and lack of financial investment contributes to the abandonment of sport. With regard to social recognition, the recognition of society, the media and people with disabilities is emphasized by Paralympic athletes. Study II investigated the perceptions of paralympic coaches about the Brazilian paralympic sport. The main conclusions of Study II were the training of coaches and the social, financial and sports recognition overlap. In this logic, the Paralympic sport is considered high performance and professional, although not a reality for all sports or coaches. There are different elements that reflect in the professionalization of the sport. It seems that sporting achievements and participation in the Paralympic Games increase social, financial and sporting recognition. When social support is restricted, it makes the performance of coaches even more difficult. Trainers find it difficult to find training venues and a shortage of teaching aids to help them. And Study III investigated the perceptions of sports leaders about the Brazilian paralympic sport. The main perceptions identified in Study III were the management of Paralympic sport as professional, although there may be differences between professionalism and amateurism from one sport to another; It also discusses the sports financing needed for the management and development of the Brazilian paralympic sport. These identified perceptions vary across institutions. Finally, we present the final thoughts of the thesis. All these findings are not susceptible of generalizations, they consist of perceptions of individuals and social groups that have their particularities. Paralympic coaches and sport leaders deal with social actors engaged in different paralympic sports, with different personal and professional life trajectories, participated in different

editions of the Paralympic Games and are linked to different sports institutions. It is believed that the testimony of these social actors can contribute significantly to the production of knowledge in the area.

Key words: Paralympic sport. Paralympic athletes. Coaches; Leaders. Disabled person. Paralympic Games.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Participação dos atletas paralímpicos em Jogos Paralímpicos de 1988 a 2016. 32

Figura 2 – Compilação das percepções sobre o esporte paralímpico brasileiro a partir da concepção dos atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos identificadas nos Estudos I, II e III. 91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações sobre a participação do Brasil em Jogos Paralímpicos quanto ao número de atletas e quantidade de medalhas conquistadas (1972-2016).....	35
Quadro 2 – Informações sobre os treinadores de seleções brasileiras paralímpicas entrevistados.....	57
Quadro 3 – Caracterização dos dirigentes entrevistados.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Formação profissional e ingresso na atuação profissional nos esportes para pessoas com deficiência.	60
---	----

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	19
2 ESTUDO I: PERCEPÇÃO DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA SOBRE O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL.....	26
RESUMO	26
ABSTRACT.....	27
INTRODUÇÃO.....	28
METODOLOGIA	30
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
a) Financiamento Esportivo	33
b) Reconhecimento Social e Esportivo	40
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	43
3 ESTUDO II: PERCEPÇÃO DOS TREINADORES SOBRE O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL.....	53
RESUMO	53
ABSTRACT.....	54
INTRODUÇÃO.....	55
METODOLOGIA	56
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	58
a) Formação e atuação profissional de treinadores no campo do esporte paralímpico	59
b) Reconhecimento social, financeiro e esportivo de treinadores paralímpicos	62
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS.....	68
4 ESTUDO III: O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL E A PERCEPÇÃO DOS DIRIGENTES ESPORTIVOS	73
RESUMO	73
ABSTRACT.....	74
INTRODUÇÃO.....	75
METODOLOGIA	76
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	78

a) Percepção dos dirigentes vinculados à ANDE.....	79
b) Percepção dos dirigentes vinculados ao CPB	81
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS.....	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS DA TESE	97
ANEXOS	117
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os atletas paralímpicos.....	118
Anexo B – Entrevista com roteiro semiestruturado para os atletas paralímpicos.....	121
Anexo C – Aprovação Comitê de Ética (parecer consubstanciado nº. 2.394.882).....	123
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos treinadores paralímpicos.....	128
Anexo E – Entrevista com roteiro semiestruturado para os treinadores paralímpicos.....	131
Anexo F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos dirigentes esportivos.....	133
Anexo G – Entrevista com roteiro semiestruturado para os dirigentes esportivos.....	136

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente tese visa compreender as percepções dos atletas paralímpicos que possuem deficiência física ou visual, dos treinadores paralímpicos de modalidades individuais ou coletivas e dos dirigentes esportivos sobre o esporte paralímpico brasileiro. Essa pesquisa se localiza no campo dos Estudos Socioculturais do Esporte Paralímpico.

Destaca-se que nos últimos anos, cresceu o interesse pela participação de pessoas com deficiência nos esportes paralímpicos (FERRARA et al., 1992; WILSON; WASHINGTON, 1993; VITAL et al., 2007; CARDOSO, 2011; WESSELS; BROGLIO; SOSNOFF, 2012; BERGAMINI et al, 2015; SOUTO; OLIVEIRA; SANTOS FILHO, 2016). Além disso, evidencia-se considerável quantidade de publicações sobre as pessoas com deficiência veiculadas por meio de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, trabalhos publicados em anais de eventos, livros e capítulos de livros. Entre os assuntos dessas publicações estão os seguintes temas: a mídia, os idosos, as famílias, a violência, a sexualidade, os surdos, as identidades, com prevalência de estudos sobre educação, professores, alunos e inclusão. Em conformidade com Farr (2013) e Martins, Carvalho e Antunes-Rocha (2014), a temática das representações sociais tem se tornado cada vez mais recorrente no Brasil, especialmente a partir das duas últimas décadas, 2000 e 2020.

No âmbito da Educação Física, dos Esportes e do Lazer também há publicações sobre os esportes paralímpicos no Brasil. Os enfoques foram: o futebol (VALENTIN; CAVICHIOLLI, 2008; MARTÍNEZ; GOELLNER, 2015; MOURA, 2016; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2018; AZAMBUJA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2018), o basquete (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017), a natação (DEVIDE; VOTRE, 2000), o rúgbi (CABRITA, 2011), o montanhismo (SOUZA, TOLEDO, MARCHI JUNIOR, 2011), as lutas (FERRETTI; KNIJNIK, 2007; ASSMANN et al., 2018), o atletismo (LEDUR; MAZO; GONÇALVES, 2015) e o hipismo (PEREIRA; BERTOLDI, 2016). Outras publicações tratam acerca da vitória e da derrota sob ótica de atletas do esporte de alto rendimento (AMBLARD, 2012), algumas abordam a mídia (ALEXANDRE, 2001; LISBÔA; PIRES, 2004; SANTOS; MEDEIROS, 2009; CRISPIM et al., 2016; PELINSON; OLIVEIRA JÚNIOR,

2018), e poucas referem sobre a participação em projeto esportivo (MELLO et al., 2018).

Além desses, foram identificados estudos que versam sobre a educação física escolar (PEREIRA; MAZZOTT, 2008; MENSCH; SCHWENGBER, 2009; MORGADO et al., 2017), sobre a educação especial (VARGAS; PORTILHO, 2018), sobre a inclusão educacional de alunos com deficiência (MUSIS; CARVALHO, 2010; SANTOS, 2013; SILVA; BORDAS, 2013; MAGNABOSCO; SOUZA, 2018) e sobre a interação entre professores e alunos com síndrome de Down (SANTOS; OLIVEIRA, 2012).

Destaca-se que há estudos com ênfase nos Jogos Olímpicos (TODT; ROLIM, 2006; GASTALDO, 2001; GASTALDO, 2013; BEGOSSI et al., 2019). E, no que concerne especificamente aos esportes paralímpicos, foram localizados estudos. A fim de exemplificar, cita-se a pesquisa de Lins et al. (2019) que analisou as representações sociais de atletas com deficiência¹ participantes em competições oficiais (regional, nacional ou internacional) e perceberam as representações sociais sobre a superação de obstáculos e o sentimento de realização.

Outros estudos que podem ser citados versam sobre: a memória esportiva de atletas sul rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos de 2016 (MAZO et al., 2018), sobre a representação social acerca da saúde de atletas paralímpicos (SCHMITT et al., 2017a) e sobre as identidades esportivas (SCHMITT et al., 2018), sobre a cobertura jornalística do jornal Folha de São Paulo (POFFO et al., 2017), sobre a cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012 com ênfase na questão do gênero e da deficiência (FIGUEIREDO, 2014a), sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos na mídia (FIGUEIREDO, 2010; PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011; FIGUEIREDO, 2014b). Também, sobre a representação dos atletas paralímpicos nas mídias brasileira e portuguesa (MONTEIRO et al., 2008; PEREIRA, 2009; MONTEIRO, 2009; FIGUEIREDO, 2014b), sobre a configuração de atletas e ex-atletas paralímpicas da cidade de Curitiba/PR (SILVA, 2007a), sobre a influência de ser atleta na identidade social de pessoas

¹ Na pesquisa de Lins et al. (2019) somente 34% dos atletas participantes atuaram em Jogos Paralímpicos.

com deficiência física (FIALHO; PEREIRA, 2006) e sobre as figurações e sociedade contemporânea de atletas paralímpicas (CIDADE, 2004).

Como é possível observar, até o presente momento, conforme a literatura consultada, as pesquisas sobre o esporte paralímpico brasileiro, majoritariamente, recorrem à mídia. Contudo, não foi encontrada nenhuma pesquisa que reúna as concepções dos atores sociais²: atletas, treinadores e dirigentes paralímpicos. Embora recente pesquisa de Lins et al. (2019) tenha analisado as representações sociais de atletas com deficiência brasileiros.

Desta maneira, um trabalho categorizado a partir da transcrição de entrevistas (documentos orais³ e fontes orais⁴) com esses atores sociais se sobrepõe. E, ainda, possibilita evidenciar se os conhecimentos produzidos por cada um desses atores sociais (atletas, treinadores e dirigentes esportivos) assumem ideias consensuais ou antagônicas.

Outro aspecto relevante é o entendimento de que a linguagem é um valoroso artifício para se compreender um campo investigativo. Segundo Schaff (1974), a linguagem sempre se refere a alguma coisa, seja uma realidade social ou psíquica; e, ao mesmo tempo que cria ou representa uma imagem do mundo, é produto social e histórico. Deste modo, as ações, inclusive as verbais, são interpretadas em termos de contexto, o qual é compreendido como sendo o que é por meio dessas ações (VOTRE, 1998). Logo, a presente tese se alicerça na linguagem oral de modo a compreender o fenômeno do esporte paralímpico. Para tanto, faz uso de documentos orais³ e fontes orais⁴ que, por conseguinte, consistem na transcrição de entrevistas realizadas com atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos.

Ainda, atenta-se para a importância do desenvolvimento de uma pesquisa com enfoque voltado ao esporte paralímpico, pois consiste na manifestação

² O conceito de atores utilizado considera indivíduos que participam em uma trama de relações, ou seja, que representam algo para a sociedade (grupo social) (SOUZA FILHO, 2004).

³ Os documentos orais são entrevistas realizadas com atletas paralímpicos brasileiros produzidas e transcritas para o Observatório do Esporte Paralímpico (NEHME/UFRGS) e, portanto, alguns destes documentos já haviam recebido tratamento prévio. Nesta tese, os documentos orais foram utilizados no Estudo I.

⁴ As fontes orais são entrevistas realizadas com treinadores e dirigentes paralímpicos brasileiros que foram produzidas e transcritas exclusivamente para essa tese de doutorado. Portanto, essas fontes orais não haviam recebido tratamento prévio. Nesta tese, as fontes orais foram utilizadas nos Estudos II e III.

esportiva de maior realce no esporte para pessoas com deficiência⁵ (HAIACHI, 2017; MAZO; BEGOSSI; SCHMITT, 2018; SILVA, 2018), desde a década de 1960. A primeira edição dos Jogos Paralímpicos ocorreu em 1960, em Roma, na Itália (RODRIGUES, 2002; ROCCO; SAITO, 2006; COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019). A participação do Brasil ocorreu somente na década seguinte, na edição dos Jogos Paralímpicos de 1972, em Heidelberg, na Alemanha (ARAÚJO, 1997; RODRIGUES, 2002; ROCCO; SAITO, 2006; AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019).

Desde então, o esporte paralímpico brasileiro vem se desenvolvendo de forma gradual⁶. Houve um impulso no incremento da prática esportiva paralímpica a partir da segunda metade dos anos 1990, com a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro, o aumento da quantidade de atletas na delegação brasileira e a conquista de medalhas nas edições dos Jogos Paralímpicos de 2007, a realização de eventos esportivos⁷ e pela promulgação de leis (BRAZUNA; MAUERBERG-DECASTRO, 2001; FREITAS; CIDADE, 2002; ROCCO; SAITO, 2006; BEGOSSI; MAZO, 2016; CARDOSO, 2016; CARDOSO et al. 2016a; CARDOSO et al. 2016b; CARDOSO et al., 2018a; CARDOSO et al., 2018b; CARDOSO et al., 2018c; MAZO et al., 2018; BERTOLDI et al., 2018; CARDOSO et al., 2019).

As primeiras participações do Brasil em competições esportivas como os Jogos Parapan-Americanos e os Jogos Paralímpicos ocorreram de forma menos organizada, pois o esporte paralímpico nacional estava em seu estágio inicial de desenvolvimento (CONTE, 2018). As primeiras mudanças neste cenário

⁵ A deficiência é definida como perda ou anormalidade de alguma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que pode ser de origem congênita ou adquirida, permanente ou temporária (WHO, 1980). Ressalta-se que a deficiência é termo abrangente que contempla não apenas a estrutura ou função física prejudicada, mas também a limitação da atividade e da participação na realização de tarefas cotidianas (WHO, 1980).

⁶ No Brasil, em 1950 a educação física começou a se preocupar com a atividade física para as pessoas com deficiência (PEDRINELLI, 1994; ADAMS, 1985; COSTA; SOUSA, 2004). E as práticas esportivas adaptadas se iniciaram por volta de 1957 e 1958 (MATTOS, 1994; COSTA; SOUSA, 2004), com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro (COSTA; SOUSA, 2004; SENATORE, 2016). O esporte adaptado foi trazido para o país pela iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Seraphin Del Grande, após período de tratamento em hospitais americanos (AUGUSTO; BRANCATTI, 2010).

⁷ Os eventos esportivos sediados no Brasil foram: os Jogos Parapan-Americanos, no Rio de Janeiro, em 1978; os Jogos Mundiais de Cadeira de Rodas e Amputados, no Rio de Janeiro, em 2005; os Jogos Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro (AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; SANT'ANNA; PRATES, 2012).

começaram a ser implementadas a partir da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro no ano de 1995, a promulgação de lei (Agnelo-Piva⁸ em 2001, Bolsa-Atleta em 2004, Brasileira de inclusão em 2015) e, em especial, a partir da edição dos Jogos Paralímpicos de 2004 e de 2016 (BRASIL, 2001; BRASIL, 2004; BRASIL, 2015; CARDOSO et al., 2016b; MALAFAIA, 2016; CARDOSO et al., 2018c). Desde então, o esporte paralímpico brasileiro tem se desenvolvido cada vez mais e, gradativamente, conquistando maiores resultados e visibilidade diante da sociedade brasileira; sobretudo na edição do ano de 2016, quando os Jogos Paralímpicos foram realizados na cidade do Rio de Janeiro (HAIACHI et al., 2016; SCHMITT et al., 2017a; 2017b).

É válido mencionar que o Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro, localizado em São Paulo, mantido pelo CPB desde outubro de 2017 (BATAGLION; MAZO, 2019) pode ser visto como um legado esportivo material dos Jogos Paralímpicos de 2016 (CARDOSO et al., 2018b). O referido Centro de Treinamento possui instalações esportivas que possibilitam treinamentos, competições e intercâmbios de atletas e seleções em 15 modalidades paralímpicas⁹ (CENTRO DE TREINAMENTO PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019). Contudo, um país ter um Centro de Treinamento Paralímpico também pode ser entendido como uma forma de perpetuar a segregação entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência.

A partir do processo de desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, os atores sociais protagonistas deste campo investigativo passaram a receber maior atenção na mídia e na ciência. Assim, foram e estão sendo construídas representações sociais sobre o esporte paralímpico brasileiro de maneira dinâmica, as quais são ressignificadas com o passar do tempo (MOSCOVICI, 2003; SCHWARZ; GUEDES; FERRARI, 2018). Reconhece-se que as representações sociais são alteráveis e modificáveis, assim, contribuem para as transformações sociais (COSTA, 1998; VOTRE, 1998). À luz dessas ideias, entende-se que essa pesquisa poderá contribuir para o conhecimento no âmbito

⁸ A lei nº. 10.264/2001, conhecida como Agnelo-Piva, prevê a distribuição obrigatória por parte das Loterias Caixa de 2% de seu faturamento total com Loterias para o esporte brasileiro, sendo 85% deste valor para o esporte olímpico e 15% para o esporte paralímpico (BRASIL, 2001).

⁹ O Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro possibilita o treinamento das modalidades: para atletismo, basquete em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, rúgbi em cadeira de rodas e tênis em cadeira de rodas, bocha paralímpica, para natação, futebol de cinco, futebol de sete, *goalball*, para halterofilismo, judô, tênis de mesa, triatlo e voleibol sentado.

dos estudos socioculturais acerca dos esportes paralímpicos, com especial atenção à temática das representações sociais sobre o esporte paralímpico. Além disso, pretende-se reduzir lacunas científicas existentes.

Tendo em vista os temas anteriormente abordados, o problema de pesquisa consistiu em averiguar quais representações sociais sobre o esporte paralímpico brasileiro são compostas por atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos. A partir deste questionamento foram elaboradas as seguintes questões norteadoras da pesquisa: a) Quais representações sociais os atletas com deficiência física ou visual construíram sobre o esporte paralímpico brasileiro?; b) Quais representações sociais os treinadores de modalidades paralímpicas construíram sobre o esporte paralímpico brasileiro?; c) Quais representações sociais os dirigentes esportivos construíram sobre o esporte paralímpico brasileiro?

A fim de responder ao problema de pesquisa, os achados estão organizados em três estudos, conforme modelo permitido pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cada estudo contempla as representações sociais identificadas a partir da linguagem de cada um dos atores sociais em evidência nesta pesquisa: os atletas, os treinadores e os dirigentes esportivos paralímpicos. Desta maneira, no primeiro estudo o foco foi identificar as representações sociais em torno do esporte paralímpico com base em documentos orais produzidos a partir de entrevistas com atletas paralímpicos com deficiência física ou visual. Já o segundo estudo reuniu as representações sociais do esporte paralímpico brasileiro a partir da produção de fontes orais na perspectiva dos treinadores. No terceiro estudo, as representações sociais do esporte paralímpico brasileiro foram identificadas a partir dos dirigentes esportivos. E, assim, ao final desta tese de doutorado apresentam-se as representações sociais construídas pelos atores sociais que circulam diretamente no campo do esporte paralímpico brasileiro e, talvez, a identificação semelhanças e distanciamentos entre as representações expressadas por cada um desses sujeitos ou grupos sociais.

Ao término da apresentação dos três estudos, apresenta-se o fechamento da tese de doutorado. Logo, torna-se importante triangular os principais achados a partir da percepção dos atletas, treinadores e dirigentes esportivos sobre o

esporte paralímpico brasileiro a fim de evidenciar os conhecimentos construídos por esses grupos sociais a respeito de sua percepção da realidade relativamente ao esporte paralímpico brasileiro.

2 ESTUDO I: PERCEPÇÃO DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA SOBRE O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL

RESUMO

O objetivo do estudo foi compreender a percepção de atletas com deficiência sobre o esporte paralímpico brasileiro a partir documentos orais. Trata-se de uma pesquisa documental de caráter qualitativa. Foram consultados documentos orais disponibilizados pelo Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esses documentos orais consistem em entrevistas realizadas e posteriormente transcritas com atletas que possuem deficiência física ou visual que representaram o Brasil em Jogos Paralímpicos. Após a seleção intencional de 12 documentos orais, procedeu-se a leitura sucessiva dos mesmos, identificando-se eixos temáticos: a) Financiamento esportivo; e, b) Reconhecimento Social e Esportivo. As informações foram analisadas por meio de análise documental temática (FLICK, 2009). Quanto ao financiamento esportivo, constatou-se que alguns atletas eram profissionais e outros eram amadores. A documentação sugere que a falta de investimento financeiro pode dificultar a permanência no esporte paralímpico. Do mesmo modo, corrobora a associação direta entre o investimento esportivo e o bom desempenho esportivo. O cenário do financiamento esportivo paralímpico tem sido mais generoso ao longo dos últimos anos, embora possam existir modalidades privilegiadas com maiores investimentos, fortemente vinculados com as possibilidades de conquistas e com os órgãos de gerenciamento. Quanto ao reconhecimento social, a principal representação social identificada menciona o reconhecimento que a sociedade, a mídia e os pares com deficiência passam a atribuir aos atletas paralímpicos. Também, os atletas muitas vezes se tornam referência no campo esportivo para os sucessores ou podem sofrer da falta de reconhecimento. E, junto ao reconhecimento esportivo, parece existir aumento das exigências e cobranças sofridas pelos atletas.

Palavras chave: Atletas paralímpicos. Pessoa com deficiência. Deficiência física. Deficiência visual. Jogos Paralímpicos.

ABSTRACT

The aim of the study was to understand the social representations of athletes with disabilities about the Brazilian Paralympic sport from oral documents. It is a documentary research of qualitative character. Oral documents made available by the Center for Studies in History and Memory of Sport of the Federal University of Rio Grande do Sul were consulted. These oral documents consist of interviews conducted and later transcribed with athletes who have physical or visual disabilities who represented Brazil in Paralympic Games. After the intentional selection of 12 oral documents, they were read in succession, identifying thematic axes: a) Sports financing; and b) Social and Sports Recognition. The information was analyzed through thematic document analysis (FLICK, 2009). As for sports financing, it was found that some athletes were professionals and others were amateurs. Documentation suggests that lack of financial investment may make it difficult to stay in Paralympic sport. Likewise, it confirms the direct association between sports investment and good sports performance. The scenario of Paralympic sports financing has been more generous over the last years, although there may be privileged modalities with greater investments, strongly linked to the possibilities of achievement and the management bodies. As for social recognition, the main social representation identified mentions the recognition that society, the media and peers with disabilities now give to Paralympic athletes. Also, athletes often become reference in the sports field for successors or may suffer from lack of recognition. And, along with sports recognition, there seems to be increased demands and demands on athletes

Key Words: Paralympic athletes; disabled person. Physical disability. Visual impairment. Paralympic Games.

INTRODUÇÃO

Os esportes paralímpicos consistem em modalidades esportivas que integram o programa dos Jogos Paralímpicos, principal evento esportivo destinado à atletas com deficiência física, visual ou intelectual¹⁰ (GOODWIN et al., 2009; MARQUES et al., 2009; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012; SILVA et al., 2013; WINCKLER; MELLO, 2012; BORGMANN; ALMEIDA, 2015; MARQUES, 2016). A primeira edição de Jogos Paralímpicos ocorreu no ano de 1960 e a primeira participação do Brasil ocorreu uma década depois, em 1972 (ROCCO; SAITO, 2006; AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; COMITÉ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019).

Outrossim, esse estudo se localiza no campo dos Estudos Socioculturais da Educação Física e dos Esportes Paralímpicos. Para tanto, deve-se atentar ao fato de que a área de conhecimento da Educação Física se relaciona com outras ciências (GAMBOA, 1994; TELLES; LÜDORF; GIUSEPPE, 2017). Desta maneira, é neste cenário, que a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003; 2015), oriunda da Psicologia Social, enquadra-se em um artifício teórico-metodológico plausível.

As representações sociais se referem à formas de conhecimentos de senso comum que representam um conjunto de ideias originadas a partir da vida cotidiana, mediante relações sociais que são estabelecidas entre grupos sociais ou pessoas de um mesmo grupo (JODELET, 1989; REIS; BELLINI, 2011; OLIVEIRA et al., 2016). Essas representações sociais consistem em interpretações e simbolismos construídos e expressados sobre um determinado objeto, no caso o esporte paralímpico. Ressalta-se que por se tratarem de representações sociais de um sujeito sobre um objeto, as representações não são realidades, mas, sim, representações dela (SPINK, 1993; BACELAR, 2004). E, não obstante, é a partir das representações construídas sobre a realidade que os sujeitos da pesquisa dão sentido ao mundo em que vivem (COSTA, 1998).

Na literatura consultada, foram localizados estudos que têm sido desenvolvidos sobre as representações sociais com interfaces no esporte, na

¹⁰ A participação de atletas com deficiência intelectual ocorreu nas edições de Jogos Paralímpicos de 1996, 2000, 2012 e 2016.

educação física e no lazer. Especificamente sobre as representações sociais relacionadas com os esportes paralímpicos também foram encontrados estudos (MONTEIRO et al., 2008; MONTEIRO, 2009; PEREIRA, 2009; PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011; SIQUEIRA, 2013; FIGUEIREDO, 2014b; SCHMITT et al., 2017a; SCHMITT et al., 2018; LINS et al., 2019). Isto posto, majoritariamente essas pesquisas analisam o esporte paralímpico sob prisma da mídia impressa ou digital. Em contrapartida, o estudo de Schmitt et al. (2017) analisou as representações sociais de atletas paralímpicos brasileiros sobre a noção de saúde, por meio de entrevistas. Em outra pesquisa, também por meio de entrevistas, Schmitt e colaboradores (2018) enfocaram as representações sociais dos atletas paralímpicos acerca de suas identidades esportivas. E, mais recente, o trabalho de Lins et al. (2019) analisou representações sociais de atletas com deficiência, brasileiros, por meio de questionário.

Como é possível observar, até o presente momento não foram localizados na literatura consultada estudos sobre as representações sociais de atletas sobre o esporte paralímpico brasileiro que tenham utilizado documentos orais¹¹ dentre os procedimentos metodológicos. Todavia, os documentos orais são relevantes porque foram produzidos ou pensados de acordo com um determinado tempo, contexto e por uma determinada pessoa que carrega consigo crenças, valores e opiniões (BACELLAR, 2010). Portanto, os documentos orais são impregnados de sentimentos e emoções que, por vezes, podem ser despercebidos em outras fontes de consulta. Nesta perspectiva, destaca-se que as representações sociais também devem ser entendidas a partir do seu contexto de produção (SPINK, 1993; VOTRE, 1998).

Com base nessas considerações, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção de atletas com deficiência sobre o esporte paralímpico brasileiro a partir documentos orais.

¹¹ Os documentos orais são entrevistas que foram produzidas e, ato contínuo, transcritas. São documentos que receberam um tratamento prévio.

METODOLOGIA

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa documental¹² de caráter qualitativa. Para a realização deste estudo, foram consultados documentos orais produzidos e disponibilizados pelo Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte (NEHME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os documentos orais consistem em entrevistas que foram produzidas com atletas paralímpicos brasileiros para o projeto de extensão e pesquisa universitária intitulado “Observatório do Esporte Paralímpico”¹³ (NEHME/UFRGS). Em seguida, essas entrevistas foram transcritas por graduandos, mestrandos e doutorandos treinados previamente. É válido explicar que o “Observatório do Esporte Paralímpico” foi aprovado pela Comissão de Extensão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado (Anexo B). Os entrevistadores – alunos de graduação e pós-graduação da UFRGS – realizaram as entrevistas presencialmente com os atletas paralímpicos, em datas e locais previamente determinados pelos entrevistados.

Posteriormente, foram selecionados intencionalmente 12 documentos orais de atletas com deficiência, sendo quatro mulheres e oito homens. Os atletas apresentavam deficiência física (sete) ou deficiência visual (cinco) e competiram nas edições dos Jogos Paralímpicos de 1988 a 2016, nas seguintes modalidades¹⁴: futebol de cinco, *goalball*¹⁵, para atletismo, para judô, para natação, para remo, para tênis de mesa e voleibol sentado. Destaca-se que os

¹² A pesquisa documental tem o documento como objeto de investigação (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). E, no caso desta pesquisa, o objeto de estudo são documentos orais oriundos da transcrição de entrevistas.

¹³ Entre as ações do NEHME se encontra o programa de extensão denominado “Observatório do Esporte Paralímpico” que, por sua vez, trata-se de um espaço virtual que disponibiliza acervo público de informações sobre o esporte paralímpico. Esse acervo é composto por documentários, reportagens, imagens e entrevistas com atletas e treinadores de esportes paralímpicos brasileiros. O conteúdo pode ser acessado na íntegra no seguinte sítio eletrônico: <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico> (SCHMITT et al., 2017b).

¹⁴ A partir de sugestão do Comitê Paralímpico Brasileiro, as modalidades paralímpicas que possuem modalidade correspondente olímpica (tradicional) devem ser escritas com o prefixo “para”. Por isso, nomeou-se: para atletismo, para judô, para natação, para remo e para tênis de mesa.

¹⁵ O *goalball* é a única modalidade realmente criada para pessoas com deficiência (AMORIM et al., 2010; MORATO; GOMES; ALMEIDA, 2012).

atletas não tiveram seus nomes revelados por razão ética, logo, foram identificados por algarismos arábicos.

Para seleção dos documentos orais foi adotado o critério de conveniência de modo que reunisse, dentro do repositório do NEHME, atletas com deficiência física ou visual de modalidades esportivas distintas e que tivessem participado de Jogos Paralímpicos. É importante esclarecer que o repositório do NEHME não dispõe de documentos orais advindos de atletas com deficiência intelectual e, por isso, não foram incluídos para análise. Também se justifica o direcionamento desta pesquisa a modalidades distintas porque se nota um considerável número de pesquisas que focam no para atletismo e para natação. E, ainda, selecionar atletas que participaram de edições de Jogos Paralímpicos diferentes se justifica a partir do momento que as representações sociais consistem em fenômenos dinâmicos que se modificam constantemente ao longo do tempo (MOSCOVICI, 2003).

Para a coleta das informações, foi acessado o repositório do NEHME para obtenção dos documentos orais referentes aos 12 atletas paralímpicos¹⁶ brasileiros selecionados. Em seguida, procedeu-se a leitura sucessiva dos documentos orais de modo que fosse possível identificar os eixos temáticos mais latentes: a) Financiamento Esportivo; e, b) Reconhecimento Social e Esportivo. Foi utilizado o *software* Nvivo (versão 11) para auxiliar na organização dos documentos. Isto posto, as principais representações sociais – ora partilhadas pelos atletas, ora particulares aos indivíduos – identificadas se abarcaram questões vinculadas ao profissionalismo ou amadorismo esportivo entre as modalidades paralímpicas, ao bom desempenho esportivo, à mídia na condição de contribuir na construção de representações sociais e na (in)satisfação pessoal e esportiva.

Para a análise dos documentos orais, as informações foram analisadas por meio da técnica de análise documental temática (FLICK, 2009). A análise temática é um procedimento adotado para analisar materiais textuais, inclusive documentos orais confeccionados a partir de entrevistas (BAUER, 2000).

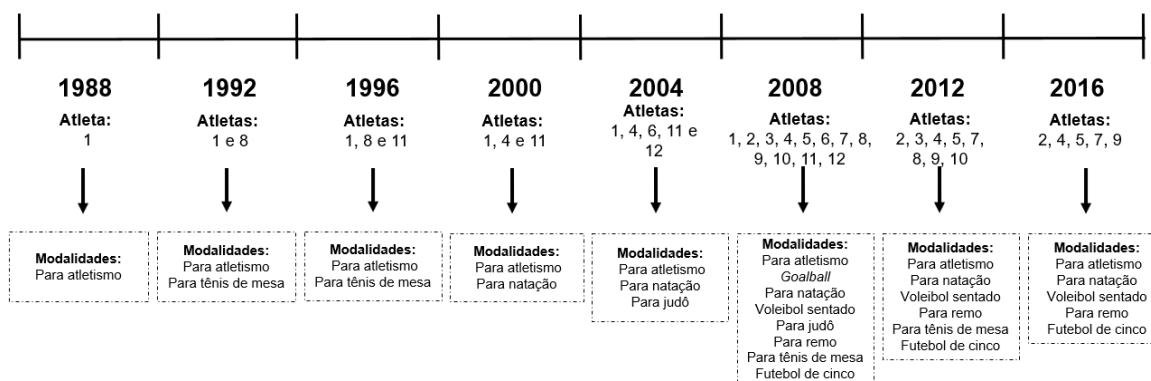
¹⁶ Entende-se por atletas paralímpicos aqueles indivíduos que treinam e/ou competem de modo sistemático e oficial em uma das modalidades dos programas dos Jogos Paralímpicos, organizados pelo Comitê Paralímpico Internacional, conforme preconizam Marques e colaboradores (2014).

Recorreu-se ao critério de saturação teórica¹⁷ para delinear o desenvolvimento deste estudo em torno dos documentos orais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a pretensão de desvelar a elevada importância desses atletas para o esporte paralímpico brasileiro, esclarece-se que no que se refere a participação em Jogos Paralímpicos, os referidos atletas participaram, em duas, três, quatro, e até cinco edições de Jogos Paralímpicos, conforme indica a Figura 1.

Figura 1 – Participação dos atletas paralímpicos em Jogos Paralímpicos de 1988 a 2016.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos orais da pesquisa.

É possível perceber que esses atletas paralímpicos experienciaram os Jogos Paralímpicos em diferentes edições do evento, modalidades esportivas e deficiências distintas. E, assim, por mais adversas as experiências vividas por cada um, inegavelmente acarretaram na construção de representações sociais sobre o esporte paralímpico brasileiro específicas e peculiares. É imperativo caracterizar a participação dos 12 atletas em virtude de as representações sociais deverem ser analisadas em contexto porque consistem em uma visão da realidade de grupo localizado e datado, conforme preconiza Moscovici (2003).

¹⁷ A saturação teórica designa a constatação do momento de interromper a captação de informações pertinentes à discussão de uma determinada categoria dentro de uma investigação qualitativa (Glaser; Strauss, 1967). Trata-se de um recurso comumente utilizado em pesquisas com métodos qualitativos em diferentes áreas no campo da saúde (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; FONTANELLA; MAGDALENO JÚNIOR, 2012).

Embora esses atletas paralímpicos apresentem tipos e graus de deficiência diferentes, bem como participaram de, no mínimo duas edições de Jogos Paralímpicos em anos diferentes e em modalidades distintas influenciam nos achados deste estudo. De modo similar, a pesquisa de Lins et al. (2019) sugere que atletas com deficiência pertencentes a diferentes subgrupos de modalidades paralímpicas geram diferentes representações sociais para o mesmo objeto social. Para Moscovici (2003, p. 15), “essa diversidade reflete a falta de homogeneidade dentro das sociedades modernas” que geram representações sociais heterogêneas.

Em continuidade, a partir da análise minuciosa a despeito de documentos orais, foi possível constatar as principais representações sociais sobre o esporte paralímpico. Sendo assim, os resultados são apresentados conforme os dois temas centrais do estudo: a) Financiamento Esportivo; e, b) Reconhecimento Social e Esportivo.

a) Financiamento Esportivo

Os documentos orais analisados manifestam representações sociais no que tange ao financiamento esportivo. Nesta perspectiva, pondera-se que os atletas reconheceram-se como “atleta(s)” e atribuíram a mesma representação social a seus pares. Em complemento, a Lei nº. 9.615 de 1998, a Lei Pelé, menciona o esporte profissional e o não-profissional (BRASIL, 1998), tendo essas mesmas variações em torno da noção de “atleta(s)”. É oportuno salientar que a questão do financiamento esportivo perpassa pela discussão em torno do esporte profissional e não-profissional. Deste modo, o esporte profissional é caracterizado pela “remuneração pactuada em contrato especial de trabalho desportivo, firmado com entidade de prática desportiva”; enquanto, o esporte não-profissional consiste na “liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio” (BRASIL, 1998).

Sob essa perspectiva, os documentos orais revelam representações sociais a respeito do profissionalismo e não-profissionalismo no âmbito dos esportes paralímpicos. Os documentos orais indicam que os Atletas 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11 e 12 exerceram atividades profissionais remuneradas paralelas as

atividades inerentes à de atleta, em algum momento de suas trajetórias esportivas. Isto posto, alguns dos atletas representam o esporte não-profissional manifestado na forma de amadorismo, sendo “identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de qualquer forma de remuneração ou de incentivos materiais para atletas de qualquer idade” (BRASIL, 1998). Outrossim, há atletas que foram contemplados com bolsa atletas e patrocínios, como os Atletas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11. Somente o Atleta 6 não mencionou ter sido contemplado com bolsas e patrocínios A respeito das bolsas, atenta-se para um trecho do depoimento oral a seguir:

As coisas vêm melhorando desde que o Governo Federal sistematizou o maior apoio esportivo no mundo. O maior programa a atletas do mundo é do Brasil hoje, que é a Bolsa Atleta, que dá suporte para as instituições, mas, também, para o atleta poder se alimentar melhor, se deslocar e ter material (ATLETA 7, 2015, p. 12).

O Programa Bolsa-atleta, instituído pela Lei nº. 10.891/2004, é direcionado à atletas de alto rendimento (BRASIL, 2004). As categorias do Bolsa-atleta são: Estudantil, Esporte de base, Nacional, Internacional, Olímpica/Paralímpica, Atleta Pódio (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012). Desde a implementação do Programa Bolsa-atleta os valores das bolsas variaram, de acordo com as categorias dos atletas (estudantil, base, nacional, internacional, olímpico e paralímpico, pódio). Desde o ano de 2016, para os atletas paralímpico o valor do auxílio é de R\$ 3.100,00. No caso de bolsa pódio, os valores podem chegar a R\$ 15.000,00 reais (BRASIL, 2004).

Logo, as bolsas, sem dúvida, são representadas como um incentivo financeiro importante para a prática esportiva. Contudo, estão sujeitas às modificações e cortes e, com isso, deixam a atuação dos atletas insertas. Ou, ainda, no caso de bolsa pódio, o atleta passa a recebê-la durante um ano após obter resultados de excelência esportiva nas competições e, caso a modalidade deixe de fazer parte do programa de Jogos Paralímpicos, o benefício é interrompido. Apresenta-se no Quadro 1 informações sobre a participação do Brasil em Jogos Paralímpicos.

Quadro 1 – Informações sobre a participação do Brasil em Jogos Paralímpicos quanto ao número de atletas e quantidade de medalhas conquistadas (1972-2016).

Edição dos Jogos Paralímpicos	Número de atletas	Medalhas conquistadas			
		Ouro	Prata	Bronze	Total
1972	8	0	0	0	0
1976	23	0	1	0	1
1980	2	0	0	0	0
1984	30	7	17	4	28
1988	59	4	9	14	27
1992	41	3	0	4	7
1996	60	2	6	13	21
2000	64	6	10	6	22
2004	98	14	12	7	33
2008	188	16	14	17	47
2012	182	21	14	8	43
2016	287	14	29	29	72
Total	1.042	87	112	102	301

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Winckler e Mello (2012) e Cardoso (2016).

Em contrapartida, os documentos orais também revelaram que a representação social construída pela Atleta 11 se refere a falta de investimento financeiro como sendo um fator incapacitante para a permanência no esporte paralímpico (ATLETA 11, 2015). Esta atleta representou o Brasil em Jogos Paralímpicos de 1996 a 2008 (quatro edições), na modalidade de para atletismo. O Atleta 10 foi taxativo ao manifestar o pensamento de que o Brasil está apenas começando na profissionalização do esporte paralímpico. Este atleta representou o Brasil em Jogos Paralímpicos de 2008 a 2012 (duas edições), na modalidade de voleibol sentado. Em adição, Howe (2008) aponta que o profissionalismo no esporte paralímpico é novo e ainda está em processo de crescimento. Sousa, Corredeira e Pereira (2016) complementam que profissionalismo em torno do esporte paralímpico é uma realidade para vários países do mundo.

Outro achado interessante foi que os Atletas 1, 4 e 8 partilham a representação social de que vivenciaram o esporte paralímpico brasileiro em uma “fase de transição”. Esses atletas participaram em diferentes edições dos Jogos Paralímpicos. A Atleta 1 (para atletismo) participou de seis edições de Jogos Paralímpicos de 1988 a 2008, o Atleta 4 (para natação) participou de cinco edições de Jogos Paralímpicos de 2000 a 2016 e Atleta 8 (para tênis de mesa) participou de três edições de Jogos Paralímpicos de 1996 a 2012. Isso quer dizer que os documentos orais revelam que esses referidos atletas paralímpicos vivenciaram o esporte não-profissional e depois passaram a contemplar o esporte na esfera do profissionalismo. Para reforçar esse achado, Marques e colaboradores (2015) confirmam que há um aumento da profissionalização dos atletas e Sousa, Corredeira e Pereira (2016) salientam que o atleta paralímpico era amador, mas atualmente pode ser visto como atleta de alta competição.

Durante o momento não-profissional o investimento era inexistente, escasso ou não relacionado diretamente com dinheiro. Como exemplo, alguns espaços físicos para realização de treinamentos eram gentilmente cedidos por instituições (Atletas 1, 2 e 5), também há documentos que expressam que os atletas e as equipes geralmente não tinham treinadores (Atletas 2, 5 e 8). E, ainda, em algumas competições, os atletas recebiam transporte ou, às vezes, recebiam alojamento (Atletas 1, 2 e 4) e treinavam com materiais e estruturas precárias e competiam em condições melhoradas (Atleta 1) e a premiação não era realizada com dinheiro (Atleta 1 e 8). Em complemento sobre a premiação, a Atleta 1, do para atletismo, mencionou que nos Jogos Paralímpicos de Atlanta (1996) a premiação passou a ser em dinheiro, mas a quantidade era pequena.

Os valores das premiações têm aumentado desde as primeiras participações do Brasil em Jogos Paralímpicos. Porém, a cada edição dos Jogos Paralímpico a premiação foi sendo maior (ATLETA 1, 2015). O valor do prêmio depende do tipo de medalha conquistada (ouro, prata e bronze) e conforme a modalidade esportiva (individual ou coletiva). Na edição dos Jogos Paralímpicos de 2016, sediado no Rio de Janeiro, nos esportes individuais, os atletas podiam receber R\$ 60 mil, R\$ 30 mil e R\$ 20 mil reais para medalhas de ouro, prata e bronze, respectivamente. Nos esportes coletivos, os valores da medalha de ouro era R\$30 mil, R\$ 15 mil para prata e o bronze R\$10 mil reais para cada atleta da equipe (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019).

Apresenta-se na sequência trechos dos documentos orais que expressam essa “fase de transição” entre esporte não-profissional para profissional:

[...] Não tinha [incentivo financeiro]. Eu, assim, graças a Deus eu tive várias oportunidades de pegar as fases mais difíceis e pegar o começo da fase boa, de ainda conquistar muitas coisas com o esporte, mas, muitos, não tiveram esta oportunidade. Não conseguiram o que eu tive a oportunidade de conquistar (ATLETA 1, 2015, p. 25).

Igualmente:

E aí 2001, como eu tinha falado pra você, surgiu essa Lei Agnelo Piva, e aí eu consegui deixar o trabalho porque o que eu estava recebendo do Comitê [Comitê Paralímpico Brasileiro] eu conseguia estar investindo só na natação. E, 2002, veio o mundial que eu consegui meus três recordes mundiais (ATLETA 4, 2015 p. 6).

A Lei nº. 10.264/2001, denominada de Lei Agnelo-Piva, mencionada pelo Atleta 4, previa a distribuição obrigatória por parte das Loterias Caixa de 2% de seu faturamento total com Loterias para o esporte brasileiro, sendo 85% deste valor para o esporte olímpico e 15% para o esporte paralímpico (BRASIL, 2001; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2011; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012; CARDOSO et al., 2018c). Posteriormente, a Lei nº. 13.146/2015 ajustou os valores repassados para o esporte brasileiro, sendo 62,96% destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e 37,04% ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) do total de recursos financeiros resultantes (BRASIL, 2015).

Então, o que se percebe são mudanças sociais e políticas, sobretudo garantidas por meio da legislação, que visam contribuir com o desenvolvimento e profissionalização dos esportes paralímpicos no Brasil. Isso ocorre por meio de modificações em torno das representações sociais acerca do esporte paralímpico brasileiro que atuam também no sentido de provocar transformações sociais (COSTA, 1998; VOTRE, 1998). Aqui é válido ressaltar que mudanças políticas acabam sendo percebidas no cenário brasileiro. Então, ainda na década de 1990, as pessoas com deficiência que eram socialmente marginalizadas passam a ser percebidas pela sociedade brasileira. A criação do CPB em 1995,

com a finalidade de liderar as ações das confederações e associações nacionais, também foi um marco importante no desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro (CARDOSO et al., 2016b; MALAFAIA, 2016). Além dessa importante função, em algumas modalidades paralímpicas, o CPB atua como uma Confederação (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013; REIS, 2014). Entre essas modalidades paralímpicas pode-se citar: esgrima em cadeira de rodas, para atletismo, para halterofilismo, para natação e tiro esportivo.

Faz-se necessário aludir que o para atletismo e a para natação contemplam as deficiências física, visual e intelectual. Assim, possuem muitas provas e, com isso, possibilitam uma maior chance de conquista de medalhas (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019a; MAZO et al., 2018). De forma semelhante, ocorre o gerenciamento da modalidade de para tênis de mesa pelo CPB. Em especial, essas modalidades atualmente são geridas pelo CPB e, de fato, já atingiram um *status* de profissionalismo que possibilitam aos atletas se dedicarem exclusivamente ao esporte.

Em acréscimo, salienta-se que a seleção brasileira se concentra para treinar na cidade de São Paulo (Brasil) no Centro de Treinamento Paralímpico. Esse espaço é destinado para treinamentos, competições e intercâmbios de atletas e seleções em 15 modalidades paralímpicas (CARDOSO et al., 2018b; BATAGLION; MAZO, 2019). O Brasil é um dos quatro países do mundo que possui um Centro de Treinamento Paralímpico de excelência, juntamente com China, Coréia do Sul e Ucrânia (FONTES, 2018; SENATORE, 2018). Por outro lado, a existência de um Centro de Treinamento Paralímpico também pode ser entendida como uma forma de perpetuar a segregação entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência.

Como pode-se perceber nos parágrafos anteriores, há atletas que foram contemplados com bolsas, mas também possuíam vínculo empregatício. Outros vivenciaram uma fase de transição, inicialmente trabalhavam e treinavam simultaneamente e depois passaram a receber proventos para investirem na carreira esportiva. Neste caso, as representações sociais apresentaram diferenças interindividuais no que se refere ao profissionalismo e não-profissionalismo no esporte paralímpico. Essa variação alude a uma característica marcante relacionada às representações sociais que é o seu caráter plural. Portanto, as representações sociais podem ser consensuais, mas

também possuem fortes diferenças interindividuais conforme Abric (1994), Doise (1994), Costa (1998) e Moscovici (2003).

Além disso, é provável que essa inconsonância dê-se face aos atletas terem vivenciado o esporte paralímpico em diferentes momentos históricos e sociais. Então, com base nas experiências coletivas e nas condições particulares dos sujeitos, as pessoas constroem representações sobre si mesmas e sobre a realidade que os cerca de modo a articular valores, necessidades e desejos que nortearão sua ação no mundo (RIGOTTO, 1998).

Percebe-se ainda que os atletas que participaram de edições mais recentes de Jogos Paralímpicos tiveram mais suporte financeiro. Sendo assim, com o passar dos anos vêm aumentando o incentivo financeiro para os atletas de algumas modalidades paralímpicas, conforme os documentos orais dos Atletas 6 e 7. Já o Atleta do voleibol sentado relata que as vezes tem recurso, as vezes não, de forma flutuante e não contínua (ATLETA 9, 2015). Logo, as representações sociais consistem em estruturas dinâmicas e, por isso, estão sujeitas a transformações e ressignificações ao longo do tempo (ABRIC, 1994; SPINK, 1993; SCHWARZ; GUEDES; FERRARI, 2018). O bom desempenho esportivo está atrelado ao investimento esportivo. Parece que atingir elevado desempenho esportivo, obter títulos e medalhas acarretam em maiores investimentos para o atleta e para a modalidade paralímpica que praticam. Essa representação social é consensual entre os Atletas 2, 4, 5 e 10.

É nítido perceber que a representação social em torno do financiamento esportivo tem sofrido muitas modificações e construídos novos significados. E, ainda, o financiamento é um elemento que se relaciona diretamente com a evolução do esporte paralímpico no Brasil e com as políticas públicas nacionais. Cardoso et al. (2018c) sugerem que possivelmente o apoio financeiro pode fazer a diferença no desenvolvimento de sua carreira esportiva. O suporte financeiro advindo de formas variadas (bolsas federais, estaduais e municipais, prêmios por conquistas, patrocínio privado) podem possibilitar condições para que o atleta se dedique exclusivamente ao esporte paralímpico e, com isso, possa melhorar seu desempenho em sua modalidade. Para encerrar, é possível supor que, no Brasil, os investimentos financeiros são maiores a medida que o esporte paralímpico passa a se desenvolver de forma mais organizada, bem como a obtenção de resultados e conquistas por parte da delegação brasileira no cenário

esportivo e, ainda, o fato de haver mudanças na representação social em torno da pessoa/atleta com deficiência pela sociedade. E, ainda, Bailey (2008)¹⁸ citado por Marques, Gutierrez e Almeida (2013) indica que o aumento do financiamento destinado ao esporte paralímpico é um elemento que possibilita a ascensão e reconhecimento social para o indivíduo com deficiência. A seguir, apresenta-se as representações sociais sobre o reconhecimento social e esportivo.

b) Reconhecimento Social e Esportivo

Os documentos orais analisados revelam representações sociais acerca do reconhecimento social e esportivo. No domínio do reconhecimento social, a representação social construída e partilhada por alguns atletas faz menção ao reconhecimento que a sociedade passa a atribuir aos atletas paralímpicos (ATLETA 1, 2015; ATLETA 9, 2015; ATLETA 12, 2015), bem como o fato dos próprios pares com deficiência reconhecê-los (ATLETA 2, 2015). Outra representação social deve-se ao reconhecimento da mídia de modo a dar mais visibilidade para pessoa com deficiência, sobretudo aos atletas (ATLETA 4, 2015; ATLETA 5, 2015; ATLETA 8, 2015; ATLETA 9, 2015; ATLETA 12, 2015). Isto posto, a representação social acerca do reconhecimento social assume um relevante e expressivo espaço nos documentos orais analisados.

Logo, é essencial supor que as representações sociais construídas e partilhadas pelos atletas, disponibilizadas nos documentos orais, influenciam e são influenciados pelo contexto sociocultural que o rodeia. Para Retondar (2007, p. 29), “o sujeito que elabora as representações sociais é sempre um sujeito psicológico, porém, influenciado e influenciador do contexto social e cultural que o cerca”. Neste sentido, atribui-se à mídia papel essencial no processo de elaboração e resignificação das representações sociais, uma vez que é composta por palavras, imagens que nutrem um fluxo de informações que circulam na sociedade e podem construir sentidos e significados (JOVCHELOVITCH, 2000; SILVA, 2007b). Portanto, se as representações sociais são definidas por ideias, imagens, crenças e atitudes que estão relacionadas a um objeto, ela é a representação de um indivíduo, grupo ou

¹⁸ Fonte original: BAILEY, S. **Athlete first: a history of the paralympic movement**. West Sussex: John Wiley; Sons; 2008.

classe em relação a outros sujeitos, levando-se em consideração a posição econômica e social que este sujeito ocupa na sociedade, conforme preconiza Jodelet (1989). E, assim, as representações sociais têm por finalidade simbolizar e interpretar a realidade de modo a substituir os sentidos atribuídos a uma dada realidade através de uma imagem ou objeto que os faça representar atribuindo-lhes uma dada significação (RETONDAR, 2007).

Nesta perspectiva, a mídia é um instrumento social capaz de divulgar novas concepções, formar conceitos, crenças, valores e atitudes porque contribuem para a formação de mentalidades e comportamentos sociais vigentes na sociedade (JOVCHELOVITCH, 2000; SILVA, 2007b; DOS SANTOS; MEDEIROS, 2009; CUNHA; PINTO, 2017). Para Jodelet (2002) a comunicação, entre grupos ou de massa, é uma condição para produzir representações sociais porque nesses canais de linguagem circulam informações socialmente partilhados e possibilita aos indivíduos significarem a realidade e suas relações. Moscovici (2003) adiciona que as formas de comunicação, cada vez mais atuais, são capazes de criar e fortalecer representações sociais.

Portanto, a maneira como as pessoas com deficiência são percebidas na sociedade são influenciadas pelas representações sociais veiculadas na mídia (DAHL, 1993; MARQUES, 2001; JODELET, 2002; SHEPARD, 2011; ZHANG; HALLER, 2013; POFFO et al., 2017). Na pesquisa de Marques e colaboradores (2013) salienta-se que há duas formas principais da mídia no esporte paralímpico que são realçar superação da deficiência por parte dos atletas e enfatizar o rendimento e os resultados esportivos. É correto supor que, nos meios de comunicação, a deficiência frequentemente é representada como a única característica da pessoa com incapacidades, enquanto outros aspectos individuais são negligenciados (OLIVER, 1990). Além disso, a mídia pode promover tanto imagens positivas quanto negativas acerca das pessoas com deficiência e, assim, pode produzir estereótipos e estigmas sobre as pessoas com deficiência (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; CUNHA; PINTO, 2017). É interessante atentar, aqui, nos documentos orais analisados, o foco da representação social deixa de ser a pessoa com deficiência e passa a ser o atleta, conforme observado nos documentos orais dos Atletas 4, 8, 9 e 12. Mais além, esses documentos orais indicam que os atletas situam a si próprios como atletas de alto rendimento (ATLETA 2, 2015; ATLETA 3, 2015; ATLETA 4,

2015; ATLETA 6, 2015; ATLETA 9, 2015; ATLETA 12, 2015), sobretudo porque participaram de eventos esportivos de elevada magnitude. É importante, em consequência, salientar que apesar dos Jogos Paralímpicos atingir elevada representatividade no campo esportivo, a mídia não oferece a mesma visibilidade aos atletas paralímpicos, quando comparados aos atletas olímpicos (VLAK; PADJEN; PIVALICA, 2009; STONES; AHMED; WEILER, 2014).

Estudo de Dahl (1993) menciona que já no ano de 1978 os jornais e a televisão americana contemplaram as pessoas com deficiência, contudo as representavam como dependentes ou estranhos. A literatura consultada parece indicar que, na década de 1990, ocorre uma transição e a mídia passa a representar as pessoas com deficiência como herói ou vítima (DAHL, 1993).

No que se refere às pesquisas, há estudos que abordam a relação da mídia com o esporte paralímpico. Entre esses estudos merecem destaque De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009) e Figueiredo (2014a) porque focam na cobertura midiática e suas relações com o gênero e com a participação de mulheres com deficiência, Poffo et al. (2017) investigou estigmas na cobertura jornalística (Folha de São Paulo) dos Jogos Paralímpicos no Brasil e Mazo et al. (2018) analisou a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 a partir do jornalismo impresso gaúcho.

Cabe, ainda, ressaltar que muitas vezes a imprensa traz uma narrativa sobre uma realidade e geralmente privilegia os interesses da classe social dominante e, por isso, torna-se difícil construir representações sociais em prol dos grupos minoritários (SILVA; COSTA; SALLES, 1998; RETONDAR, 2007; BHABHA, 2011). Mas é possível que os grupos sociais específicos e, quiçá minoritários, possam selecionar (re)significar valores representativos de consensualidade próprios, com objetivos práticos e com uma maior mobilidade social (RETONDAR, 2007). Entretanto, conforme os documentos orais analisados, alguns atletas sentiram-se satisfeitos com o reconhecimento da mídia, da sociedade e dos seus pares com deficiência (ATLETA 1, 2015; ATLETA 2, 2015; ATLETA 4, 2015; ATLETA 5, 2015; ATLETA 8, 2015; ATLETA 9, 2015; ATLETA 12, 2015).

Enquanto no domínio do reconhecimento esportivo outra importante representação social identificada foi ser uma referência no campo esportivo (ATLETA 9, 2015; ATLETA 10, 2015; ATLETA 12, 2015). As autoras Brazuna e

Mauerberg-Decastro (2001) destacam que os atletas paralímpicos se tornam exemplos a serem seguidos por seus pares com deficiência que ainda se encontram em diferentes estágios de sedentarismo, de reabilitação, ou de iniciação no esporte para pessoas com deficiência. E diretamente relacionado com a questão do reconhecimento esportivo dos atletas, encontra-se o aumento das exigências e cobranças sofridas pelos atletas. Essa representação social foi localizada nos documentos orais dos Atletas 1, 4, 9 e 11.

Convém sublinhar outra representação social a respeito do reconhecimento social e esportivo é a satisfação pessoal e esportiva, bem como a percepção de competência corroborada pelos Atletas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 12. Em contraponto, os Atletas 11 e 12 mencionam a insatisfação esportiva relacionada a falta de reconhecimento e do esquecimento mediante as instituições. De acordo com os documentos orais dos Atletas 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9 e 10, a satisfação pautada, em parte, no desempenho, na conquista de medalhas e prêmios contribui para a construção da representação social do reconhecimento esportivo.

CONCLUSÃO

Este estudo se detém a olhar de forma atenta para as percepções de atletas com deficiência sobre o esporte paralímpico brasileiro. E, com isso, pode-se desvelar pistas para entender o esporte paralímpico brasileiro. Trata-se de um esporte que, sem dúvidas, tem se desenvolvido de forma expressiva no país, mas ainda apresenta contradições a respeito do financiamento e reconhecimento social e esportivo dos atletas com deficiência.

Sugere-se dar continuidade aos estudos que busquem compreender as representações sociais dos atletas com deficiência. E, mais além, será possível incluir também atletas com deficiência intelectual que, embora recente, também fazem parte do universo paralímpico.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. L'Organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In.: Guimelli, C. **Structures et transformations des**

représentations sociales – Textes de Base em Sciences Sociales. Lausanne: Delachaux et Niestlé. 1994.

ABRIC, J. Las representacionessociales: Aspectosteo´ricos (J.D. Chevel & F.F. Palacios, Trans.). In J. Abric (Ed.), **Prácticas sociales y representaciones** (pp. 11–32). Mexico: Ediciones Coyoacán, 2001.

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JUNIOR, W. Comitê olímpico Brasileiro e o financiamento das confederações brasileiras. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 163-179, mar. 2011.

ATLETA 1, 2015. **Atleta 1**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 2, 2015. **Atleta 2**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 3, 2015. **Atleta 3**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 4, 2015. **Atleta 4**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 5, 2015. **Atleta 5**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 6, 2015. **Atleta 6**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 7, 2015. **Atleta 7**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 8, 2015. **Atleta 8**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 9, 2015. **Atleta 9**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 10, 2015. **Atleta 10**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 11, 2015. **Atleta 11**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 12, 2015. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

AUGUSTO, I.; BRANCATTI, P.R. Esporte adaptado: conceito histórico e evolução na cidade de Presidente Prudente. **The FIEP Bulletin**, v. 80, Special Edition, ARTICLE I, 2010.

BACELAR, J. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, 2004.

BACELLAR, C. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

BAUER, M. Classical content analysis: A review. In.: BAUER, M.; GASKELL, G. (ed.). **Qualitative researching with text, image and sound-A Handbook**. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE. pp. 131-150. 2000.

BHABHA, H. K., Culture's in-between. In.: Stuart Hall e Paul du Gay (orgs.), **Questions of Cultural Identity**, Los Angeles, Sage, pp. 53-60, 2011.

BATAGLION, G. A.; MAZO, J. Z. Paralimpíadas Escolares (2006-2018): evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2019.

BORGMANN, T.; ALMEIDA, J. J. G. Esporte paralímpico na escola: revisão bibliográfica. **Revista Movimento**, v. 21, n. 1, p. 49-64, 2015.

BRASIL. LEI Nº 10.891/04, DE 9 DE JULHO DE 2004. Disponível Em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891.htm. Acessado em: 11 de junho de 2019.

BRASIL. LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>. Acessado em: 20 de agosto de 2018 às 13 horas e 30 minutos.

BRASIL. LEI Nº 10.264, DE 16 DE JULHO DE 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm>. Acessado em 20 de outubro de 2017 às 09 horas.

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm>. Acessado em 04 de setembro de 2019 às 14 horas.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Revista Motriz**, v. 7, n. 2, p. 115-123, Jul-Dez 2001.

CARDOSO, V. D.; GERZSON, L. R.; HAIACHI, M. C.; CONDE, A. J. M.; REPPOLD FILHO, A. R.; ALMEIDA, C. S. O movimento paralímpico brasileiro: Nascimento, estruturação e consolidação. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016b. p. 188.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. The structural and human resources support for Brazilian Paralympic athletes. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 13, p. 1-11, 2018(b).

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. Financial support for paralympic athletes in Brazil. **Journal of Physical Education**, v. 29, p. 1-10, 2018(c).

COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019. **History of the Paralympic Movement**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/120209103536284_2012_02_History%2Bof%2BParalympic%2BMovement.pdf>. Acessado em 12 de junho de 2019.

COSTA, V. L. de M. As representações de aventura e de espaço lúdico entre praticantes de atividades físicas e esportivas de risco e aventura na natureza: estudo do núcleo central. In.: VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. do C.; MELO, V. A. de (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, 180p.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (a). Modalidades disputadas. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/faq>>. Acessado em: 12 de junho de 2019.

CUNHA, M. J.; PINTO, P. C. Representações Mediáticas da deficiência: Um estudo longitudinal na imprensa. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 85, 2017, pp.131-147.

DAHL, M. The role of media in promoting images of disability: disability as metaphor, the evil crip, **Canadian Journal of Communication**, v. 18, n. 1, p. 75-80, 1993.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sídney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DOISE, W. W. Attitudes et representations sociales. In.: JODELET, D (org.). **Les representations sociales**. Paris: PUF, p. 220-238, 1994.

SANTOS, D. S. dos; MEDEIROS, A. G. A. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: O atleta como modelo de comportamento. **Pensar a prática**, v. 12, n. 3, p. 1-11, nov. 2009.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 484-497, out. 2014a.

FIGUEIREDO, T. H. Do Coitadinho ao Super-heroi Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [S.l.], n. 30, p. 48-58, ago. 2014b.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** / FLICK, U. tradução Joice Elias Costa. – 3 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FONTANELLA, B. J. B.; MAGDALENO JÚNIOR, R. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 63-71, jan./mar. 2012.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

GAMBOA, S. S. Pesquisa em Educação Física: As inter-relações necessárias. **Rev. Motrivivência**, p. 34-46, 1994.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter; 1967.

GOODWIN, D.; JOHNSTON, K.; GUSTAFSON, P.; ELLIOTT, M.; THURMEIER, R.; KUTTAL, H. Its okay to be a quad: wheelchair rugby players sense of community. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 26, n. 2, p. 102-117, 2009.

HOWE, P. D. **The cultural politics of the paralympic movement: through an anthropological lens**. New York: Routledge, 2008.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 31-61. JODELET, D. **Représentations sociales**: un domaine en expansion.

JODELET, D.(sous la direction de). Les représentations sociales. 7e éd. Paris: PUF, [1989] 2003.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LINS, S.; MELO, C. F.; ALVES, S. G.; SILVA, R. L. "Our Voices, Our Meaning": The social representations of sports for Brazilian athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 36, n. 1, pag. 42-60, jan. 2019.

MALAFAIA, M. **2004 o ano que mudou o rumo do paradesporto no Brasil: O paradesporto brasileiro antes e depois dos Jogos de Atenas**. 1ª. Ed.: Irium, 2016.

MARQUES, R. F. R.; MARIVOET, S. ; ALMEIDA, M. A. B. ; GUTIERREZ, G. L. ; MENEZES, R. P. ; NUNOMURA, M. . A abordagem midiática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Revista Motricidade**, v. 11, p. 123-147, 2015.

MARQUES, R. F. R., DUARTE, E., GUTIERREZ, G. L., ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365-377, 2009.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 108, p. 87–96, 2016.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 108, p. 87–96, 2016.

MARQUES, C. A. **A Imagem da Alteridade na Mídia**, Rio de Janeiro, CFCH-UFRJ, tese de doutoramento em Comunicação e Cultura, 2001.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paraolímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Rev. educ. fis. UEM**, v. 23, n. 4, Maringá, Oct./Dec., 2012.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da educação física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2013.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de

dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 583-96, Out-Dez. 2013.

MAZO, J. Z.; BEGOSSI, T. D.; SCHMITT, B. D. O jornalismo impresso gaúcho e a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (p. 263-288). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

MONTEIRO, I.; PEREIRA, O.; SILVA, M. A.; PEREIRA, A. L. Terminologia e Estereótipos: o poder sobre as Representações Sociais dos Atletas Paralímpicos. **RPCD**, v. 11, n. 1, p. 104-124, 2008.

MONTEIRO, M. I. C. V. **Representações sociais dos atletas paralímpicos nos Jornais Desportivos Portugueses**: estudo efectuado com recurso à análise de conteúdo dos jornais. Dissertação (Faculdade do Desporto). Universidade do Porto, Porto, 2009, 277f.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. (2015). **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, M. A. de S. G.; VIEIRA, S. C. M.; SILVA, V. P. da; AMORIM, M. do R. de F. B. Representações sociais dos professores de alunos com deficiência. **Cadernos de pesquisa em educação**, Vitória, n. 43, 2016.

OLIVER, M. (1990), **The Politics of Disablement**, Basingstoke, Macmillan and St. Martin's Press. 1990.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016. 2016. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Guia+para+a+mídia+Rio+2016/a26cb813-1e28-4e71-84d8-bd93ea39308c>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

PELINSON, F.; OLIVEIRA-JÚNIOR, C. R. Espionagem no futebol e o caso drone: A representação social construída pela ESPN Brasil. In: ANTUNES, A. C.; OLIVEIRA JÚNIOR, C. R.; RAUSKI, E. F (Org.). **Ciências sociais aplicada: Cotidiano e representações**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018, 178 p.

PEREIRA, O. M. P. G. **Representações sociais dos atletas paralímpicos nos media impresso portugueses**: estudo efectuado em dois jornais diários nacionais generalistas e dois jornais diários nacionais especializados em desporto. Dissertação (Programa em Ciências do desporto). Universidade do Porto, Porto, 2009, 372f.

PEREIRA, O.; MONTEIRO, I.; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência - uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 12, p. 199-217, 2011,

POFFO, B. N. et al. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da folha de S. Paulo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, p. 1353-1366, nov. 2017.

REIS, R. E. **Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

REIS, S. L. D. A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, dez. 2011.

RETONDAR, J. J. M. A noção de representação social nas perspectivas dos estudos da psicologia social e do imaginário social: aproximações e afastamentos (Capítulo 1, pág. 15-44). In.: MONTENEGRO, E.; RETONDAR, J.; MONTENEGRO, P. C. A. (Org.). **Imaginário e representações sociais: corpo, educação, física, cultura e sociedade**. Maceió: EDUFAL, 2007, 410 p.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de Relatos Oraís e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 3, n. 1, p. 116-130, 1998.

ROCCO, F. M.; SAITO, E. T. Epidemiologia das Lesões Esportivas em Atletas de Basquetebol em Cadeira de Rodas. **Acta Fisiatr**.v.13, n.1, p.17-20, 2006.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. P. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n. 1, jun. 2009.

SCHMITT, B. D.; BERTOLDI, R.; ASSMAN, A. B. ; LEDUR, J. A. ; BEGOSSI, T. D. ; MAZO, J. Z. . REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SAÚDE DE ATLETAS PARALÍMPICOS BRASILEIROS. In: MISSIAS-MOREIRA, Ramon; SALES, Zenilda Nogueira; FREITAS, Vera Lúcia Chalegre de; VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro. (Org.). **Representações sociais, educação e saúde: um enfoque multidisciplinar**. 1ed.Curitiba: CRV Editora, 2017, v. 1, p. 171-183.

SCHMITT, B. D.; BEGOSSI, T. D.; ASSMANN, A. B.; BERTOLDI, R.; MAZO, J. Z. O Brasil nos Jogos Paralímpicos: uma análise da construção das identidades esportivas de atletas. **Rev. Bras. Med. Esp**. 2018;24(6):1-130 (supp.). Anais do VI Congresso Paradesportivo Internacional – Comitê Paralímpico Brasileiro.

SCHWARZ, M. L.; GUEDES, S. P. L. C.; FERRARI, C. D. P. O patrimônio cultural sob o viés das representações sociais. In: MISSIAS-MOREIRA, R.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; SERVO, M. L. S. **Representações sociais e seus diversos olhares**. Curitiba: CRV, p. 187-201, 2018.

SENATORE, V. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt, cidade de São Paulo. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

SHEPARD, N. P. Representing disability in an ableist world: essays on mass media”, **Journalism and Mass Communication Quarterly**, v. 88, n. 3, p. 678-679, 2011.

SILVA, M. C. S. C. **Inclusão e deficiência: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal/RN**. 2007. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007(b).

SILVA, A. A. C.; MARQUES, R. F. R.; PENA, L. G. S.; MOLCHANSKY, S.; BORGES, M.; CAMPOS, L. F. C. C.; ARAÚJO, P. F. J. P. B.; GORLA, J. I. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, v. 27, n. 4, São Paulo, Oct./Dec. 2013.

SILVA, M. C. de P.; COSTA, M. de M.; SALLES, J. G. do C. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In.: VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. do C.; MELO, V. A. de (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, 180p. Capítulo 6.

SIQUEIRA, P. C. A representação do atleta paralímpico na mídia paranaense. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Edição Especial: Anais do IX Ciclo de debates sobre jornalismo da Unibrasil, v. 2, n. 11-suppl., p. 1-16, 2013.

SOUSA, A.; CORREDEIRA, R.; PEREIRA, A. L. Evolução do desporto paralímpico em Portugal – Do amadorismo à profissionalização. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), p. 147, 2016.

SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, 3, p. 300-308, jul/set, 1993.

STONES, R.; AHMED, O. H.; WEILER, R. How disability can win England the World Cup. **British Journal of General Practice**, Londres, v. 64, n. 623, p. 298, jun. 2014.

TELLES, S.; LÜDORF, S.; PEREIRA, E. **Pesquisa em Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

VLAK, T.; PADJEN, I.; PIVALICA, D. Paralympians-unknown heroes next door. **Croatian Medical Journal**, Zagreb, v. 50, n. 6, p. 527-530, dez. 2009.

VOTRE, S. J. Etnografia da representação social em atividade físico-esportiva. In.: VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. do C.; MELO, V. A. de (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, 180p.

WINCKLER, C.; MELLO, M. T. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

ZHANG, L.; HALLER, B. "Consuming image: how mass media impact the identity of people with disabilities", **Communication Quaterly**, v. 61, n. 3, p. 319-334, 2013.

3 ESTUDO II: PERCEPÇÃO DOS TREINADORES SOBRE O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender a percepção de treinadores de seleções brasileiras paralímpicas sobre o esporte paralímpico. Trata-se de uma pesquisa campo de caráter qualitativa. Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram entrevistados sete treinadores paralímpicos participantes de Jogos Paralímpicos. Os treinadores foram convidados a participar do estudo via ligação telefônica. Posteriormente, as entrevistas foram agendadas e realizadas individualmente. As entrevistas foram gravadas e transcritas e, em seguida, retornaram aos treinadores para conferência. Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se a leitura sucessiva das mesmas, identificando-se eixos temáticos: a) Formação e Atuação Profissional; e, b) Reconhecimento Social, Financeiro e Esportivo. As entrevistas foram analisadas por meio de análise documental temática (FLICK, 2009) a partir dos temas selecionados *a posteriori*. O *software* Nvivo auxiliou na organização das informações. Quanto a formação e atuação profissional, quase todos treinadores possuem nível superior e trabalharam com pessoas com deficiência desde a graduação, com modalidades paralímpicas distintas. Quanto ao reconhecimento social, financeiro e esportivo, foi unânime a representação social do esporte paralímpico ser alto rendimento e profissional, embora não seja uma realidade para todas as modalidades e treinadores. Apenas um treinador se dedica exclusivamente à seleção brasileira. Diversos fatores influenciam na profissionalização. A mídia dá mais destaque ao esporte olímpico e à atletas do que à treinadores paralímpicos. Parece que as conquistas esportivas e a participação em Jogos Paralímpicos aumentam o reconhecimento social, financeiro e esportivo.

Palavras chave: Esporte paralímpico. Treinadores. Jogos Paralímpicos.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand the social representations of coaches of Brazilian Paralympic teams about Paralympic sport. It is a field research of qualitative character. This study was approved by the Research Ethics Committee and all signed the Informed Consent Form. Seven paralympic coaches participating in Paralympic Games were interviewed. The coaches were invited to participate in the study via telephone call. Subsequently, the interviews were scheduled and conducted individually. The interviews were recorded and transcribed and then returned to the conference coaches. After transcribing the interviews, they were read in succession, identifying thematic axes: a) Training and Professional Performance; and, b) Social, Financial and Sports Recognition. The interviews were analyzed through thematic documentary analysis (FLICK, 2009) based on the themes selected later. Nvivo software helped in the organization of information. As for training and professional performance, almost all coaches have a college degree and have worked with people with disabilities since graduation, with different paralympic modalities. As for social, financial and sports recognition, it was unanimous that the social representation of Paralympic sport is high performance and professional, although it is not a reality for all sports and coaches. Only one coach is exclusively dedicated to the Brazilian team. Several factors influence the professionalization. The media places more emphasis on Olympic sport and athletes than paralympic coaches. It seems that sporting achievements and participation in Paralympic Games increase social, financial and sporting recognition

Key Words: Paralympic Sport. Coaches. Paralympic Games.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, cresceu o interesse pela participação de pessoas com deficiência nos esportes paralímpicos (VITAL et al., 2007; CARDOSO, 2011; WESSELS; BROGLIO; SOSNOFF, 2012; BERGAMINI et al., 2015; SOUTO; OLIVEIRA; SANTOS FILHO, 2016). Os esportes paralímpicos compreendem modalidades esportivas criadas ou modificadas para suprir as necessidades das pessoas com deficiência, sendo atualmente 22 modalidades de verão e seis de inverno (WINNICK, 2011; MAUERBERG-DECASTRO, 2005; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013; REIS, 2014; COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019a). O esporte paralímpico como um todo é mais complexo do que o esporte em geral em razão da diversidade de perfis de atletas que se relaciona aos tipos e graus de deficiência que repercutem no campo esportivo e no sistema de competição (VITAL et al., 2007; MARTÍNEZ-FERRER, 2008; BARNET et al., 2015).

Além disso, percebe-se que as pesquisas sobre o esporte paralímpico aumentaram nas últimas décadas, contudo, ainda há lacunas quanto à produção científica sobre tais temáticas (FREITAS; CIDADE, 2002; PÉREZ-TEJERO, 2009; WESSELS; BROGLIO; SOSNOFF, 2012; SOUZA; SILVA; MOREIRA, 2016). Isto posto, majoritariamente essas pesquisas analisam o esporte paralímpico sob prisma da mídia ou, por vezes, a partir da percepção dos atletas (SCHMITT et al., 2017; SCHMITT et al., 2018; LINS et al., 2019). Todavia, poucos são os estudos desenvolvidos na perspectiva dos treinadores paralímpicos (CAMPEÃO; CIESIELSKI JÚNIOR; GORLA, 2018; DANTAS, 2018; DUARTE, 2018; PENA, 2018; SANTOS; MAIOLA; 2018). Embora, Lins e colaboradores (2019) encorajam o desenvolvimento de pesquisas a partir da concepção de treinadores e dirigentes paralímpicos. Afinal, o universo paralímpico é marcado por atores sociais distintos que incluem atletas, treinadores e dirigentes esportivos (BARNET et al., 2015; MELO et al., 2018).

Face à complexidade do esporte paralímpico, os conhecimentos que os treinadores paralímpicos precisam agregar a sua prática profissional de modo a auxiliar na elaboração de programas de treinamento quanto às modalidades esportivas paralímpicas e à funcionalidade dos atletas versam sobre: aspectos pertinentes ao direcionamento da formação, hábitos e estilo de vida dos atletas,

acessibilidade das instalações esportivas, adaptabilidade dos meios de transporte à eventuais limitações de mobilidade dos atletas, iniciação esportiva, aos diversos níveis de aprendizagem, a sistemas de competição, montagem, manuseio e/ou manutenção de equipamento específico, aspectos do contexto familiar e social dos atletas, aspectos fisiológicos, biomecânicos e psicológicos (CREGAN; BLOOM; REID, 2007; MARTÍNEZ-FERRER, 2008; BARNET et al., 2015; MACDONALD et al. 2015). Além disto, o papel do profissional que ocupa este cargo de treinador contempla as funções de treinador esportivo, gestor, líder e educador (JONES, 2006; CÔTÉ; GILBERT, 2009).

A obra organizada por Oliveira e Haiachi (2018) possui uma sessão específica voltada para os olhares dos treinadores paralímpicos. Na sessão desta obra, os textos se referem a modalidade de para canoagem (SANTOS; MAIOLA; DUARTE, 2018), ao rúgbi em cadeira de rodas (PENA, 2018), à bocha paralímpica (CAMPEÃO; CIESIELSKI JÚNIOR; GORLA, 2018) voleibol sentado (DANTAS, 2018). O trabalho de Saraiva (2016), por sua vez, por meio de inquérito *online*, pronuncia-se sobre a formação profissional de treinadores de esportes para pessoas com deficiência portuguesas. É possível perceber que há algumas publicações com o enfoque para treinadores de esportes para pessoas com deficiência.

Isto posto, o objetivo desse estudo foi compreender a percepção de treinadores de seleções brasileiras paralímpicas sobre o esporte paralímpico

METODOLOGIA

Essa pesquisa de campo¹⁹ de caráter qualitativa²⁰ foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (número do parecer consubstanciado 2.394.882) (Anexo C).

¹⁹ O trabalho de campo consistiu na combinação entre o levantamento bibliográfico e a coleta de informações a partir de entrevistas, conforme preconiza Minayo (2001; 2002; 2007). O trabalho de campo também se mostra como uma possibilidade de obter aproximação com o dado empírico que se deseja conhecer e possibilita a criação de um conhecimento a partir da realidade presente no campo (MINAYO, 2007). A pesquisa de campo foi direcionada para a produção de fontes orais por meio da realização de entrevistas.

²⁰ Para Minayo (2007) a pesquisa qualitativa compreende as seguintes fases: exploratória, trabalho de campo e análise do material empírico e documental.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D).

Para a realização deste estudo, recorreu-se ao acervo disponibilizado pelo Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte (NEHME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para identificar e contatar treinadores paralímpicos brasileiros que atuaram em Jogos Paralímpicos. Na sequência, foram localizados nomes e números de telefones de treinadores paralímpicos. Assim, 11 treinadores foram convidados a participar do estudo por meio de contato telefônico ou por redes sociais de modo que fossem informados sobre os objetivos do trabalho. Desses, foram entrevistados sete treinadores paralímpicos brasileiros sem deficiência, com idades entre 31 a 53 anos, vinculados a modalidades²¹ individuais e coletivas. Os treinadores entrevistados não tiveram seus nomes revelados a fim de preservar suas identidades e foram identificados por algarismos arábicos. Apresenta-se no Quadro 2 informações sobre os treinadores entrevistados neste estudo.

Quadro 2 – Informações sobre os treinadores de seleções brasileiras paralímpicas entrevistados.

Identificação	Seleção brasileira da modalidade paralímpica	Ano de participação em Jogos Paralímpicos
Treinador 1	Bocha	2008, 2012, 2016
Treinador 2	Voleibol sentado	2012, 2016
Treinador 3	Tênis em cadeira de rodas	2012, 2016
Treinador 4	Futebol de cinco	2004, 2008
Treinador 5	Basquetebol em cadeira de rodas	2016
Treinador 6	Para natação	2016
Treinador 7	Para natação	2016

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Como critério de inclusão foram considerados treinadores de nacionalidade brasileira de modalidades paralímpicas que integrem ou que já tenham integrado o quadro de treinadores de seleções brasileiras paralímpicas e que participaram de pelo menos uma edição de Jogos Paralímpicos.

²¹ A partir de sugestão do Comitê Paralímpico Brasileiro, as modalidades paralímpicas que possuem modalidade correspondente olímpica (tradicional) devem ser escritas com o prefixo “para”.

Após concordarem em participar do estudo, foi agendada uma data para realização da entrevista de acordo com a disponibilidade dos treinadores. Posteriormente, as entrevistas foram realizadas individualmente por meio de ligação telefônica e tiveram duração média de 37 minutos²² (tempo total de duração das entrevistas foi 4 horas, 18 minutos e 46 segundos). As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado (ANEXO E).

As entrevistas foram gravadas de modo a possibilitar a transcrição literal de acordo com as orientações de Duarte (2004). Após estarem devidamente transcritas, as entrevistas retornaram aos treinadores para conferência. Em seguida, procedeu-se a leitura sucessiva das transcrições de modo que fosse possível identificar a *posteriori* os dois temas centrais mais latentes: a) Formação e Atuação Profissional; e, b) Reconhecimento Social, Financeiro e Esportivo. Foi utilizado o *software* Nvivo (versão 11) para auxiliar na organização das transcrições. Por meio das transcrições das entrevistas, as informações foram analisadas por meio da técnica de análise temática (FLICK, 2009).

Para interromper o processo de produção de fontes orais, adotou-se o critério de saturação teórica, método comumente utilizado no âmbito das investigações qualitativas (GLASER; STRAUSS, 1967; FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; FONTANELLA; MAGDALENO JÚNIOR, 2012)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista que esse estudo tem por finalidade compreender as percepções de treinadores de seleções brasileiras sobre o esporte paralímpico brasileiro. Face a subjetividade que circunda o estudo da percepção, há de se considerar que “não há separação entre o que é social e o que é psicológico”, conforme expõe Retondar (2007, p. 28). Isto posto, entende-se que o social é formado pelas construções mentais dos indivíduos e estas se voltam para eles. Bacelar (2004) acrescenta que as representações sociais não são as mesmas para todos os membros da sociedade, pois dependem tanto do conhecimento de senso comum (ou popular), como do contexto sociocultural em que os indivíduos

²² Para a realização das transcrições das entrevistas foram investidas aproximadamente 17 horas.

estão inseridos. Portanto, as fontes orais obtidas para esse estudo podem conter tanto representações sociais individuais, quanto representações sociais coletivas. A seguir os resultados são organizados de acordo com os três temas de análise.

a) Formação e atuação profissional de treinadores no campo do esporte paralímpico

O primeiro tema explora o esporte paralímpico a partir da formação profissional e ingresso na atuação profissional nos esportes para pessoas com deficiência. Logo, evidenciou-se que todos os treinadores entrevistados possuem curso de nível superior em Educação Física, exceto o Treinador 3 que, no decorrer da entrevista, mencionou que gostaria de informar que não possui curso superior. Majoritariamente, os treinadores conheceram os esportes para pessoas com deficiência durante o curso de graduação (TREINADOR 1, 2018; TREINADOR 2, 2018; TREINADOR 4, 2018; TREINADOR 5, 2018; TREINADOR 7, 2018), embora também tenham começado a lidar diretamente com pessoas com deficiência a partir das exigências da atuação profissional (TREINADOR 6, 2018).

Para os treinadores entrevistados, desde quando ingressaram no esporte para pessoas com deficiência tiveram a oportunidade de trabalhar com modalidades esportivas diferentes daquelas que lhes confeccionaram a condição de treinador de seleção brasileira (TREINADOR 1, 2018; TREINADOR 2, 2018; TREINADOR 4, 2018; TREINADOR 5, 2018) ou, ainda, sempre trabalharam com a mesma modalidade esportiva que lhes confeccionaram a condição de treinador de seleção brasileira paralímpica (TREINADOR 3, 2018; TREINADOR 6, 2018; TREINADOR 7, 2018). Para exemplificar, o Treinador 1, iniciou sua trajetória profissional nos esportes para pessoas com deficiência a partir de modalidades distintas, quais foram: basquete em cadeira de rodas, bocha, tênis em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, para atletismo e para natação. Nessa mesma lógica, o Treinador 2 iniciou no para atletismo e na para natação, mas sagrou-se treinador e medalhista paralímpico em voleibol sentado. Já o Treinador 4 se engajou nos esportes para pessoas com deficiência visual e, posteriormente, passou a se dedicar ao futebol de cinco. Já o Treinador

5 trabalha com futebol e recebeu um convite para atuar também com a modalidade de basquete em cadeira de rodas.

Por outro lado, também há treinadores que já iniciaram a atuação profissional na modalidade paralímpica que lhes possibilitou atuar na seleção brasileira e participar de Jogos Paralímpicos. Neste caso, o Treinador 3, sempre atuou na modalidade de tênis e, eventualmente, conheceu o tênis de cadeira de rodas a partir da matrícula de pessoas com deficiência física em suas turmas, os quais desejaram iniciar a prática esportiva. Em contrapartida, os Treinadores 6 e 7 sempre se dedicaram a natação e, posteriormente, passaram a atuar na modalidade paralímpica denominada para natação. Para melhor visualização dessas informações sobre a formação e a atuação profissional, apresenta-se a Tabela 1.

Tabela 1 – Formação profissional e ingresso na atuação profissional nos esportes para pessoas com deficiência.

Representações Sociais	Característica da formação	Treinadores (T)
Formação	Acadêmica (nível superior completo) *	T1 T2 T4 T5 T6 T7
	Empírica (sem nível superior)	T3
Atuação Profissional	Diferentes modalidades esportivas	T1 T2 T4 T5
	Mesma modalidade esportiva	T3 T6 T7

Legenda: T – Treinadores; * Formação acadêmica em Educação Física.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

No que se refere a representação social do ingresso na atuação profissional nos esportes para pessoas com deficiência, três treinadores iniciaram sua atuação profissional já nas modalidades esportivas que lhes possibilitaram compor o quadro de treinadores de seleção brasileira; enquanto quatro treinadores começaram a atuar com o esporte para pessoas com

deficiência a partir de diversificadas modalidades. Isso se encaixa na perspectiva estrutural das representações sociais, onde o núcleo periférico permite que as representações sobre um determinado objeto não sejam consensuais entre os sujeitos do mesmo grupo social (ABRIC, 2001; COLLARES-DA-ROCHA; BELLO, 2018; LINS et al., 2019).

Em adição, de acordo com Senatore (2018), foi no ano de 1987 que uma disciplina voltada para pessoas com deficiência foi inserida em cursos de Educação Física, quando o currículo se estendeu de três para quatro anos.

[...] até 1985 tinha 109 escolas de educação física no Brasil em 1985. Hoje tem mais de 2 mil pelo Brasil todo. Das 109, só 7 tinham na graduação Educação Física Adaptada. 90% dos profissionais, como eu, saíam das escolas formados sem nunca ter ouvido falar de deficientes. Isso passou a ser diferente a partir de 1987, quando entrou na grade curricular dos quatro anos a obrigatoriedade de ter a disciplina de educação física adaptada, especial, aí o nome cada faculdade põe um nome (SENATORE, 2018, p. 13 e 14).

A iniciativa de propor disciplinas na graduação indicam transformações sociais. Carrillo (2014) expõe que a Educação Física, enquanto área importante para o desenvolvimento humano, não pode estar à margem das mudanças políticas e sociais e, assim, deve possibilitar a inclusão social e promover o acesso às práticas e benefícios do movimento humano à todos, sem discriminação. Para Barbosa e Silva (2016) os cursos de Educação Física abordam conteúdos relacionados aos esportes adaptados com o propósito de preparar futuros profissionais a atuarem com pessoas com deficiência. Destaca-se ainda as Resoluções 03/1987, 02/2015 e 08/2008 que são um marco para o campo da educação física para pessoas com deficiência e resultaram de transformações sociais.

Ademais, para alguns dos treinadores entrevistados foi durante a graduação que se depararam com os esportes adaptados (TREINADOR 1, 2018; TREINADOR 2, 2018; TREINADOR 4, 2018; TREINADOR 5, 2018; TREINADOR 7, 2018), enquanto para outros foi a própria exigência do mercado profissional (TREINADOR 6, 2018) que lhes provocou a trabalhar com pessoas com deficiência. Acrescenta-se, de acordo com Nunn (2008), geralmente os atletas com deficiência procuram treinadores não por seu conhecimento sobre esporte adaptado, mas, sim, por seu envolvimento com uma determinada

modalidade esportiva; afinal, é mais fácil um treinador aprender sobre deficiência do que sobre uma modalidade nova.

Isto posto, as representações sociais sobre a formação profissional se referiram ao título de graduação no curso de nível superior em Educação Física, sendo essa representação social compartilhada pela maioria dos treinadores entrevistados. Contudo, face ao Treinador 3 não possuir nível superior, há uma variação individual nessa representação social coletiva, prevista nos pressupostos teóricos de Moscovici (2003).

Destaca-se, ainda, que esses achados corroboram com o trabalho desenvolvido por Saraiva (2016) que, por sua vez, verificou que treinadores portugueses apresentam uma ampla diversidade quanto à formação profissional, sendo que a maioria possui nível superior (em licenciaturas ou educação física) e outra parcela não possui formação superior. Especificamente os resultados obtidos nesse estudo, com treinadores paralímpicos brasileiros, seis possuem graduação em educação física. O trabalho de Ramos e colaboradores (2014) endossa o achado de que a graduação é um importante fator para o ingresso na carreira de treinador. Já Barbosa e Silva (2016) apontam para a importância dos cursos de Educação Física instigarem os acadêmicos a trabalharem com pessoas com deficiência em diferentes contextos.

Sendo assim, nota-se que as representações sociais sobre o ingresso na atuação profissional dos treinadores ocorreram em modalidades esportivas para pessoas com deficiência variadas, sendo posterior o engajamento específico na modalidade paralímpica que conferiu aos treinadores a oportunidade de representar o Brasil em Jogos Paralímpicos. Ou, ainda, outra variação dessas as representações sociais indicam o ingresso na atuação profissional dos treinadores também podia ocorrer diretamente já na modalidade paralímpica onde os treinadores assumiram cargos na seleção brasileira.

b) Reconhecimento social, financeiro e esportivo de treinadores paralímpicos

O segundo tema são o reconhecimento social, financeiro e esportivo. A dimensão do reconhecimento social, financeiro e esportivo revelam inúmeros desafios para os treinadores, as quais frequentemente se entrelaçam fortemente

na trama que se tece na sequência. Merece destaque a representação social do esporte paralímpico ser reconhecido como alto rendimento. Para todos os treinadores entrevistados, o esporte paralímpico deve ser compreendido como alto rendimento. Porém, a sociedade brasileira ainda, apresenta muito desconhecimento sobre o universo do esporte paralímpico. Por muito tempo, a representação social do esporte paralímpico ser alto rendimento não era aceito pela população brasileira. Destarte, há incongruências entre as representações sociais sobre o esporte paralímpico como alto rendimento sob ótica dos treinadores e da sociedade, conforme o exposto:

[...] então o esporte pra pessoas com deficiência não é um esporte de coitados não, é um esporte de reabilitação, um esporte de fazer bondade, e existe um rendimento por trás disso. E aí a imprensa brasileira e a própria população brasileira começou a enxergar isso com outros olhos, e isso começou a fazer diferença, isso em Sidney 2000 (TREINADOR 2, 2018, p. 11).

Observa-se que a representação social do esporte paralímpico ser alto rendimento é corroborada por todos os treinadores paralímpicos entrevistados, embora não pertençam às mesmas modalidades esportivas. Neste caso, de acordo com Abric (2001), essa representação já foi construída pelo grupo social dos treinadores paralímpicos e agora é focada exclusivamente no objeto que representa (neste caso, o esporte paralímpico). Ainda na perspectiva estrutural, essa representação social coletiva ocupa espaço no núcleo central, uma vez que é consensual para o grupo social, estável, coerente e resistente a mudanças (ABRIC, 2001; COLLARES-DA-ROCHA; BELLO, 2018; LINS et al. 2019). Para Retondar (2007), representação social coletiva é estável porque é exterior às consciências individuais porque não se fundamenta nos indivíduos isoladamente (ultrapassam os próprios indivíduos).

Com o intuito de contextualizar as representações compartilhadas pelos treinadores supracitados, é de grande valia retornar para a caracterização do contexto a que a referem. Sendo assim, os treinadores que entendem o esporte paralímpico como alto rendimento representaram a seleção brasileira em modalidades esportivas coletivas e/ou individuais. Além disso, percebe-se que participaram de edições de Jogos Paralímpicos no período compreendido entre 2004 a 2016 (Quadro 2). Faz-se necessário aludir que o esporte paralímpico é

considerado por pesquisadores como um esporte profissional legítimo, de alta qualidade competitiva e de rendimento e não apenas uma experiência social (WINNICK; 2004; 2011; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012; PARSONS; WINCKLER, 2012; REIS, 2014; SOUSA; CORREDEIRA; PEREIRA, 2016; REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017). Para a psicóloga social brasileira Spink (1993), as representações sociais também se alimentam de dados provindos da ciência.

Contudo, essas representações sociais de esporte paralímpico ser alto rendimento não é consensual. Apesar de ser consensual entre os treinadores, apresenta discordâncias entre as representações sociais da sociedade. Em contrapartida, apesar das entrevistas revelarem que o esporte paralímpico tem sido, cada vez mais reconhecido pela sociedade e pela mídia, ainda necessita receber reconhecimento profissional.

Vinculado ao esporte de alto rendimento, existe a representação do esporte paralímpico ser profissional. Os treinadores manifestam o pensamento de que algumas modalidades de esportes paralímpicos são profissionais para os atletas, mas para os treinadores ainda está muito atrás (TREINADOR 1, 2018; TREINADOR 2, 2018; TREINADOR 3, 2018; TREINADOR 4, 2018). Mais além, o Treinador 3 (2018) enfatiza que o esporte de base é amador e o Treinador 4 (2018) menciona que o esporte escolar é amador. Para Howe (2008), a questão do profissionalismo no esporte paralímpico é recente e ainda está em crescimento.

Retomando a atenção para a teoria na perspectiva estrutural, essa representação social individual ocupa espaço no núcleo periférico, pois é flexível, permite a integração de experiências e histórias individuais, e ainda tolera a heterogeneidade do grupo e contradições (ABRIC, 2001; COLLARES-DA-ROCHA; BELLO, 2008; LINS et al. 2019). Acrescenta-se que a representação social individual é instável porque não fornece a percepção de conjunto das sensações imediatas que foram vividas e também não é passível de ser transformada em conceitos socialmente partilhados (RETONDAR, 2007). De acordo com Rigotto (1998) as representações sociais variam em conformidade com as experiências coletivas e nas condições particulares de cada indivíduo.

Em complemento, perante a legislação brasileira, o esporte profissional se caracteriza pela “remuneração pactuada em contrato especial de trabalho desportivo, firmado com entidade de prática desportiva”; enquanto, o esporte

não-profissional consiste na “liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio” (BRASIL, 1998). Nesse sentido, destaca-se que todos os treinadores entrevistados possuem vínculo empregatício paralelamente à função de treinador de seleção brasileira paralímpica, exceto o Treinador 6 que é contratado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e atua exclusivamente como treinador da seleção.

Não há um consenso entre os treinadores entrevistados a respeito do esporte paralímpico ser profissional ou não-profissional. Assim, para os Treinadores 1, 2, 6 e 7 há atletas paralímpicos que são profissionais, mas essa realidade não pertence a todos. Já para os Treinadores 2 e 4 os esportes paralímpicos eram não-profissionais, mas ao longo do tempo têm se tornado profissionais. É curioso salientar que o Treinador 4 atuou como líder da seleção brasileira de futebol de cinco na primeira participação da modalidade em Jogos Paralímpicos, em 2004 e continuou no ciclo paralímpico de 2008. E, desde então, o Brasil se tornou uma referência na modalidade de futebol de cinco e coleciona títulos e inúmeras medalhas.

Em continuidade, para o Treinador 3 o tênis em cadeira de rodas é não-profissional, enquanto para o Treinador 5 o time de basquete em cadeira de rodas é composto por atletas que atuam de forma semi-profissional e para a equipe técnica é um trabalho voluntário. O Treinador 3 e 4 também citam o voluntarismo que circunda a atuação dos treinadores. De outra forma, o Treinador 1 acrescenta que os atletas paralímpicos possuem maior reconhecimento financeiro do que os treinadores. E, ainda, apesar do treinador ser profissional, seu reconhecimento financeiro não é compatível com essa representação social.

Outro indicativo interessante é que a representação social do profissionalismo esporte paralímpico está ligada à modalidade paralímpica que se refere, ao órgão que a rege e aos resultados dos atletas. O trabalho de Lins et al. (2019) indicam que o fato de atletas paralímpicos estarem engajados em modalidades diferentes leva a distintas representações sociais para o mesmo objeto social. De maneira análoga, os achados do presente estudo podem sugerir que o mesmo ocorre com treinadores paralímpicos advindos de modalidades diferentes. Além disso, os Treinadores 3 e 5, referente às

modalidades de tênis e basquete em cadeira de rodas respectivamente, são geridos pelas confederações brasileiras da modalidade e não pelo Comitê Paralímpico Brasileiro e alegam que suas modalidades sofrem maiores dificuldades em se tornarem profissionais, pois a confederação regulamenta a modalidade olímpica e sua correspondente paralímpica. Atenta-se ao fato de que a organização e estruturação do esporte paralímpico se difere do esporte olímpico brasileiro (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017). Deste modo, o esporte paralímpico brasileiro se organiza a partir de três maneiras diferentes, quais sejam: as modalidades paralímpicas podem ser gerenciadas por entidades específicas de esportes paralímpicos; a modalidade paralímpica pode ser gerida pela mesma entidade que organiza a sua modalidade esportiva convencional correspondente; e, o Comitê Paralímpico realiza a gestão da modalidade paralímpica (REIS, 2014).

Nesse panorama, alguns treinadores acreditam que a profissionalização dos esportes varia de acordo com as regiões geográficas do país, com especial atenção para os estados do Paraná, Goiás e São Paulo (TREINADOR 1, 2018; TREINADOR 2, 2018; TREINADOR 4, 2018; TREINADOR 5, 2018; TREINADOR 6, 2018). Acredita-se que as políticas públicas criadas para oportunizar o esporte paralímpico para pessoas com deficiência se destaca como ações dos governos federal, estadual e municipal (REIS, 2014; PEREIRA DA SILVA, 2015; CARDOSO et al., 2018b). É válido ressaltar, ainda, que essas representações sociais dizem respeito a treinadores de seleção brasileira. Logo, nos clubes e associações pelo país afora essa realidade deve ser mais complicada de modo a prevalecer o *status* de amadorismo em detrimento da profissionalização.

A mídia possui papel fundamental para as representações sociais, do ponto de vista dos treinadores paralímpicos. A mídia, expressa por palavras e imagens que fornecem informações que circulam pela sociedade, influenciam as representações sociais a medida que podem construir sentidos e significados ao objeto de estudo (SILVA, 2007b). A mídia dá mais destaque para os esportes olímpicos e para os atletas sobretudo advindos de esportes masculinos, conforme preconiza Vlak, Padjen e Pivalica (2009) e Stones, Ahmed e Weiler (2014). É importante, em consequência, salientar que apesar dos Jogos Paralímpicos atingirem elevada representatividade no campo esportivo, a mídia não

oferece a mesma visibilidade aos atletas paralímpicos, quando comparados aos atletas olímpicos. Os treinadores paralímpicos são pouco apreciados pela mídia brasileira, conforme pode ser observado no trabalho de Mazo, Begossi e Schmitt (2018) as reportagens jornalísticas majoritariamente abordaram os atletas, às modalidades e o próprio evento dos Jogos Paralímpicos. Portanto, parece, de fato, que os treinadores, por vezes, caem no esquecimento da mídia.

Outrossim, constatou-se que está proporcionalmente atrelado ao reconhecimento social está não só a questão dos resultados conquistados aumentarem o reconhecimento social, financeiro e esportivo, mas também a participação em Jogos Paralímpicos e a conquista de medalhas, tanto social como esportiva dos treinadores. Essa representação social foi identificada na entrevista de todos os treinadores participantes deste estudo. No Estudo I, essa mesma representação social foi relatada pelos atletas paralímpicos, os quais revelaram que o bom desempenho esportivo propicia maior reconhecimento social, esportivo e financeiro.

CONCLUSÃO

Esse estudo permite identificar que os cursos de graduação encorajam a atuação com o esporte para pessoas com deficiência. Além disso, a atuação profissional dos treinadores paralímpicos na esfera do alto rendimento é marcada por desafios como os salários inferiores ao de atletas para algumas modalidades. A falta de reconhecimento midiático e financeiro para treinadores paralímpicos foi relatada pelos entrevistados, embora as conquistas esportivas e a participação em Jogos Paralímpicos aumentam o reconhecimento.

Recomenda-se o desenvolvimento de mais pesquisas com treinadores de modalidades paralímpicas. Nesta lógica, no futuro, é possível entrevistas treinadoras mulheres, treinadores que possuem deficiência e treinadores de atletas escolares.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. Las representacionessociales: Aspectosteoóricos (J.D. Chevel & F.F. Palacios, Trans.). In J. Abric (Ed.), **Prácticas sociales y representaciones** (pp. 11–32). Mexico: Ediciones Coyoacán, 2001.

BACELAR, J. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, 2004.

BARBOSA, J. S.; SILVA, A. P. S. Esportes adaptados na formação profissional do bacharel em Educação Física. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016. p. 457.

BARNET, S.; BERNAL, J. S.; MARTÍNEZ-FERRER, J. O.; BALIC, M. G. Engagement y trayectoria profesional en técnicos de deporte adaptado. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, 1, 245-254, 2015.

BRASIL. LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>. Acessado em: 20 de agosto de 2018 às 13 horas e 30 minutos.

CAMPEÃO, M. S.; CIESIELSKI JÚNIOR, D. F.; GORLA, J. I. Os desafios da bocha para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 (p.285-309). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores**. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. The structural and human resources support for Brazilian Paralympic athletes. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 13, p. 1-11, 2018(b).

CARRILLO, J. H. P. **A disciplina Educação Física Adaptada nas Universidades do Chile**. Campinas, SP: 2014. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. 145.

COLLARES-DA-ROCHA; J. C. C.; BELLO, R. S. A interação e a tradição nas representações sociais de comunidade para estudantes de psicologia. In: MISSIAS-MOREIRA, R.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; SERVO, M. L. S. **Representações sociais e seus diversos olhares**. Curitiba: **CRV**, 2018, p. 43-53.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (a). Modalidades disputadas. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/faq>>. Acessado em: 12 de junho de 2019.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International journal of sports science & coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, set., 2009.

CREGAN, K.; BLOOM, G.A.; Reid, G. Career evolution and knowledge of elite coaches swimmers with a physical disability. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 78, 339-350, 2007.

DANTAS, J. A. G. Os desafios do voleibol sentado feminino para os Jogos do Rio 2016 (p.310-340). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **RevistaEducar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** / FLICK, U.; tradução Joice Elias Costa. – 3 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FONTANELLA, B. J. B.; MAGDALENO JÚNIOR, R. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 63-71, jan./mar. 2012.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

HOWE, P. D. **The cultural politics of the paralympic movement**: thought an anthropological lens. New York: Routledge, 2008.

JONES, R. **The sports coach as educator**: re-conceptualising sports coaching. Londres, England: Routledge, 2006.

LINS, S.; MELO, C. F.; ALVES, S. G.; SILVA, R. L. "Our Voices, Our Meaning": The social representations of sports for brazilian athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 36, n. 1, p. 42-60, jan. 2019.

MACDONALD, D. J.; BECK, K.; ERICKSON, K.; Cotê, J. Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. **Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities**, v. 29, n. 3, p. 242-249, 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paraolímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Rev. educ. fis. UEM**, v. 23, n. 4, Maringá, Oct./Dec., 2012.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da educação física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2013.

MARTÍNEZ-FERRER, J. O. Paper de l'activitat física i l'esport adaptat en la normalització de les persones discapacitades. **Aloma: Revista de Psicologia, Ciències de l'Educació i de l'Esport Blanquerna**, v. 13, n. 1, p. 13-23, 2008.

MAUERBERG-DECASTRO, E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. In: MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: TecMedd, 2005. p. 437-83.

MAZO, J. Z.; BEGOSSI, T. D.; SCHMITT, B. D. O jornalismo impresso gaúcho e a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (p. 263-288). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

MELO, F. A.; MARQUES FILHO, C. V.; SANTOS, Y. Y. S.; BETTEGA, O. B.; LIMA, L. A. de; GALATTI, L. R. O Treinador em números: Pep Guardiola na Uefa Champions League. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 22, n. 2, p. 27-34, mai./ago., 2018.

MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNN, C. Coaching at the paralympic level: if only the administrators understood. In: GILBERT, K.; SCHANTZ, O. J. (Ed.) **The paralympic games: empowerment or side show?** Maidenhead: Meyer & Meyer, p. 102-114, 2008.

OLIVEIRA, A. F. L.; KAWASHITA, I. M. S. Bocha Paralímpica: Concepção de pais e profissionais. **Fiep Bulletin** 2015 [acesso em 20/06/2015]; 85.

OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 2, 377p. 2018.

PARSONS A.; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte Paraolímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PENA, L. G. S. Os desafios da preparação do rugby em cadeira de rodas para os Jogos Rio 2016 (p.262-284). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

PEREIRA DA SILVA, J. V. **Políticas públicas de esporte/lazer e in(ex)clusão de pessoas com deficiência**. Campo Grande, MS: UFMS, 2015.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; BARROS, T. E. S.; GODA, C.; GODTSFRIEDT, J. Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 815-834, jul./set. 2014.

REIS, R. E. **Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

REIS, R. E.; MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M. As políticas públicas para o esporte paralímpico no Brasil: Apontamentos gerais. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 21, n. 1, p. 58-69, jan./abr., 2017.

RETONDAR, J. J. M. A noção de representação social nas perspectivas dos estudos da psicologia social e do imaginário social: aproximações e afastamentos (Capítulo 1, pág. 15-44). In.: MONTENEGRO, E.; RETONDAR, J.; MONTENEGRO, P. C. A. (Org.). **Imaginário e representações sociais: corpo, educação, física, cultura e sociedade**. Maceió: EDUFAL, 2007, 410 p.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de Relatos Orais e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 3, n. 1, p. 116-130, 1998.

SANTOS, L. G. T. F.; MAIOLA, L.; DUARTE, E. Os desafios da preparação da paracanoagem para os Jogos Rio 2016 (p.246-241). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

SARAIVA, J. P. Desporto Adaptado em Portugal: quem São os Treinadores? **Revista da Sobama**, Marília, v. 17, n. 1, p. 37-42, Jan./Jun., 2016.

SENATORE, V. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt, cidade de São Paulo. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

SILVA, M. do C. S. C. **Inclusão e deficiência**: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal/RN. 2007. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007(b).

SOUSA, A.; CORREDEIRA, R.; PEREIRA, A. L. Evolução do desporto paralímpico em Portugal – Do amadorismo à profissionalização. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), p. 147, 2016.

STONES, R.; AHMED, O. H.; WEILER, R. How disability can win England the World Cup. **British Journal of General Practice**, Londres, v. 64, n. 623, p. 298, jun. 2014.

SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Públ.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul/set, 1993.

TREINADOR 1. **Treinador 1.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 2. **Treinador 2.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 3. **Treinador 3.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 4. **Treinador 4.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 5. **Treinador 5.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 6. **Treinador 6.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 7. **Treinador 7.** 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

VITAL, R.; SILVA, H. G. P. V. da; SOUSA, R. P. A. de; NASCIMENTO, R. B. N.; ROCHA, E. A.; MIRANDA, H. F.; KNACKFUSS, M. I.; FERNANDES FILHO, J. Lesões traumato-ortopédicas nos atletas paraolímpicos. **Rev. Bras. Med Esporte**, v. 13, n. 3, mai./jun, 2007.

VLAK, T.; PADJEN, I.; PIVALICA, D. Paralympians-unknown heroes next door. **Croatian Medical Journal**, Zagreb, v. 50, n. 6, p. 527-530, dez. 2009.

WINNICK, J. P. **Adapted physical education and sport**.5. ed. Champaign: Human Kinectics; 2011, 637 p.

4 ESTUDO III: O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL E A PERCEPÇÃO DOS DIRIGENTES ESPORTIVOS

RESUMO

Esse trabalho qualitativo objetivou compreender a percepção de dirigentes esportivos sobre o esporte paralímpico brasileiro. Trata-se de uma pesquisa campo de caráter qualitativa. Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram realizadas entrevistas (semi-estruturadas) individuais com quatro dirigentes esportivos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e retornaram para conferência dos dirigentes entrevistados. Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se a leitura sucessiva das mesmas, identificando-se as percepções mais latentes. As entrevistas foram analisadas por meio de análise documental temática (FLICK, 2009) a partir dos temas selecionados a *posteriori* (profissionalização e desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro e as dificuldades financeiras). O *software* Nvivo auxiliou na organização das informações. Os resultados revelam que a gestão do esporte paralímpico é profissional, embora algumas modalidades paralímpicas ainda possam ser amadoras e que o financiamento é indispensável para a realizar a gestão esportiva. Também, indica o desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro e as relevantes contribuições das instituições esportivas nesse processo de desenvolvimento esportivo. Percepções distintas, talvez em razão do lugar de fala de cada dirigente, representante de duas instituições diferentes. Para entender o universo do esporte paralímpico no Brasil de forma mais ampla, deve-se entender que todas essas percepções se cruzam e se completam.

Palavras chave: Esporte paralímpico. Dirigentes. Jogos Paralímpicos.

ABSTRACT

This qualitative work aimed to understand the perception of sports leaders about the Brazilian Paralympic sport. It is a field research of qualitative character. This study was approved by the Research Ethics Committee and all signed the Informed Consent Form. Individual (semi-structured) interviews were conducted with four sports managers. The interviews were recorded, transcribed and returned to the conference of the interviewed leaders. After transcribing the interviews, they were read in succession, identifying the most latent perceptions. The interviews were analyzed through thematic documentary analysis (FLICK, 2009) from the selected themes afterwards (professionalization and development of the brazilian paralympic sport and the financial difficulties). Nvivo software helped in the organization of information. The results show that the management of Paralympic sport is professional, although some paralympic sports may still be amateurish and that funding is indispensable for sport management. Also, it indicates the development of the brazilian paralympic sport and the relevant contributions of the sports institutions in this process of sports development. Different perceptions, perhaps due to the place of speech of each leader, representing two different institutions. To understand the universe of paralympic sport in Brazil more broadly, it must be understood that all these perceptions intersect and complement each other.

Key Words: Paralympic sport. Leaders. Paralympic Games.

INTRODUÇÃO

Os grandes eventos esportivos, também denominados de megaeventos, ocuparam espaço de destaque no Brasil em razão da diversidade de competições sediadas, quais foram: Jogos Pan-Americanos de 2007, Jogos Mundiais Militares de 2011, Copa das Confederações de 2013, Copa do Mundo FIFA de 2014, Copa América de 2015, Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 (TAVARES, 2011; MASCARENHAS et al., 2012; DOMINGUEZ VILA; DARCY; ALÉN, 2014; VILANI; MACHADO, 2015; MARIANI et al., 2018). De tal modo, a temática dos megaeventos passa a receber atenção de pesquisadores nacionais e internacionais, bem como da mídia, do mercado e do próprio mundo esportivo (TAVARES, 2011; MASCARENHAS et al., 2012). Assim, o presente estudo, localizado no campo dos Estudos Socioculturais, privilegia os Jogos Paralímpicos com respaldo teórico na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003; 2015).

Os Jogos Paralímpicos assinalam o expoente máximo a nível mundial de esportivo competitivo praticado por atletas com deficiência (SHERRILL, 2004; WINNICK, 2011; MARQUES et al., 2009; WINCKLER; MELLO, 2012; MARQUES; GUTIERREZ, 2014; BORGMANN; ALMEIDA, 2015; JORDÁN et al., 2016; MARQUES, 2016). O universo do esporte paralímpico é marcado por atores sociais distintos. Assim, os dirigentes esportivos, em conjunto com os atletas e com treinadores são um dos vários atores sociais envolvidos no contexto do alto rendimento (BARNET et al., 2015; MELO et al., 2018).

A Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), inicialmente denominada como Associação Nacional de Desporto de Excepcionais, foi criada no dia 18 de agosto em 1975 para fomentar e desenvolver o desporto para pessoas com paralisia cerebral²³ (AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; ANDE, 2019). A ideia de criar a ANDE se deu a partir da delegação brasileira que retornava dos Jogos Internacionais do México, composta por um grupo de amigos, atletas, dirigentes e técnicos. A ANDE é responsável pela gestão da modalidade paralímpica de bocha e pela modalidade que deixou de ser paralímpica de futebol de sete (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017).

²³ A paralisia cerebral é chamada de encefalopatia crônica não evolutiva (ECNE).

A ANDE fomentou o embrião do futuro Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), criado em 1995 (AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; ANDE, 2019), com o intuito de liderar as ações das confederações e associações nacionais. A instauração do CPB também foi um marco importante no desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro (CARDOSO et al., 2016b; MALAFAIA, 2016; FONTES, 2018; SENATORE, 2018). De maneira direta o CPB é responsável pelas seguintes modalidades: para natação, para atletismo, esgrima em cadeira de rodas, para halterofilismo, tiro esportivo e para tênis de mesa, assim sendo age como uma confederação esportiva (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013; REIS, 2014; COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019).

Considerando esse panorama, o objetivo deste estudo foi compreender as principais percepções de dirigentes esportivos sobre o esporte paralímpico brasileiro.

METODOLOGIA

O delineamento metodológico adotado no desenvolvimento deste estudo consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa, predominantemente descritiva construídas a partir da percepção dos dirigentes esportivos. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (número do parecer consubstanciado 2.394.882) (Anexo C). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo F).

Para a realização deste estudo, dirigentes esportivos foram convidados a participar do estudo por meio de contato telefônico ou por redes sociais de modo que fossem informados sobre os objetivos do trabalho. Assim, sete dirigentes foram contatados. Desses, foram realizadas entrevistas com quatro dirigentes esportivos brasileiros, sem deficiência, com idades entre 47 a 71 anos, vinculados à duas instituições esportivas distintas, a saber: Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Esses sujeitos foram convidados a participar em virtude de sua aproximação com o esporte paralímpico brasileiro.

É válido destacar que foram selecionados dirigentes vinculados à ANDE em razão do pioneirismo da instituição no âmbito dos esportes para pessoas com deficiência no Brasil (AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; ANDE, 2019) e ao CPB em razão de seu papel no desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil (CARDOSO et al., 2016b; MALAFAIA, 2016; FONTES, 2018; SENATORE, 2018). Ademais, essas instituições atuam também como confederação esportivas para algumas modalidades paralímpicas ²⁴ (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2013; REIS, 2014; COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019).

Após concordarem em participar do estudo, foi agendada uma data para realização da entrevista de acordo com a disponibilidade dos dirigentes. Posteriormente, as entrevistas foram realizadas presencialmente ou por meio de ligação telefônica conforme a disponibilidade dos participantes e tiveram duração média de 1 hora 13 minutos e 50 segundos²⁵. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado (ANEXO G). O tempo total de duração das entrevistas foi 6 horas, 9 minutos e 10 segundos. De modo a preservar as identidades dos dirigentes entrevistados, foram apresentados como Dirigentes (D), seguidos por números arábicos. Informações mais detalhadas sobre os entrevistados foram disponibilizadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Caracterização dos dirigentes entrevistados.

Dirigentes (D)	Sexo	Idade (anos)	Instituição	Função exercida	Naturalidade
D1	M	49	ANDE	Administrativa	Rio de Janeiro
D2	M	47	ANDE	Administrativa	Rio de Janeiro
D3	M	62	CPB	Técnica	Paraná
D4	M	71	CPB	Técnica	São Paulo

Legenda: M – Masculino; ANDE – Associação Nacional de Desporto para Deficientes; CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

²⁴ A ANDE é responsável pela gestão da modalidade bocha, futebol de sete e *race running* (REIS; MEZZADRI; SILVA, 2017). O CPB é responsável pelas seguintes modalidades: para natação, para atletismo, esgrima em cadeira de rodas, para halterofilismo, tiro esportivo e para tênis de mesa.

²⁵ Para a realização das transcrições das entrevistas foram investidas aproximadamente 16 horas de trabalho.

Os dirigentes vinculados à ANDE estão envolvidos com questões administrativas, enquanto os dirigentes representantes do CPB possuem funções técnicas (Quadro 3). Foi considerado apropriado entrevistar quatro dirigentes, tendo em vista que ocorreu saturação das informações e, com isso, as respostas dos dirigentes se tornam redundantes. O procedimento que prevê a saturação das informações foi descrito por Braun e Clarke (2013).

Todas as entrevistas foram gravadas de modo a possibilitar a transcrição literal de acordo com as orientações de Duarte (2004). Após estarem devidamente transcritas, as entrevistas retornaram aos dirigentes para conferência das informações. Em seguida, procedeu-se a leitura sucessiva das transcrições de modo que fosse possível identificar *a posteriori* os temas centrais mais latentes. Sendo assim, os temas para análise emergiram da seleção de trechos das entrevistas dos dirigentes. Essas passagens foram selecionadas em razão de sua relevância para o estudo e, em seguida, foram submetidos à análise temática explicada por Flick (2009). O *software* Nvivo (versão 11) auxiliou na organização das informações. Para fins de análise, foram consideradas os temas centrais a depender das instituições à que os dirigentes entrevistados estão vinculados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A questão central que tece a trama deste estudo almeja compreender a percepção de dirigentes esportivos a respeito do esporte paralímpico brasileiro. Desta maneira, os dirigentes entrevistados forneceram valiosos depoimentos que possibilitam um olhar minucioso acerca do objeto de estudo. Ressalta-se que apesar de todos os participantes serem dirigentes esportivos, nota-se uma diversidade no que tangenciam as experiências profissionais de cada um deles e as instituições que participaram em suas atuações profissionais. Isto posto, o fio condutor adotado para a apresentação dos resultados será a instituição a qual possuem vínculo como dirigentes, quais foram: a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Na sequência, os resultados são apresentados baseados nas entrevistas dos dirigentes de acordo com a instituição esportiva a que estão vinculados.

a) Percepção dos dirigentes vinculados à ANDE

A fim de entender a percepção dos dirigentes vinculados à ANDE, faz-se necessário compreender que a ANDE é responsável pela gestão de três modalidades esportivas voltadas para pessoas com deficiência: a bocha paralímpica, o futebol de sete para paralisados cerebrais e a *race running*. Cada uma dessas modalidades está rodeada por um contexto social específico. Por exemplo, a bocha paralímpica faz parte do programa de modalidade paralímpicas, enquanto o futebol de sete para paralisados cerebrais deixou de fazer parte do programa em 2016. Já a *race running* consiste em uma modalidade que agrega características do ciclismo e do atletismo. As características peculiares a cada uma dessas modalidades paralímpicas são essenciais para a compreensão da percepção desses dirigentes.

A profissionalização no âmbito da gestão no universo do esporte paralímpico ocupa um espaço central nas narrativas dos dirigentes entrevistados. Em adição, o Dirigente 2 (2018) acrescenta que o CPB e a ANDE são instituições presidencialistas, mas seguem um modelo de organização empresarial. Essas características se destacam no que se refere a representação social da gestão do esporte paralímpico brasileiro ser transparente, ética e responsável. Na perspectiva do Dirigente 2 (2018, p. 5), a ANDE e o CPB são “empresas gerenciando esportes” que “fazem tudo com muita transparência, lisura e sempre em prol do esporte e do atleta” (DIRIGENTE 2, 2018, p. 5). Em parte, isso se dá também pela elevada exigência do próprio CPB que exige rigidez na prestação de contas (DIRIGENTE 1, 2018).

Uma vez que há consenso sobre o profissionalismo na gestão, também se evidencia a noção de que o esporte paralímpico profissional é amador no caso das modalidades de futebol de sete para paralisados cerebrais e *race running*²⁶ (DIRIGENTE 1, 2018). Em uma realidade diferenciada, a bocha paralímpica possibilita que os atletas sobrevivam exclusivamente do esporte por meio de bolsas e de patrocínios (DIRIGENTE 1, 2018). Em outra perspectiva, o Dirigente 2 representa o esporte paralímpico como sendo “totalmente profissional” na esfera do alto rendimento, embora na iniciação esportiva e em muitos clubes

²⁶ O *race running* é uma modalidade praticada por pessoas com paralisia cerebral que mescla o atletismo e o ciclismo.

seja amador; realizada semelhante ao esporte olímpico brasileiro (DIRIGENTE 2, 2018).

Isto posto, é compreensível que os Dirigentes 1 e 2 não acordem totalmente sobre o profissionalismo no esporte paralímpico, apesar de concordarem que a gestão é profissional, não há um consenso de que as modalidades paralímpicas sejam profissionais ou amadoras (DIRIGENTE 1, 2018; DIRIGENTE 2, 2018). Os trabalhos de Marques et al. (2015) e Sousa, Corredeira e Pereira (2016) confirmam que os atletas paralímpicos são profissionais, enquanto Winnick (2004; 2011) menciona que o esporte paralímpico como um todo é profissional. Isso demonstra que não há um consenso entre os dirigentes que atuam no esporte paralímpico.

Alguns outros aspectos ganharam espaço durante as entrevistas, como o constante desafio dos aspectos financeiros para a gerir os esportes paralímpicos (DIRIGENTE 1, 2018; DIRIGENTE 2, 2018). Nessa lógica, é válido destacar que os Jogos Paralímpicos sediados na cidade do Rio de Janeiro em 2016 aumentaram temporariamente os repasses de dinheiro realizados pelo CPB, pelo Ministério dos Esportes e também em razão de patrocínios como da Caixa Econômica Federal e da Petrobrás (DIRIGENTE 1, 2018).

Ademais, o Dirigente 2 (2018) salienta que a edição dos Jogos Paralímpicos de 2016 foram excelentes para a bocha paralímpica. Embora os Jogos Paralímpicos de Londres em 2012 também tiveram sua relevância para a bocha (DIRIGENTE 1, 2018; DIRIGENTE 2, 2018). Em 2012, os ginásios lotaram de expectadores para assistir aos jogos de bocha e, em 2016, teve recorde de público (DIRIGENTE 2, 2018). Nota-se que há maior visibilidade em torno da bocha paralímpica. Para o Dirigente 1 (2018), a bocha vem recebendo maior visibilidade, mas ainda é insuficiente.

Em parte, esse crescimento da modalidade pode ser atribuído também ao número de medalhas conquistadas. No caso, nos Jogos Paralímpicos de 2012, a modalidade reuniu quatro medalhas de ouro e uma de bronze (DIRIGENTE 2, 2018). Outro fator que merece destaque são os planejamentos esportivos cuidadosamente pensados a atingir objetivos em longo prazo, ideia corroborada entre os dois dirigentes entrevistados. Para finalizar, ao passo que aumenta a visibilidade, aumentam os investimentos financeiros, há mais patrocinadores e se renovam os atletas.

b) Percepção dos dirigentes vinculados ao CPB

Com o intuito de entender a percepção dos dirigentes vinculados ao CPB, faz-se necessário aludir que o CPB tem papel fundamental no que se refere ao esporte paralímpico brasileiro, conforme preconizam Cardoso et al. (2016b), Malafaia (2016), Fontes (2018) e Senatore (2018). É oportuno salientar que esses entrevistados possuem um papel de realce para o movimento paralímpico brasileiro. Historicamente, estão engajados no universo do esporte paralímpico faz algumas décadas.

As entrevistas com os dirigentes vinculados ao CPB versaram sobre o desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro e as dificuldades financeiras. Em face da pertinência desses temas, são abordadas com maior ênfase nos parágrafos subsequentes. Ambos os Dirigentes 3 e 4 ponderam acerca do desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro de modo a partilharem que o Brasil, de certa maneira, foi um país precursor no âmbito de esportes paralímpicos. Em contraponto, alguns autores afirmam que o desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro ocorreu de forma lenta e tardia (BRAZUNA; MAUERBERG-DECASTRO, 2001; FREITAS; CIDADE, 2002; BEGOSSI; MAZO, 2016; CARDOSO, 2016; CARDOSO et al. 2016a; CARDOSO et al. 2016b; MAZO et al., 2018; BERTOLDI et al., 2018).

É curioso atentar ao fato de que, embora a primeira edição de Jogos Paralímpicos tenha ocorrido em 1960 e a primeira participação do Brasil tenha sido em 1972, o Brasil pode ser considerado um país pioneiro no que toca a criação de um Comitê Paralímpico nacional (ARAÚJO, 1997; RODRIGUES, 2002; ROCCO; SAITO, 2006; AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019; ENTREVISTADO 3, 2018; ENTREVISTADO 4, 2018). A respeito do pioneirismo na criação de um Comitê Paralímpico, o Dirigente 4 (2018, p. 4) assinala:

A primeira iniciativa da criação do próprio Comitê foi executada em 1988. E depois, em 1992, veio a formação e, em 1995 a efetivação da criação do Comitê. Não creio que tenha sido tardia não. Sabe, o Comitê Paralímpico Internacional foi criado, se não me engano, em 1989. Então, na verdade, o Brasil hoje está no mais alto nível, no mais alto nível mundial no que se refere aos Comitês Paralímpicos (DIRIGENTE 4, 2018, p. 4).

O exposto assinalado acima confirma que a criação do CPB foi um marco importante para o desenvolvimento do esporte paralímpico brasileiro (CARDOSO et al., 2016b; MALAFAIA, 2016; ENTREVISTADO 3, 2018; DIRIGENTE 4, 2018). Outrossim, salienta a seriedade e o compromisso dos dirigentes como um fundante para o desenvolvimento paralímpico no país. Com efeito, essa mesma representação social é compactuada pelos Dirigente 1 e 2, vinculados à ANDE.

Além disso, o seguimento da entrevista supracitado, anuncia dificuldades financeiras enfrentadas pelo esporte paralímpico no país e se relaciona também com a falta de patrocínios porque algumas empresas “não queriam vincular sua marca a algo que se tratava da deficiência” (DIRIGENTE 4, 2018, p. 4). Marques et al. (2013) investigaram formas de relação entre a mídia e o esporte paralímpico brasileiro a partir de entrevistas com três dirigentes do CPB e sugere haver duas principais formas midiáticas que abarcam o apelo social que destaca a superação da deficiência por parte dos atletas e outra que se apoia no rendimento e nos resultados esportivos.

Vale registrar que os Dirigentes 3 e 4 entendem que essa dificuldade financeira foi sobrepujada. Cardoso et al. (2018b) afirma que, ao longo dos anos, o investimento no esporte paralímpico brasileiro aumentou de modo a possibilitar que o Brasil seja uma das maiores potências mundiais neste campo esportivo. Em complemento, o Dirigente 4 menciona:

A partir do momento em que o paradesporto recebeu a possibilidade de ter esses recursos financeiros advindos da Lei Agnelo-Piva, o Comitê se desenvolveu e o paradesporto no país cresceu sobremaneira e, se desenvolve em passos largos [...] Eu vejo que teve o seu primeiro momento sem recurso financeiro nenhum. Era uma batalha. Era uma grande guerra para nós conseguirmos recursos para a realização das competições nacionais. Era bem difícil. E depois quando entrou dinheiro as coisas facilitaram bastante e, está sendo demonstrado tudo isso, a partir de resultados, testes e projetos que estão acontecendo (DIRIGENTE 4, 2018, p. 4).

Na mesma linha, outra percepção elucidada, refere-se ao esporte paralímpico escolar. Esse assunto designa uma fala de destaque na entrevista do Dirigente 3, por se configurar um trabalho “essencial” na “base” do esporte (DIRIGENTE 3, 2018, p. 11). De fato, o esporte paralímpico escolar possui elevada importância, pois permite a formação e captação de novos atletas com

deficiência no universo do esporte de alto rendimento (CARDOSO, 2016; HIPÓLITO; WINCKER, 2018). No Brasil, há uma preocupação em incluir estudantes com deficiência no esporte paralímpico e isso se dá a partir do esporte escolar (PANCOTTO, 2017), inclusive por meio da legislação vigente. A Lei Agnelo-Piva (2001) deve destinar 2%²⁷ da arrecadação das loterias federais ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), sendo, desses, obrigatório aplicar 10% no esporte escolar e 5% no esporte universitário (BRASIL, 2001; CONDE; SOBRINHO; SENATORE, 2006; ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2011; MALAFAIA, 2016; CARDOSO et al., 2018b; DIRIGENTE 3, 2018; BATAGLION, MAZO, 2019).

Cabe enfatizar que as primeiras iniciativas de esportes para pessoas com deficiência foram inseridas inicialmente em instituições escolares e, ainda, foram desenvolvidas associações e outras instituições específicas para estimular o esporte adaptado, quer seja com enfoque em uma determinada modalidade esportiva, quer seja com enfoque em tipos de deficiência específicos. Há vestígios históricos que sugerem ter ocorrido em escolas americanas esportes para pessoas surdas em 1870 e, em 1907, para pessoas com deficiência visual (FREITAS, CIDADE, 2002; AUGUSTO; BRANCATTI, 2010; WINNICK, 2004; 2011).

CONCLUSÃO

Em virtude de os achados deste estudo serem derivados de entrevistas com dirigentes esportivos vinculados à instituições distintas, há diferentes percepções sobre o fenômeno do esporte paralímpico que versam sobre: a profissionalização da gestão do esporte paralímpico, a profissionalização ou amadorismo das modalidades paralímpicas e o desenvolvimento e o financiamento do esporte paralímpico brasileiro.

Acredita-se que, este estudo, possa fornecer contribuições para discussão e reflexão em torno do esporte paralímpico. Nesta perspectiva, dar voz aos profissionais que ocupam papel de destaque na gestão do esporte

²⁷ A Lei Agnelo-Piva (2001) deve destinar 2% da arrecadação das loterias federais sendo 85% do montante repassado ao Comitê Olímpico Brasileiro e 15% ao Comitê Paralímpico Brasileiro (BRASIL, 2001).

paralímpico se torna essencial, de modo que possibilita compreender suas percepções sobre o esporte paralímpico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. Comitê Olímpico Brasileiro e o financiamento das confederações brasileiras. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 163-179, jan.-mar. 2011.

ANDE. Associação Nacional de Desporto para Deficientes. História. Disponível em: <<http://ande.org.br/historia>>. Acessado em: 09 de maio de 2019 às 14 horas.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

AUGUSTO, I.; BRANCATTI, P.R. Esporte adaptado: conceito histórico e evolução na cidade de Presidente Prudente. **The FIEP Bulletin**, v. 80, Special Edition, ARTICLE I, 2010.

BARNET, S.; BERNAL, J. S.; MARTÍNEZ-FERRER, J. O.; BALIC, M. G. Engagement y trayectoria profesional en técnicos de deporte adaptado. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 1, p. 245-254, 2015.

BATAGLION, G. A.; MAZO, J. Z. Paralimpíadas Escolares (2006-2018): evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2019.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Revista Ciênc. Saúde coletiva**, v. 21, n. 10, p. 2989-2997, 2016.

BERTOLDI, R. **Construção e estudo de evidências de validade e fidedignidade do inventário de Coping para atletas paralímpicos brasileiros em situação de competição**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, 150 p.

BERTOLDI, R.; BEGOSSI, T.; SCHMITT, B. D.; MAZO, J. Z. Esporte Paralímpico e possíveis fatores determinantes do desempenho esportivo: estudo de caso. **Revista Motricidade**, 2018, v. 14, n. S1, pp. 254-262.

BISFed. Boccia International Sports Federation. Disponível em: <<http://www.bisfed.com>>. Acessado em: 09 de maio de 2019 às 14 horas.

BORGMANN, T.; ALMEIDA, J. J. G. Esporte paralímpico na escola: revisão bibliográfica. **Revista Movimento**, v. 21, n. 1, p. 49-64, 2015.

BRASIL. LEI Nº 10.264, DE 16 DE JULHO DE 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm>. Acessado em 20 de outubro de 2017 às 09 horas.

BRAUN, V.; CLARKE, V. (in press, 2013). Successful qualitative research. A practical guide for beginners. London: Sage. [[Links](#)]

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Revista Motriz**, v. 7, n.2, p. 115-123, jul-dez. 2001.

CAMPEÃO, M. S.; CIESIELSKI JÚNIOR, D. F.; GORLA, J. I. Os desafios da bocha para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 (p.285-309). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

CARDOSO, V. D. O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, 218 p.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. A iniciação de atletas paraolímpicos brasileiros no esporte de alto rendimento. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016a. p. 187.

CARDOSO, V. D.; GERZSON, L. R.; HAIACHI, M. C.; CONDE, A. J. M.; REPPOLD FILHO, A. R.; ALMEIDA, C. S. O movimento paralímpico brasileiro: Nascimento, estruturação e consolidação. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016b. p. 188.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. The structural and human resources support for Brazilian Paralympic athletes. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 13, p. 1-11, 2018(b).

CARLSON, R. The socialization of elite tennis players in Sweden: An analysis of the players' backgrounds and development. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, n. 3, p. 241-256, 1988.

COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019. **History of the Paralympic Movement**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/120209103536284_2012_02_History%2Bof%2BParalympic%2BMovement.pdf>. Acessado em 12 de junho de 2019.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. **Manual de Orientação para os Professores de Educação Física**: Introdução ao Movimento Paraolímpico. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, 1CD-ROM.

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO (b). **Novo presidente da ANDE busca intensificar diálogo com clubes e atletas.** Disponível em: < http://www.cpb.org.br/noticias/-/asset_publisher/IU3LNvrdeyoz/content/novo-presidente-da-ande-busca-intensificar-dialogo-com-clubes-e-atletas?inheritRedirect=false >. Acessado em: 24 de março de 2019 às 15 horas e 50 minutos.

CRAIDE, S. **Atletas com deficiência não são super-heróis, diz pioneiro do esporte para cegos. Publicado Em 05/09/2016 – Repórtes da Agência Brasil, Brasília.** Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-09/atletas-com-deficiencia-nao-sao-super-herois-diz-pioneiro-do-esporte-para> >. Acessado em: 24/04/2019 às 16 horas e 30 minutos.

DOMINGUEZ VILA, T.; DARCY, S.; ALÉN, E. Juegos olímpicos y paralímpicos en Brasil: aprendiendo de Barcelona y Sidney. **Rev. adm. empres.** [online], v. 54, n. 2, p. 222-230, 2014.

ENKELAAR, L.; KETELAAR, M.; GORTER, J. W. Association between motor and mental functioning in toddlers with cerebral palsy. **Developmental Neurorehabilitation**, v. 11, n. 4, p. 276-282, out. 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** / FLICK, U.; tradução Joice Elias Costa. – 3 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FONSECA, G. M. M.; STELA, E. S. Família e esporte: A influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Rev. Kinesis**, v. 33, n. 2, p.41-60, jul.-dez. 2015.

FONTES, M. S. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

FREITAS, P. S. de; CIDADE, R. E. Paraolimpíadas: Revisando a História. **Revista Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA)**, v. 7, n. 1, p. 21-26, dez. 2002.

HERBST, D. M.; MASCARENHAS, L. P.; SLONSKI, E. C. A história do bocha paralímpico no Brasil e a sua evolução como esporte de alto rendimento. **The FIEP Bulletin**, v. 83, Special Edition - ARTICLE I, p. 1-6, 2013.

HIPÓLITO, V. S.; WINCKLER, C. Desenvolvimento dos atletas das Paralimpíadas Escolares - Estudo Piloto, **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 24, n. 6, nov./dez. 2018. p. 67.

JORDÁN, M. A. T.; RIU, J. M. P.; LÓPEZ, J. L. L.; AMO, J. L. L. del. Alternativa ecológica en la evaluación del salto de longitud de atletas paralímpicos. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 16, n. 1, p. 69-76, 2016.

MACLENNAN, A. H.; FRANZCOG, S. C. T.; FRACP, J. G. Cerebral palsy: causes, pathways, and the role of genetic variants. **Am J Obstet Gynecol**, v. 213, n. 6, p. 779-88, 2015.

MALAFAIA, M. **2004 o ano que mudou o rumo do paradesporto no Brasil:** O paradesporto brasileiro antes e depois dos Jogos de Atenas. 1ª. Ed.: Irium, 2016.

MARANI, V. H.; BERNABÉ, A. P.; HIRATA, E.; STAREPRAVO, F. A. Aproximações entre políticas públicas de lazer e megaeventos esportivos: um olhar a partir de pesquisadores brasileiros do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, set/2018.

MARQUES, R. F. R.; MARIVOET, S. ; ALMEIDA, M. A. B. ; GUTIERREZ, G. L. ; MENEZES, R. P. ; NUNOMURA, M. . A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Revista Motricidade**, v. 11, p. 123-147, 2015.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 108, p. 87–96, 2016.

MARQUES, R. F. R., DUARTE, E., GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365–377, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, L. G. **O Esporte Paralímpico no Brasil:** Profissionalismo, Administração e Classificação de Atletas. São Paulo, Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da educação física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2013.

MARQUES, R. F. R.; MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o Movimento Paralímpico no Brasil: Relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, pp. 583-96, 2013.

MASCARENHAS, F.; ATHAYDE, P. F. A.; SANTOS, M. R.; MIRANDA, N. N. O Bloco Olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. **Rev. da ALESDE**, Curitiba, v. 2, n. 2, pp. 15-32, out. 2012.

MAZO, J. Z.; BEGOSSI, T. D.; BERTOLDI, R.; ASSMAN, A. B. Jogos Paralímpicos Rio 2016: memórias esportivas de atletas sul rio-grandenses. **Br. J. Ed., Tech. Soc.**, v.11, n.1, Jan.-Mar., p.87-104, 2018.

MELO, F. A.; MARQUES FILHO, C. V.; SANTOS, Y. Y. S.; BETTEGA, O. B.; LIMA, L. A. de; GALATTI, L. R. O Treinador em números: Pep Guardiola na Uefa Champions League. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 22, n. 2, p. 27-34, mai./ago., 2018.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NEHME. Depoimentos e entrevistas. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/mario-sergio-fontes/>> Acessado em: 24 de abril de 2019.

OLIVEIRA, A. F. L.; KAWASHITA, I. M. S. Bocha Paralímpica: Concepção de pais e profissionais. **Fiep Bulletin** 2015 [acesso em 20/06/2015]; 85.

PAKULA, A. T.; BRAUN, K. V. N.; YEARGIN-ALLSOPP, M. Cerebral Palsy: Classification and Epidemiology. **Phys Med Rehabil Clin N Am**, v. 20, n. 3, p. 425-52, 2009.

PANCOTTO, H. P. O esporte na agenda governamental das políticas públicas para pessoas com deficiência. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 15, n. 2, p. 142-171, abr./jun. 2017.

DIRIGENTE 1. **Dirigente 1**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DIRIGENTE 2. **Dirigente 2**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DIRIGENTE 3. **Dirigente 3**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DIRIGENTE 4. **Dirigente 4**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

REIS, R. E. Políticas **Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

REIS, R. E; MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M. As políticas públicas para o esporte paralímpico no Brasil: Apontamentos gerais. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 21, n. 1, p. 58-69, jan./abr., 2017.

ROCCO, F. M.; SAITO, E. T. Epidemiologia das Lesões Esportivas em Atletas de Basquetebol em Cadeira de Rodas. **Acta Fisiatr**.v.13, n.1, p.17-20, 2006.

RODRIGUES, N. **Goalball**: estudo sobre o estado de conhecimento da modalidade e avaliação desportivo-motora dos atletas. Dissertação de

Mestrado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2002, 213 p.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de Relatos Orais e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 3, n. 1, p. 116-130, 1998.

ROSENBAUM P. Cerebral palsy: What parents and doctors want to know. **Br Med J**, v. 326, n. 7396, p. 970-4, 2003.

SENATORE, V. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt, cidade de São Paulo. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

SERPA, S. Treinar Jovens: complexidade, exigência e responsabilidade. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, 1. sem. 2003.

SHERRILL, C. **Adapted physical activity, recreation and sport – crossdisciplinary and lifespan**. Boston, MA: William C. Brown/McGraw Hill; 2004, 783 p.

SOUSA, A.; CORREDEIRA, R.; PEREIRA, A. L. Evolução do desporto paralímpico em Portugal – Do amadorismo à profissionalização. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), p. 147, 2016.

TAMMINEN, K. A.; HOLT, N. L. Adolescent athletes' learning about coping and the roles of parents and coaches. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 1, p. 69-79, 2012.

TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul/set de 2011.

THOMAS, J.R., NELSON, J.K. (2002). **Métodos de pesquisa em atividade física** (3rd ed.). Porto Alegre: Artmed.

VILANI, R. M.; MACHADO, C. J. S. O impacto dos megaeventos esportivos sobre os direitos à saúde e ao meio ambiente na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 31 Sup:S1-S13, 2015.

WINCKLER, C.; MELLO, M. T. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

WINNICK, J. P. **Adapted physical education and sport**. 5. ed. Champaign: Human Kinectics; 2011, 637 p.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo pretende propor um fechamento para a presente tese de doutorado. Sendo assim, tendo em vista a composição da presente tese de doutorado ter se dado por meio de estudos científicos, faz-se imprescindível, neste momento final, apresentar uma triangulação dos resultados obtidos nos Estudos I, II e III.

De modo a considerar essa organização acerca das percepções dos atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos, apresenta-se na Figura 2 uma união dos achados dos três estudos que compõe essa tese a fim de fornecer uma visão ampla que permite efetuar o cruzamento de informações.

Figura 2 – Compilação das percepções sobre o esporte paralímpico brasileiro a partir da concepção dos atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos identificadas nos Estudos I, II e III.



Fonte: Elaborado pela autora.

No universo do esporte paralímpico existem muitos atores sociais distintos, sendo que o enfoque nesta pesquisa são os atletas paralímpicos que possuem deficiência física ou visual, os treinadores paralímpicos de modalidades individuais ou coletivas e dirigentes esportivos paralímpicos. Sem dúvidas, esses atores sociais constroem e expressam percepções distintas sobre os mais variados assuntos, com especial atenção para o esporte paralímpico, presentes em seu cotidiano.

É oportuno ressaltar que ao longo dos estudos que compõe a presente tese foram feitos constantes esforços de situar e contextualizar os participantes e a edição de Jogos Paralímpicos que experienciaram (no caso dos atletas e treinadores paralímpicos) ou as instituições a que representam (dirigentes esportivos paralímpicos). Isto posto, tendo em vista o fato de que cada um dos personagens sociais que integra essa pesquisa possui percepções e trajetórias de vida distintas, peculiares e características ímpares. Esses elementos, sem dúvida, influenciam nos resultados obtidos, conforme salienta Lins e colaboradores (2019).

É possível perceber que atletas, treinadores e dirigentes esportivos paralímpicos possuem suas próprias percepções sobre o esporte paralímpico (Figura 2). Contudo, há semelhanças nas percepções dos atletas, treinadores e dirigentes. Nesta perspectiva, os resultados dos Estudos I e II, presentes nesta tese, indicam que algumas modalidades paralímpicas já atingiram um *status* de profissionalismo e, assim, possibilitam dedicação exclusiva aos atletas, apesar de outras modalidades paralímpicas e de treinadores não gozarem desse mesmo *status* profissional. Esses achados dos Estudos I e II reconhecem que não há um consenso entre a noção de esporte paralímpico profissional ou amador, diferenciando-se a depender não só das modalidades paralímpicas a que se referem, mas também das classes de profissionais (atletas e treinadores) e do nível (categorias de base ou categorias principais) que designam.

Além disso, também é possível que, embora esses sujeitos compartilhem um grande grupo social vinculado ao esporte paralímpico, quiçá, podem fazer parte de grupos sociais menores de acordo com seus cargos, funções, deficiências, por exemplo. Portanto, esses atores sociais podem compartilhar algumas percepções e diferir em outras porque são pessoas únicas que possuem formas de percepção do mundo que lhes são ímpares, moldadas por suas características e também por elementos socialmente construídos. E, na mesma medida que constroem as suas representações sociais sobre um assunto, também tem as representações ressignificadas a partir de suas interações com o mundo.

Nesta lógica, o tema denominado “reconhecimento social e esportivo” foi comum entre atletas paralímpicos e treinadores paralímpicos. Todavia, no Estudo I, o reconhecimento social dos atletas paralímpicos denota o interesse, o desejo e o fato de serem reconhecidos pela sociedade, por seus pares com deficiência e pela mídia; enquanto o reconhecimento esportivo envolve o tornar-se uma referência no campo esportivo para outros atletas e a satisfação que sentem ao serem atletas, com especial atenção para o êxito que conquistam no domínio esportivo. Já, no Estudo II, reconhecimento social dos treinadores paralímpicos se traduz pelo reconhecimento do esporte paralímpico como alto rendimento.

Neste ponto, uma reflexão pessoal da autora desta tese sugere que, em parte, há semelhanças nas percepções identificadas entre os atletas paralímpicos e os treinadores paralímpicos, embora, às vezes, sejam antagônicas. Talvez seja possível justificar essas semelhanças nos discursos desses sujeitos pela proximidade que rege seus convívios e trabalhos frequente entre atletas-treinadores. De forma diferente do que ocorre com os gestores. Aqui fica evidente as especificidades de cada grupo social a respeito de suas percepções sobre o esporte paralímpico brasileiro.

E, não obstante, o tema do financiamento se fez presente nos documentos e fontes orais de atletas paralímpicos, treinadores paralímpicos e dirigentes esportivos. Vale lembrar que nem todas as representações foram consensuais dentro dos subgrupos sociais a que pertencem.

No que se refere especificamente a pontos fortes dessa pesquisa, ressalta-se o fenômeno esportivo paralímpico que está em evidência nas publicações científicas (PÉREZ-TEJERO, 2009; GREGUOL et al., 2011; SCHMITT et al., 2017a; 2017b). Contudo, a literatura consultada revelou que ainda há poucos estudos no campo do Esporte, especificamente do Esporte Paralímpico.

Sendo assim, esse trabalho científico almejou-se fornecer elevada contribuição para os estudos da Educação Física. Acredita-se que, esta pesquisa, pode fornecer contribuições para discussão e reflexão direcionada para o principal evento esportivo destinado à atletas com deficiência, denominado os Jogos Paralímpicos.

A luz dessas ideias, é imperativo destacar também o diferencial desta pesquisa em razão de abranger atletas paralímpicos e, sobretudo, abranger treinadores paralímpicos e dirigentes. Nesta perspectiva, dar voz aos profissionais que ocupam papel de destaque nos esportes paralímpicos se torna essencial, a fim de que possibilite compreender suas percepções sob prisma de atores sociais distintos (atletas paralímpicos, treinadores paralímpicos e dirigentes).

Nessa mesma vertente, a relevância deste trabalho científico ter sido desenvolvido é notório em virtude da metodologia adotada em cada um dos estudos deter-se a olhar de forma atenta e minuciosa a documentos orais (Estudo I) e também fontes orais (Estudo II e III) exclusivamente produzidas para essa tese. Isto porque parece haver um predomínio de estudos que analisam o esporte paralímpico a partir da mídia impressa ou digital (SILVA, 2007a). Apesar da mídia ser um canal capaz de produzir informações, há muitas outras formas de produzi-las e veicula-las como, por exemplo, por meio de entrevistas. Afora dos olhares de jornalistas e da mídia que produz notícias e informações sobre o esporte paralímpico brasileiro, torna-se necessário adotar estratégias metodológicas cunhadas por meio de entrevistas.

Atenta-se, ainda, ao fato de que o Estudo I se estrutura a partir de documentos orais gerados por repositórios digitais, por projetos de pesquisa e de extensão universitária, bem como são frutos de teses e dissertações. Afinal, tratam-se de fontes ricas de informação que são disponibilizadas de modo público e podem (e devem) ser utilizadas para embasar outras pesquisas no

universo acadêmico. Já, nos Estudos II e III, deteve-se a produzir fontes orais, produzidas a partir das entrevistas com os treinadores paralímpicos e com os dirigentes, que servirão para ampliar o acervo disponibilizado no Observatório do Esporte Paralímpico²⁸. Essa informação é pertinente, pois dá uma ideia de continuidade à ciência. É a essência, aliás, de um acervo ensejar documentos para consulta pública.

No que rege as limitações que fazem parte desta pesquisa, deve-se pontuá-las com a pretensão de que, no futuro, quiçá, outros pesquisadores que venham a desenvolver seus trabalhos atentem-se a elas. É válido lembrar que uma pesquisa científica surge a partir de inúmeras escolhas e decisões que são tomadas pelo pesquisador que, por sua vez, almejam o melhor caminho para analisar o objeto do estudo. Portanto, nessas escolhas, por vezes, algumas limitações e pontos fracos acabam por surgir. Contudo, tais limitações são insuficientes para ofuscar a importância dos achados da pesquisa.

O número reduzido de documentos orais (n=12) e fontes orais (n=12; sete treinadores e cinco dirigentes) pode ser considerado reduzido em algumas subáreas da educação física. Por essa pesquisa se caracterizar como qualitativa, a quantidade de participantes não é vista com limitação. Afinal, os documentos e as fontes orais foram selecionadas de forma cuidadosa em virtude da relevância de cada um dos atores sociais em questão. Isto posto, os atletas paralímpicos participaram de Jogos Paralímpicos, sendo alguns ícones no esporte e colecionadores de medalhas e de *records*. Já os treinadores paralímpicos entrevistados gozaram de alguma participação em Jogos Paralímpicos na condição de treinadores de seleção brasileira. Os dirigentes entrevistados possuem experiência comprovada e um vasto histórico de vida pessoal e profissional ligadas ao esporte paralímpico. Contudo, o viés da intencionalidade que compôs a seleção dos documentos e das fontes orais pode ter influenciado nos resultados obtidos.

Face a características dos documentos orais do Estudo I não ter contemplado atletas com deficiência intelectual, sugere-se que pesquisas futuras talvez possam inclui-los como participantes. Contudo, para essa pesquisa, não

²⁸ O Observatório do Esporte Paralímpico é um espaço virtual que disponibiliza um acervo público de informações sobre o esporte paralímpico brasileiro. O conteúdo pode ser acessado na íntegra no sítio eletrônico: <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico> (SCHMITT et al., 2017b).

foi possível incluí-los devido as obrigações éticas que dificultam e requerem maior intervalo de tempo e cuidados especiais para aprovação no Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos. Outras justificativas para essa escolha metodológica foi que o repositório do NEHME não dispõe de documentos orais advindos de atletas com deficiência intelectual e, também que os atletas com deficiência intelectual participaram somente de quatro edições de Jogos Paralímpicos (nos anos de 1996, 2000, 2012 e 2016).

A aplicação do *software* N-Vivo para organização das informações também é um diferencial. As pesquisas qualitativas vêm contando cada vez mais com programas que visam auxiliar o pesquisador nas análises. Esses programas pretendem instrumentalizar os pesquisadores e, por isso, devem ser encorajados a ser utilizados.

Para trabalhos futuros, sugere-me o desenvolvimento de mais estudos científicos sob a ótica dos estudos socioculturais o universo do esporte paralímpico, com especial atenção para a fundamentação teórica nas Representações Sociais. Além disso, recomenda-se ampliar o recorte temporal, apresentar resultados discriminando por modalidades esportivas, incluir a análise de fontes imagéticas, utilização de *software* mais sofisticados para a análise das informações.

No futuro, a realização de pesquisas que versem sobre as representações sociais nos esportes surdos e no esporte paralímpico escolar, bem como sobre a presença das mulheres no esporte paralímpico serão relevantes e necessárias. Felizmente, pesquisas com essas temáticas valiosas estão sendo desenvolvidas de maneira incessante pelo Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte (NEHME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

REFERÊNCIAS DA TESE

ABRIC, J. L'Organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In.: Guimelli, C. **Structures et transformations des représentations sociales** – Textes de Base em Sciences Sociales. Lausanne: Delachaux et Niestlé. 1994.

ABRIC, J. Las representacionessociales: Aspectosteoóricos (J.D. Chevel & F.F. Palacios, Trans.). In J. Abric (Ed.), **Prácticas sociales y representaciones** (pp. 11–32). Mexico: Ediciones Coyoacán, 2001.

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Revista comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul.-dez. 2001.

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. Comitê Olímpico Brasileiro e o financiamento das confederações brasileiras. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 163-179, jan.-mar. 2011.

AMBLARD, I. “**A gente anda com o bom e o mau ao lado...**”: representações sociais da vitória/derrota segundo atletas do esporte de alto rendimento. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

AMORIM, M.; CORREDEIRA, R.; SAMPAIO, E.; BASTOS, T.; BOTELHO, M. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, v. 10, n. 1, p. 221-229, 2010.

ANDE. Associação Nacional de Desporto para Deficientes. História. Disponível em: <<http://ande.org.br/historia>>. Acessado em: 09 de maio de 2019 às 14 horas.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidades. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

ASSMANN, A. B.; LEDUR, J. A.; BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. Representações sociais sobre o judô no Brasil veiculadas pela revista Veja (anos 1970/1980). **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 1-11, jan./jun. 2018.

ATLETA 1, 2015. **Atleta 1**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 2, 2015. **Atleta 2**. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 3, 2015. **Atleta 3.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 4, 2015. **Atleta 4.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 5, 2015. **Atleta 5.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 6, 2015. **Atleta 6.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 7, 2015. **Atleta 7.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 8, 2015. **Atleta 8.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 9, 2015. **Atleta 9.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 10, 2015. **Atleta 10.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 11, 2015. **Atleta 11.** Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

ATLETA 12, 2015. Entrevista concedida ao Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012). Observatório do Esporte Paralímpico – NEHME/ESEFID/UFRGS.

AUGUSTO, I.; BRANCATTI, P.R. Esporte adaptado: conceito histórico e evolução na cidade de Presidente Prudente. **The FIEP Bulletin**, v. 80, Special Edition, ARTICLE I, 2010.

AZAMBUJA, L. G.; OLIVEIRA JÚNIOR, C. R. Entre armas e barras de ferro: As representações sociais das torcedoras organizadas do Sport Club Corinthians Paulista sobre a violência no futebol. In: ANTUNES, A. C.; OLIVEIRA JÚNIOR, C. R.; RAUSKI, E. F (Org.). **Ciências sociais aplicada: Cotidiano e representações**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018, 178 p.

BACELAR, J. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, 2004.

BACELLAR, C. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

BARBOSA, J. S.; SILVA, A. P. S. Esportes adaptados na formação profissional do bacharel em Educação Física. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016. p. 457.

BARNET, S.; BERNAL, J. S.; MARTÍNEZ-FERRER, J. O.; BALIC, M. G. Engagement y trayectoria profesional en técnicos de deporte adaptado. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 1, p. 245-254, 2015.

BATAGLION, G. A.; MAZO, J. Z. Paralimpíadas Escolares (2006-2018): evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2019.

BAUER, M. Classical content analysis: A review. In.: BAUER, M.; GASKELL, G. (ed.). **Qualitative researching with text, image and sound-A Handbook**. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE. pp. 131-150. 2000.

BEGOSSI, T. D.; ASSMANN, A. B.; BATAGLION, G. A.; SCHMITT, B. D.; BERTOLDI, R.; MAZO, J. Z. Olimpíadas Nazistas: representações sociais em um jornal do Rio Grande do Sul. In: MISSIAS-MOREIRA, R.; FREITAS, V. L. C.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C. (Org.). **Representações sociais na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2019. 222 p. (Coleção Representações sociais na contemporaneidade).

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Revista Ciênc. Saúde coletiva**, v. 21, n. 10, p. 2989-2997, 2016.

BERTOLDI, R. **Construção e estudo de evidências de validade e fidedignidade do inventário de Coping para atletas paralímpicos brasileiros em situação de competição**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, 150 p.

BERTOLDI, R.; BEGOSSI, T.; SCHMITT, B. D.; MAZO, J. Z. Esporte Paralímpico e possíveis fatores determinantes do desempenho esportivo: estudo de caso. **Revista Motricidade**, 2018, v. 14, n. S1, pp. 254-262.

BHABHA, H. K., Culture's in-between. In.: Stuart Hall e Paul du Gay (orgs.). **Questions of Cultural Identity**. Los Angeles, Sage, pp. 53-60, 2011.

BISFed. Boccia International Sports Federation. Disponível em: <<http://www.bisfed.com>>. Acessado em: 09 de maio de 2019 às 14 horas.

BORGMANN, T.; ALMEIDA, J. J. G. Esporte paralímpico na escola: revisão bibliográfica. **Revista Movimento**, v. 21, n. 1, p. 49-64, 2015.

BRASIL. LEI Nº 10.891/04, DE 9 DE JULHO DE 2004. Disponível Em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891.htm. Acessado em: 11 de junho de 2019.

BRASIL. LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm >. Acessado em: 20 de agosto de 2018 às 13 horas e 30 minutos.

BRASIL. LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm >. Acessado em: 20 de agosto de 2018 às 13 horas e 30 minutos.

BRASIL. LEI Nº 10.264, DE 16 DE JULHO DE 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm>. Acessado em 20 de outubro de 2017 às 09 horas.

BRAUN, V.; CLARKE, V. (in press, 2013). Successful qualitative research. A practical guide for beginners. London: Sage.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Revista Motriz**, v. 7, n.2, p. 115-123, jul-dez. 2001.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to Reporting on Paralympic Sport**. Reino Unido, Paralympics GB, 2012. Disponível em: Acesso em: 14 set. 2016.

CABRITA, João Manuel Rocha. **Representações sociais do rugby na Grande Lisboa**. 2011. 50 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Planeamento) – Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia, Lisboa, Portugal, 2011.

CAMPEÃO, M. S.; CIESIELSKI JÚNIOR, D. F.; GORLA, J. I. Os desafios da bocha para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 (p.285-309). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

CARDOSO, V. D. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, 218 p.

CARDOSO, V. D.; GERZSON, L. R.; HAIACHI, M. C.; CONDE, A. J. M.; REPPOLD FILHO, A. R.; ALMEIDA, C. S. O movimento paralímpico brasileiro: Nascimento, estruturação e consolidação. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016b. p. 188.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. A iniciação de atletas paraolímpicos brasileiros no esporte de alto rendimento. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), 2016a. p. 187.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. A tecnologia no esporte paralímpico. **Pensar a Prática (ONLINE)**, v. 21, p. 69-76, 2018(a).

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. The structural and human resources support for Brazilian Paralympic athletes. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 13, p. 1-11, 2018(b).

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. Financial support for paralympic athletes in Brazil. **Journal of Physical Education**, v. 29, p. 1-10, 2018(c).

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. C.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. Motivos para a continuidade de atletas no esporte paralímpico brasileiro. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 14, p. 8-11, 2019.

CARLSON, R. The socialization of elite tennis players in Sweden: An analysis of the players' backgrounds and development. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, n. 3, p. 241-256, 1988.

CARRILLO, J. H. P. **A disciplina Educação Física Adaptada nas Universidades do Chile**. Campinas, SP: 2014. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. 145.

MAUERBERG-DECASTRO, E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. In: MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: TecMedd, 2005. p. 437-83.

CENTRO de Treinamento Paralímpico Brasileiro. *Site oficial do CPB*. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/web/guest/centro-de-treinamento>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

CIDADE, R. E. A. **Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea**. Campinas, SP: [s.n], 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004, 248p.

CIESIELSKI JÚNIOR, D. F. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

COLLARES-DA-ROCHA; J. C. C.; BELLO, R. S. A interação e a tradição nas representações sociais de comunidade para estudantes de psicologia. In: MISSIAS-MOREIRA, R.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; SERVO, M. L. S. **Representações sociais e seus diversos olhares**. Curitiba: CRV, 2018, p. 43-53.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (a). Modalidades disputadas. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/faq>>. Acessado em: 12 de junho de 2019.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (b). **Novo presidente da ANDE busca intensificar diálogo com clubes e atletas**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/noticias/-/asset_publisher/IU3LNvrdeyoz/content/novo-presidente-da-ande-busca-intensificar-dialogo-com-clubes-e-atletas?inheritRedirect=false>. Acessado em: 24 de março de 2019 às 15 horas e 50 minutos.

COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL, 2019. **History of the Paralympic Movement**. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/120209103536284_2012_02_History%2Bof%2BParalympic%2BMovement.pdf>. Acessado em 12 de junho de 2019.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. de S.; SENATORE, V. **Manual de Orientação para os Professores de Educação Física: Introdução ao Movimento Paraolímpico**. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, 1CD-ROM.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

COSTA, V. L. de M. As representações de aventura e de espaço lúdico entre praticantes de atividades físicas e esportivas de risco e aventura na natureza: estudo do núcleo central. In.: VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. do C.; MELO, V. A. de (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, 180p.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International journal of sports science & coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, set., 2009.

CRAIDE, S. **Atletas com deficiência não são super-heróis, diz pioneiro do esporte para cegos**. Publicado Em 05/09/2016 – Repórtes da Agência Brasil, Brasília. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016->

09/atletas-com-deficiencia-nao-sao-super-herois-diz-pioneiro-do-esporte-para
>. Acessado em: 24/04/2019 às 16horas e 30 minutos.

CREGAN, K.; BLOOM, G.A.; Reid, G. Career evolution and knowledge of elite coaches swimmers with a physical disability. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 78, 339-350, 2007.

CRISPIM, A. C.; ROETTIGERS, C.; CAMARGO, B. V.; NUNES, C. H. S. da; CRUZ, R. M. Elementos caracterizadores das representações sociais de atleta na rede social facebook. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 50, n. 3, p. 347-358, 2016.

CUNHA, M. J.; PINTO, P. C. Representações Mediáticas da deficiência: Um estudo longitudinal na imprensa. **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS**, n. 85, 2017, pp.131-147.

DAHL, M. The role of media in promoting images of disability: disability as metaphor, the evil crip, **Canadian Journal of Communication**, v. 18, n. 1, p. 75-80, 1993.

DANTAS, J. A. G. Os desafios do voleibol sentado feminino para os Jogos do Rio 2016 (p.310-340). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sídney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J. A representação social de nadadores masters campeões sobre a sua prática competitiva na natação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 21, n. 2, Jul. 2000.

DIRIGENTE 1. **Dirigente 1**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DIRIGENTE 2. **Dirigente 2**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DIRIGENTE 3. **Dirigente 3**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DIRIGENTE 4. **Dirigente 4**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

DOISE, W. W. Attitudes et representations sociales. In.: JODELET, D (org.). **Les representations sociales**. Paris: PUF, p. 220-238, 1994.

DOMINGUEZ VILA, T.; DARCY, S.; ALÉN, E. Juegos olímpicos y paralímpicos en Brasil: aprendiendo de Barcelona y Sidney. **Rev. adm. empres.** [online], v. 54, n. 2, p. 222-230, 2014.

DOS SANTOS, D. S.; MEDEIROS, A. G. A. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: O atleta como modelo de comportamento. **Pensar a prática**, v. 12, n. 3, p. 1-11, nov. 2009.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

ENKELAAR, L.; KETELAAR, M.; GORTER, J. W. Association between motor and mental functioning in toddlers with cerebral palsy. **Developmental Neurorehabilitation**, v. 11, n. 4, p. 276-282, out. 2008.

FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna**. 11 ed. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi e Paulo V. Maya. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERRETTI, M. A. de C.; KNIJNIK, J. D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 57-80, dez. 2007.

FIALHO, K. L. L.; PEREIRA, M. E. A Influência de ser atleta na identidade social de portadores de deficiência física. **Psicol. argum.**; v. 24, n. 46, p. 77-88, jul.-set. 2006.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 484-497, out. 2014a.

FIGUEIREDO, T. H. Do Coitadinho ao Super-heroi Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [S.l.], n. 30, p. 48-58, ago. 2014b.

FIGUEIREDO, T. **Os Atletas Paraolímpicos na Imprensa** – Análise Comparativa da Cobertura Noticiosa dos mídia no Brasil e em Portugal de 1996-2008. Porto: T. Figueiredo. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciências da Comunicação FLUP. 108 páginas, 2010.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** / FLICK, U. tradução Joice Elias Costa. – 3 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FONSECA, G. M. M.; STELA, E. S. Família e esporte: A influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Rev. Kinesis**, v. 33, n. 2, p.41-60, jul.-dez. 2015.

FONTANELLA, B. J. B.; MAGDALENO JÚNIOR, R. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 63-71, jan./mar. 2012.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FONTES, M. S. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

FREITAS, P. S. de; CIDADE, R. E. Paraolimpíadas: Revisando a História. **Revista Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA)**, v. 7, n. 1, p. 21-26, dez. 2002.

GAMBOA, S. S. Pesquisa em Educação Física: As inter-relações necessárias. **Rev. Motrivivência**, p. 34-46, 1994.

GASTALDO, E. Publicidade, esporte e nacionalidade na Grã-Bretanha: representações sociais na publicidade dos Jogos Olímpicos de Sydney. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 95-112, 2001.

GASTALDO, E. Publicidade, esporte e nacionalidade na Grã-Bretanha: representações sociais na publicidade dos Jogos Olímpicos de Sydney. In: GASTALDO, E. Publicidade e sociedade: uma perspectiva antropológica. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 42-68.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter; 1967.

GOMES, A. C. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

GOODWIN, D.; JOHNSTON, K.; GUSTAFSON, P.; ELLIOTT, M.; THURMEIER, R.; KUTTAL, H. Its okay to be a quad: wheelchair rugby players sense of community. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 26, n. 2, p. 102-117, 2009.

GREGUOL, M., et al. Orientação esportiva de atletas pertencentes às modalidades de remo e natação adaptados. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 98-106, 2011.

HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

HAIACHI, M. C.; CARDOSO, V. D.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n.10, p. 2999-3006, 2016.

HAIACHI, M. de C. **O curso de vida do atleta com deficiência: a deficiência e o esporte como eventos marcantes**. 2017. 240 f. Tese de Doutorado (Programa

de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. **SOSOL: Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, p. 1–14, 2004.

HERBST, D. M.; MASCARENHAS, L. P.; SLONSKI, E. C. A história do bocha paralímpico no Brasil e a sua evolução como esporte de alto rendimento. **The FIEP Bulletin**, v. 83, Special Edition - ARTICLE I, p. 1-6, 2013.

HIPÓLITO, V. S.; WINCKLER, C. Desenvolvimento dos atletas das Paralimpíadas Escolares - Estudo Piloto, **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 24, n. 6, nov./dez. 2018. p. 67.

HOWE, P. D. **The cultural politics of the paralympic movement: thought an anthropological lens**. New York: Routledge, 2008.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Guide to reporting on persons with an impairment. Bonn, International Paralympic Committee, 2014. Disponível em: Acesso em: 14 set. 2016.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 31-61.

JODELET, D. **Représentations sociales**: un domaine en expansion. JODELET, D.(sous la direction de). Les représentations sociales. 7e éd. Paris: PUF, [1989] 2003.

JONES, R. **The sports coach as educator: re-conceptualising sports coaching**. Londres, England: Routledge, 2006.

JORDÁN, M. A. T.; RIU, J. M. P.; LÓPEZ, J. L. L.; AMO, J. L. L. del. Alternativa ecológica en la evaluación del salto de longitud de atletas paralímpicos. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 16, n. 1, p. 69-76, 2016.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEDUR, J. A.; MAZO, J. Z.; GONÇALVES, A. K. G. XX Campeonato Mundial de Atletismo Máster: representações sobre o atleta idoso na mídia. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 245-264, 2015.

LINS, S.; MELO, C. F.; ALVES, S. G.; SILVA, R. L. “Our Voices, Our Meaning”: The social representations of sports for Brazilian athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 36, n. 1, pag. 42-60, jan. 2019.

LISBÔA, M. M.; PIRES, G. de L. Televisão, Representações Sociais e Cultura de Movimento. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, Ano XVI, n. 23, p. 119-141, Dez. 2004.

MACDONALD, D. J.; BECK, K.; ERICKSON, K.; Cotê, J. Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. **Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities**, v. 29, n. 3, p. 242-249, 2015.

MACLENNAN, A. H.; FRANZCOG, S. C. T.; FRACP, J. G. Cerebral palsy: causes, pathways, and the role of genetic variants. **Am J Obstet Gynecol**, v. 213, n. 6, p. 779-88, 2015.

MAGNABOSCO, M. de B.; SOUZA, L. L. de. Educação inclusiva e as representações dos estudantes sobre seus pares com deficiência. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 115-122, Apr. 2018.

MALAFAIA, M. **2004 o ano que mudou o rumo do paradesporto no Brasil: O paradesporto brasileiro antes e depois dos Jogos de Atenas**. 1ª. Ed.: Irium, 2016.

MARANI, V. H.; BERNABÉ, A. P.; HIRATA, E.; STAREPRAVO, F. A. Aproximações entre políticas públicas de lazer e megaeventos esportivos: um olhar a partir de pesquisadores brasileiros do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, set/2018.

MARQUES, C. A. **A Imagem da Alteridade na Mídia**, Rio de Janeiro, CFCH-UFRJ, tese de doutoramento em Comunicação e Cultura, 2001.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 108, p. 87-96, 2016.

MARQUES, R. F. R., DUARTE, E., GUTIERREZ, G. L., ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365-377, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paraolímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Rev. educ. fis. UEM**, v. 23, n. 4, Maringá, Oct./Dec., 2012.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 583-96, Out-Dez. 2013.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989-1015, jul./set. de 2014.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, L. G. **O Esporte Paralímpico no Brasil: Profissionalismo, Administração e Classificação de Atletas.** São Paulo, Phorte, 2014.

MARQUES, R. F. R.; MARIVOET, S. ; ALMEIDA, M. A. B. ; GUTIERREZ, G. L. ; MENEZES, R. P. ; NUNOMURA, M. . A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Revista Motricidade**, v. 11, p. 123-147, 2015.

MARQUES, R. F. R.; MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o Movimento Paralímpico no Brasil: Relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, pp. 583-96, 2013.

MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da educação física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2013.

MARTÍNEZ, C. Y.; GOELLNER, S. V. Representaciones sociales de la selección femenina de fútbol de Colombia en la copa américa 2014 / Representações sociais da seleção feminina de futebol da Colombia na copa américa 2014. **Educación Física y Deporte**, v. 34, n. 1, 2015.

MARTÍNEZ-FERRER, J. O. Paper de l'activitat física i l'esport adaptat en la normalització de les persones discapacitades. **Aloma: Revista de Psicologia, Ciències de l'Educació i de l'Esport Blanquerna**, v. 13, n. 1, p. 13-23, 2008.

MARTINS, A. M.; CARVALHO, C. A. da S.; ANTUNES-ROCHA, M. I. Pesquisa em representações sociais no Brasil: cartografia dos grupos registrados no CNPq. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 104-114, abr. 2014.

MASCARENHAS, F.; ATHAYDE, P. F. A.; SANTOS, M. R.; MIRANDA, N. N. O Bloco Olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. **Rev. da ALESDE**, Curitiba, v. 2, n. 2, pp. 15-32, out. 2012.

MAUERBERG-DECASTRO, E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. In: MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: TecMedd, 2005. p. 437-83.

MAZO, J. Z.; BEGOSSI, T. D.; BERTOLDI, R.; ASSMAN, A. B. Jogos Paralímpicos Rio 2016: memórias esportivas de atletas sul rio-grandenses. **Br. J. Ed., Tech. Soc.**, v.11, n.1, Jan.-Mar., p.87-104, 2018.

MAZO, J. Z.; BEGOSSI, T. D.; SCHMITT, B. D. O jornalismo impresso gaúcho e a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (p. 263-288). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

- MELLO, A. da S.; SILVA, J. de S.; JORGE, R. S.; SCHNEIDER, O.; SANTOS, W. dos. Representações sociais dos participantes de projeto esportivo de Vitória. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 399-412, abr./jun. de 2018.
- MELO, F. A.; MARQUES FILHO, C. V.; SANTOS, Y. Y. S.; BETTEGA, O. B.; LIMA, L. A. de; GALATTI, L. R. O Treinador em números: Pep Guardiola na Uefa Champions League. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 22, n. 2, p. 27-34, mai./ago., 2018.
- MENSCH, D. I.; SCHWENGBER, M. S. V. Jogar bola, brincar na pracinha e plantar bananeira”: representações sociais de crianças sobre a educação física. **Motrivivência**, Ano XXI, n. 32/33, p. 280-295, jun.-dez. 2009.
- MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- MONTEIRO, I.; PEREIRA, O.; SILVA, M. A.; PEREIRA, A. L. Terminologia e Estereótipos: o poder sobre as Representações Sociais dos Atletas Paralímpicos. **RPCD**, v. 11, n. 1, p. 104-124, 2008.
- MONTEIRO, M. I. C. V. **Representações sociais dos atletas paralímpicos nos Jornais Desportivos Portugueses**: estudo efectuado com recurso à análise de conteúdo dos jornais. Dissertação (Faculdade do Desporto). Universidade do Porto, Porto, 2009, 277f.
- MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. OS PROCESSOS AUTO-ORGANIZACIONAIS DO GOALBALL. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 741-760, jul./set. 2012.
- MORGADO, F. F. da R.; CASTRO, M. R. de.; FERREIRA, M. E. C.; OLIVEIRA, A. J. de.; PEREIRA, J. G.; SANTOS, J. H. dos. Representações Sociais sobre a Deficiência: Perspectivas de Alunos de Educação Física Escolar. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 23, n. 2, p. 245-260, 2017.
- MOSCOVICI, S. **Social representations**: explorations in social psychology. New York: New York University Press, 2001.
- MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MOSCOVICI, S. (2015). **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOURA, M. I. de. **No campo de jogo da memória**: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975). 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em história do Brasil) - Programa de Pós-graduação em História do Brasil, Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

MUSIS, C. R. de; CARVALHO, S. P. de. Representações sociais de professores acerca do aluno com deficiência: a prática educacional e o ideal do ajuste à normalidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 110, p. 201-217, Mar. 2010.

NEHME. Depoimentos e entrevistas. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/mario-sergio-fontes/>> Acessado em: 24 de abril de 2019.

NUNN, C. Coaching at the paralympic level: if only the administrators understood. In: GILBERT, K.; SCHANTZ, O. J. (Ed.) **The paralympic games**: empowerment or side show? Maidenhead: Meyer & Meyer, p. 102-114, 2008.

OLIVEIRA, M. A. de S. G.; VIEIRA, S. C. M.; SILVA, V. P. da; AMORIM, M. do R. de F. B. Representações sociais dos professores de alunos com deficiência. **Cadernos de pesquisa em educação**, Vitória, n. 43, 2016.

OLIVEIRA, A. F. L.; KAWASHITA, I. M. S. Bocha Paralímpica: Concepção de pais e profissionais. **Fiep Bulletin** 2015 [acesso em 20/06/2015]; 85.

OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 2, 377p. 2018.

OLIVEIRA, B. N. de; OLIVEIRA, B. N. de. Fenômeno social do basquete no sertão cearense: representações sociais dos praticantes. **Licere**, Belo Horizonte, v. 20, n. 4, dez/2017.

OLIVEIRA, V. A. de; ALMEIDA, D. M. F. de. Representações e identidades de gênero: “Ser mulher” no campo de futebol. **Revista Corpoconsciência**, v. 22, n. 2, mai./ago., 2018.

OLIVER, M. (1990), **The Politics of Disablement**, Basingstoke, Macmillan and St. Martin's Press. 1990.

PAKULA, A. T.; BRAUN, K. V. N.; YEARGIN-ALLSOPP, M. Cerebral Palsy: Classification and Epidemiology. **Phys Med Rehabil Clin N Am**, v. 20, n. 3, p. 425-52, 2009.

PANCOTTO, H. P. O esporte na agenda governamental das políticas públicas para pessoas com deficiência. **Conexões**: Educação Física, Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 15, n. 2, p. 142-171, abr./jun. 2017.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016. 2016. Disponível em: <
<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Guia+para+a+mídia+Rio+2016/a26cb813-1e28-4e71-84d8-bd93ea39308c>>.
Acesso em: 1 nov. 2017.

PARSONS A.; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte Paraolímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PELINSON, F.; OLIVEIRA-JÚNIOR, C. R. Espionagem no futebol e o caso drone: A representação social construída pela ESPN Brasil. In: ANTUNES, A. C.; OLIVEIRA JÚNIOR, C. R.; RAUSKI, E. F (Org.). **Ciências sociais aplicada: Cotidiano e representações**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018, 178 p.

OLIVEIRA JÚNIOR, C. R.; RAUSKI, E. F (Org.). **Ciências sociais aplicada: Cotidiano e representações**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018, 178 p.

PENA, L. G. S. Os desafios da preparação do rugby em cadeira de rodas para os Jogos Rio 2016 (p.262-284). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

PEREIRA DA SILVA, J. V. **Políticas públicas de esporte/lazer e in(ex)clusão de pessoas com deficiência**. Campo Grande, MS: UFMS, 2015.

PEREIRA, E. L.; BERTOLDI, R. **Do equestre ao paraequestre**: representações sociais nas memórias de um salto hípico. Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral, 01 a 04 de maio de 2016, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, G. M. dos S.; MAZZOTT, T. B. Representações sociais de educação física por alunos trabalhadores do ensino noturno. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 53-62, jan.-mar. 2008.

PEREIRA, O. M. P. G. **Representações sociais dos atletas paralímpicos nos media impresso portugueses**: estudo efectuado em dois jornais diários nacionais generalistas e dois jornais diários nacionais especializados em desporto. Dissertação (Programa em Ciências do desporto). Universidade do Porto, Porto, 2009, 372f.

PEREIRA, O.; MONTEIRO, I.; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência - uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 12, p. 199-217, 2011,

PÉREZ-TEJERO, Javier. La investigación en actividades físicas y deportes adaptados: Un camino aún por recorrer. **RICYDE. Revista Internacional de Ciencias Del Deporte**, v. 5, n. 16, p. 1-3, jul. 2009.

POFFO, B. N. et al. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da folha de S. Paulo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, p. 1353-1366, nov. 2017.

RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; BARROS, T. E. S.; GODA, C.; GODTSFRIEDT, J. Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 815-834, jul./set. 2014.

REIS, R. E. **Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

REIS, R. E.; MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M. As políticas públicas para o esporte paralímpico no Brasil: Apontamentos gerais. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 21, n. 1, p. 58-69, jan./abr., 2017.

REIS, S. L. D. A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, dez. 2011.

RETONDAR, J. J. M. A noção de representação social nas perspectivas dos estudos da psicologia social e do imaginário social: aproximações e afastamentos (Capítulo 1, pág. 15-44). In.: MONTENEGRO, E.; RETONDAR, J.; MONTENEGRO, P. C. A. (Org.). **Imaginário e representações sociais: corpo, educação, física, cultura e sociedade**. Maceió: EDUFAL, 2007, 410 p.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de Relatos Oraís e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 3, n. 1, p. 116-130, 1998.

ROCCO, F. M.; SAITO, E. T. Epidemiologia das Lesões Esportivas em Atletas de Basquetebol em Cadeira de Rodas. **Acta Fisiatr.**v.13, n.1, p.17-20, 2006.

RODRIGUES, N. **Goalball**: estudo sobre o estado de conhecimento da modalidade e avaliação desportivo-motora dos atletas. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2002, 213 p.

ROSENBAUM P. Cerebral palsy: What parents and doctors want to know. **Br Med J**, v. 326, n. 7396, p. 970-4, 2003.

SANTOS, D. S. dos; MEDEIROS, A. G. A. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: O atleta como modelo de comportamento. **Pensar a prática**, v. 12, n. 3, p. 1-11, nov. 2009.

SANTOS, F. T. dos. Educação de período integral e inclusão: Representações sociais do programa superescola. **Pesquisa em Pós-Graduação**, São Paulo, n. 9, p. 11-20, 2013.

SANTOS, G. T. dos; OLIVEIRA, M. S. Estigmas e representações sociais: desafios para a interação entre professores e alunos com síndrome de Down. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n. 5, p. 55-69, dez. 2012.

SANTOS, L. G. T. F.; MAIOLA, L.; DUARTE, E. Os desafios da preparação da paracanoagem para os Jogos Rio 2016 (p.246-241). IN. OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. **IV Ciclo de debates em estudos olímpicos e paraolímpicos** – Diferentes olhares sobre os Jogos Rio 2016: a mídia, os profissionais e os espectadores. Ed. Edise, Aracajú, v. 1, 474p. 2018.

SARAIVA, J. P. Desporto Adaptado em Portugal: quem São os Treinadores? **Revista da Sobama**, Marília, v. 17, n. 1, p. 37-42, Jan./Jun., 2016.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. P. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n. 1, jun. 2009.

SCHAFF, A. **linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974.

SCHMITT, B. D.; BEGOSSI, T. D.; ASSMANN, A. B.; BERTOLDI, R.; MAZO, J. Z. O Brasil nos Jogos Paralímpicos: uma análise da construção das identidades esportivas de atletas. **Rev. Bras. Med. Esp.** 2018;24(6):1-130 (supp.). Anais do VI Congresso Paradesportivo Internacional – Comitê Paralímpico Brasileiro.

SCHMITT, B. D.; BERTOLDI, R.; ASSMAN, A. B.; LEDUR, J. A.; BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE SAÚDE DE ATLETAS PARALIMPICOS BRASILEIROS. In: MISSIAS-MOREIRA, Ramon; SALES, Zenilda Nogueira; FREITAS, Vera Lúcia Chalegre de; VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro. (Org.). Representações sociais, educação e saúde: um enfoque multidisciplinar. 1ed.Curitiba: CRV Editora, 2017a, v. 1, p. 171-183.

SCHMITT, B. D.; MAIA, J.; BEGOSSI, T. D.; HAIACHI, M. C.; SILVA, L. H. R.; MAZO, J. Z. Observatório do esporte paraolímpico: Preservação do patrimônio e legado. **Revista Observatorio Del deporte**, v. 3, p. 42-54, 2017b.

SCHWARZ, M. L.; GUEDES, S. P. L. C.; FERRARI, C. D. P. O patrimônio cultural sob o viés das representações sociais. In: MISSIAS-MOREIRA, R.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; SERVO, M. L. S. **Representações sociais e seus diversos olhares**. Curitiba: CRV, p. 187-201, 2018,

SENATORE, V. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt, cidade de São Paulo. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

SERPA, S. Treinar Jovens: complexidade, exigência e responsabilidade. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, 1. sem. 2003.

SHEPARD, N. P. Representing disability in an ableist world: essays on mass media”, **Journalism and Mass Communication Quarterly**, v. 88, n. 3, p. 678-679, 2011.

SHERRILL, C. **Adapted physical activity, recreation and sport – crossdisciplinary and lifespan**. Boston, MA: William C. Brown/McGraw Hill; 2004, 783 p.

SILVA, A. A. C.; MARQUES, R. F. R.; PENA, L. G. S.; MOLCHANSKY, S.; BORGES, M.; CAMPOS, L. F. C. C.; ARAÚJO, P. F. J. P. B.; GORLA, J. I. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, v. 27, n. 4, São Paulo, Oct./Dec. 2013.

SILVA, G. P. **A configuração atletas e ex-atletas paraolímpicas da cidade de Curitiba**. 125f. Dissertação (Mestrado em educação Física) – Departamento de Educação Física, UFPR, Curitiba, 2007.

SILVA, J. B. C. (s/d). Histórico [5]. Comitê paraolímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.brasilparaolimpico.org.br>>. Acessado em 20 de maio de 2018 às 16 horas.

SILVA, M. C. de P.; COSTA, M. de M.; SALLES, J. G. do C. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In.: VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. do C.; MELO, V. A. de (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, 180p. Capítulo 6.

SILVA, M. C. S. C. **Inclusão e deficiência: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal/RN**. 2007. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007(b).

SILVA, O. O. N. da; BORDAS, M. A. G. Representações sociais de professores de educação física sobre a inclusão de alunos com deficiência no ensino público. **Revista Educere et Educare**, Cascavel, v. 8, n. 15, p. 239-248, jan.-jun. 2013.

SIQUEIRA, P. C. A representação do atleta paralímpico na mídia paranaense. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Edição Especial: Anais do IX Ciclo de debates sobre jornalismo da Unibrasil, v. 2, n. 11-sup., p. 1-16, 2013.

SOUSA, A.; CORREDEIRA, R.; PEREIRA, A. L. Evolução do desporto paralímpico em Portugal – Do amadorismo à profissionalização. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 16, sup.2 (S2.R), p. 147, 2016.

SOUZA, J. de; TOLEDO, R. M.; MARCHI JUNIOR, W. Representações sociais e instituição da realidade no subcampo esportivo do montanhismo: uma possibilidade de leitura sociológica a partir da obra "Sobre homens e montanhas" de Jon Krakauer. **Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.)**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 341-349, June 2011.

- SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, 3, p. 300-308, jul/set, 1993.
- STONES, R.; AHMED, O. H.; WEILER, R. How disability can win England the World Cup. **British Journal of General Practice**, Londres, v. 64, n. 623, p. 298, jun. 2014.
- TAMMINEN, K. A.; HOLT, N. L. Adolescent athletes' learning about coping and the roles of parents and coaches. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 1, p. 69-79, 2012.
- TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul/set de 2011.
- TAWSE, H.; BLOOM, G. A.; SABISTON, C. M.; REID, G. The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 4, n. 2, p. 206-225, 2012.
- TELLES, S.; LÜDORF, S.; PEREIRA, E. **Pesquisa em Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- THOMAS, J.R., NELSON, J.K. (2002). **Métodos de pesquisa em atividade física** (3rd ed.). Porto Alegre: Artmed.
- TODT, N. S.; ROLIM, L. H. A representação social dos Jogos Olímpicos: um olhar a partir de atletas olímpicos brasileiros. IN: MORAGAS, M.; DACOSTA, L. (Org.). *Universidad y Estudios Olímpicos: Seminarios España-Brasil (2006)*.
- TREINADOR 1. **Treinador 1**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.
- TREINADOR 2. **Treinador 2**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.
- TREINADOR 3. **Treinador 3**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.
- TREINADOR 4. **Treinador 4**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.
- TREINADOR 5. **Treinador 5**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.
- TREINADOR 6. **Treinador 6**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

TREINADOR 7. **Treinador 7**. 2018. Entrevista realizada por Beatriz Dittrich Schmitt. Observatório do Esporte Paralímpico - NEHME.

VALENTIN, R. B.; CAVICHIOLLI, F. R. Futebol, escape e mimesis: um estudo sobre representações sociais. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 65-89, abr. 2008.

VARGAS, A.; PORTILHO, E. M. L. Representações Sociais e Concepções Epistemológicas de Aprendizagem de Professores da Educação Especial. **Rev. bras. educ. espec.**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 359-372, set. 2018.

VILANI, R. M.; MACHADO, C. J. S. O impacto dos megaeventos esportivos sobre os direitos à saúde e ao meio ambiente na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 31 Sup:S1-S13, 2015.

VITAL, R.; SILVA, H. G. P. V. da; SOUSA, R. P. A. de; NASCIMENTO, R. B. N.; ROCHA, E. A.; MIRANDA, H. F.; KNACKFUSS, M. I.; FERNANDES FILHO, J. Lesões traumato-ortopédicas nos atletas paraolímpicos. **Rev. Bras. Med Esporte**, v. 13, n. 3, mai./jun, 2007.

VLAK, T.; PADJEN, I.; PIVALICA, D. Paralympians-unknown heroes next door. **Croatian Medical Journal**, Zagreb, v. 50, n. 6, p. 527-530, dez. 2009.

VOTRE, S. J. Etnografia da representação social em atividade físico-esportiva. In.: VOTRE, S. J.; SALLES, J. G. do C.; MELO, V. A. de (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. - Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998, 180p.

WINCKLER, C.; MELLO, M. T. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3. ed. Barueri: Manole; 2004, 552 p.

WINNICK, J. P. **Adapted physical education and sport**. 5. ed. Champaign: Human Kinectics; 2011, 637 p.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZHANG, L.; HALLER, B. "Consuming image: how mass media impact the identity of people with disabilities", **Communication Quaterly**, v. 61, n. 3, p. 319-334, 2013.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os atletas paralímpicos.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa “MEMÓRIAS DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS BRASILEIROS NOS JOGOS PARALÍMPICOS (1972-2012)”, por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é “ANALISAR HISTORICAMENTE O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL, DE 1972 A 2012”.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista, com um roteiro pré-elaborado pelo grupo de pesquisadores, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou e representou o Brasil nos Jogos Paralímpicos. Para tanto, requeremos seu assentimento para a realização da entrevista, pois esta será gravada em áudio e/ou vídeo.

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, se for do seu interesse, retornaremos o documento para o senhor (a), para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Bem como, solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos áudio-visuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) sobre as histórias de vida dos

atletas paralímpicos brasileiros. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física da ESEF/UFRGS, bem como no site do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte Paralímpico Brasileiro.

Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos ressarcimento se ocorrer eventual dano decorrente da pesquisa. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre existe a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações veiculadas a este projeto, preservar a memória Paralímpica brasileira e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Por fim, é importante esclarecer que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande Do Sul – Brasil”, também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201____

Entrevistador

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em conceder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, bem como os seus usos, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

Anexo B – Entrevista com roteiro semiestruturado para os atletas paralímpicos.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Programa de Pós Graduação em Ciências do
Movimento Humano



ROTEIRO DE ENTREVISTA – ATLETAS PARALÍMPICOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PRÉ-ENTREVISTA

Nome completo:

Apelido:

Data de nascimento:

Naturalidade:

Endereço p/contato:

Telefone:

E-mail:

Modalidade e provas que disputou (se precisar):

Clube ou entidade que atualmente representa:

Clube ou entidade que já representou:

Tipo de deficiência e classificação funcional:

Possui ou possuiu bolsa atleta:

Outra atividade laboral (qual?):

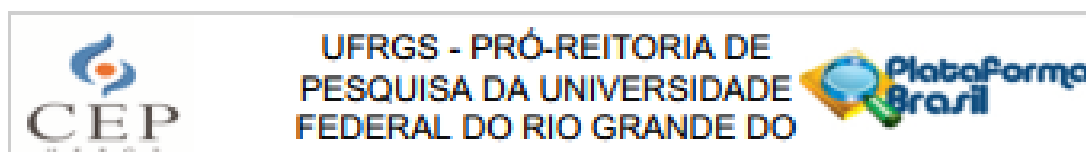
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar o pesquisador (entrevistador) durante a entrevista.

- Fale sobre a sua trajetória no esporte.
- Quais os motivos que o levaram ao esporte?
- Como ocorreu a sua inserção no esporte?
- Qual o papel da sua família na sua inserção no esporte?

- Como surgiu o interesse por este esporte em específico?
- Quais foram os maiores desafios enfrentados no início da sua carreira? E depois, ao longo dela?
- Quais competições que você destacaria como as mais importantes em sua carreira? Por que?
- Qual o significado dos Jogos Paralímpicos para você? Que momentos da sua participação você destacaria?
- O que representa para você ter participado dos Jogos Paralímpicos? O que essa participação mudou na sua vida?
- O que significou a conquista da medalha para você?
- Qual é/era o seu maior desejo como atleta Paralímpico?
- Como você percebe o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil?
- Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.

Anexo C – Aprovação Comitê de Ética (parecer consubstanciado nº. 2.394.882)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O BRASIL NOS JOGOS PARALÍMPICOS (1996 - 2008): UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ATLETAS PARALÍMPICOS

Pesquisador: Janice Zarpellon Mazo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70761817.8.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Financiamento Próprio

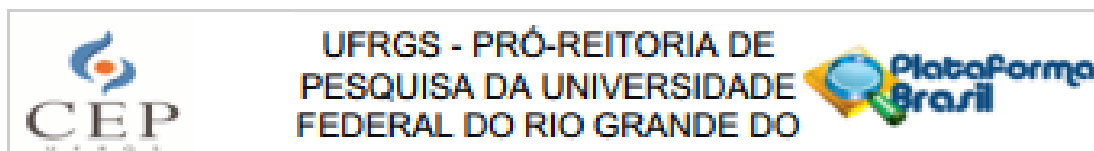
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.288.418

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de doutoramento da aluna Beatriz Ditrísch Schmitt intitulado O BRASIL NOS JOGOS PARALÍMPICOS (1996 - 2008): UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ATLETAS PARALÍMPICOS sob a orientação do Prof^o Dr^a Janice Zarpellon Mazo. Segundo as autoras as práticas esportivas para pessoas com deficiência referem-se ao esporte adaptado e ao esporte paralímpico. Estes esportes adaptados são práticas criadas ou modificadas para suprir as necessidades das pessoas com deficiência e o esporte paralímpico são modalidades esportivas que integram o programa dos Jogos Paralímpicos. No Brasil o esporte paralímpico é uma temática recente. Assim, evidencia-se que nos últimos anos, se desenvolvem pesquisas sobre este tipo de esporte, contudo poucas se referem à história especificamente. Como fundamentação teórica a pesquisa se localiza no campo investigativo da História do Esporte e se fundamenta nos pressupostos teóricos da Nova História Cultural, com ênfase para as noções de práticas e das representações propostas por Pesavento (2005) e nas pesquisas sobre a história dos esportes adaptados e dos esportes paralímpicos (PIERSON, 1969; ATHERTON, RUSSELL, TURNER, 1999; ROSADAS, 2000; BAILEY, 2008), buscando elementos ao fato de que a História do Esporte é um campo de conhecimento recente no Brasil (BURKE, 2005; MELO, 2007; MELO, 2010). Acrescenta-se que os estudos históricos sobre as pessoas com deficiência são ainda mais incipientes. À luz

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Foz de São Jacinto CEP: 90.640-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.286.418

dessas ideias, entende que o respectivo projeto de pesquisa contribuirá com a produção de conhecimento no âmbito da história dos esportes adaptados dos esportes paralímpicos. Justificam o projeto de pesquisa a partir de diferentes argumentos. A bibliografia é densa e adequada a temática do projeto. O interesse em trabalhar com a temática de pessoas com deficiência surgiu ao longo de trajetória acadêmica da doutoranda. Igualmente se apropria do conceito de memória esportiva. Os desenhos de pesquisa qualitativa adotam estratégias sistemáticas objetivas e rigorosas com instrumentos bem delineados.

Objetivo da Pesquisa:

Problema de pesquisa: Como ocorreu o processo de construção da identidade esportiva dos atletas paralímpicos brasileiros que participaram de edições dos Jogos entre 1996 até 2008. Seus objetivos complementares são a) Descrever a inserção de atletas com deficiência visual ou física no esporte paralímpico; b) Verificar quando e como o atleta paralímpico constrói sua identidade esportiva; c) Descrever a trajetória esportiva de atletas paralímpicos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O TLCE está bem escrito e cita adequadamente a estrutura do projeto e os prováveis benefícios. Assegura ao entrevistado o direito de desistir quando considerar conveniente.

Entretanto ainda que o instrumento da entrevista semi-estruturada não contenha nenhuma questão a priori constrangedora, quando se resgata histórias pessoais sempre existe o risco do desconforto ao se lembrar de episódios mnemônicos que fizeram parte das pessoas. Por isto é necessário deixar-se claro tal possibilidade no documento que será assinado.

Além disto o TLCE cita que a entrevista será transcrita integralmente e a transcrição, se for do interesse do entrevistado, o documento será retomado para revisão e se consentimento de publicação dos resultados. É importante deixar claro que é direito do entrevistado receber a transcrição e de inclusive alterar aspectos que ao reler possa desejar reestruturar. Assim sendo, é importante que este item seja incluído no respectivo TLCE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, com intuito de interpretar como ocorre o processo de inserção dos atletas com deficiência no esporte paralímpico brasileiro e qual foi sua trajetória no campo esportivo. Trata-se de uma pesquisa histórica que privilegia a coleta de fontes documentais e de fontes orais. Para a análise dos dados os autores informam que serão utilizadas estratégias diferentes, a depender da natureza da fonte: fonte

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Fariópolis CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3338-3738 Fax: (51)3338-4065 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br



UFRGS - PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO

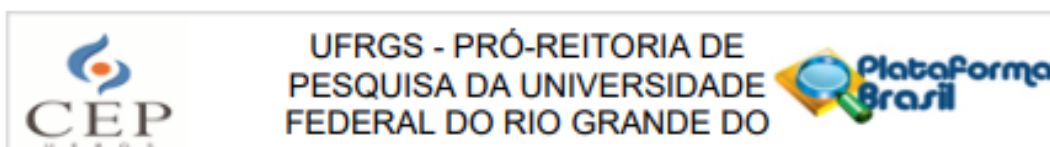


Continuação do Parecer: 2.2004/18

documental e fonte oral. Para as fontes documentais consideram livros comemorativos de entidades, atas de reuniões, boletins esportivos, relatórios institucionais, jornais impressos e outros materiais localizados nos endereços eletrônicos institucionais. As fontes documentais serão coletadas em arquivos históricos e acervos mantidos por instituições ou pessoas. Pretendem assim, que a busca da documentação serão contatadas, por meio de uma carta de apresentação. Quanto às Fontes Orais estas contemplam narrativas de atletas com deficiência que tenham representado o Brasil em, pelo menos, uma edição dos Jogos Paralímpicos. Para este fim serão convidados atletas paralímpicos que apresentem deficiência física ou visual. Justificam o fato de que pessoas com deficiência intelectual e auditiva não serão convidadas a participar deste estudo por diferentes argumentos. Para a coleta das fontes orais será realizada uma entrevista com roteiro semiestruturado. Para tanto, este estudo será submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, posteriormente, à Plataforma Brasil. Após a aprovação do Comitê de Ética, os entrevistados serão convidados a participar da pesquisa e serão informados sobre seus objetivos. Acrescenta-se que os entrevistados serão contatados pessoalmente nos locais onde treinam ou por telefone para agendamento da entrevista, conforme a disponibilidade dos entrevistados. O local da entrevista será escolhido pelo entrevistado, podendo ser no local de seu treinamento, na instituição a que está vinculado, em alguma competição esportiva ou na residência do entrevistado. É possível que um mesmo sujeito seja entrevistado mais de uma vez, em dias distintos.

Destaca-se que as entrevistas poderão ser realizadas individualmente ou em grupos de, no máximo, três sujeitos. Todas as entrevistas serão gravadas e terão duração aproximada de uma hora. Posteriormente, as entrevistas serão transcritas literalmente de acordo com as orientações de Duarte (2004). Como critério de inclusão e de exclusão as amostras do estudo poderão ser compostas por pessoas, mas também por documentos oficiais. Para atender aos critérios serão convidados atletas paralímpicos brasileiros de ambos os sexos, com idades igual ou superior a 18 anos, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que tenham participado de pelo menos uma edição de Jogos Paralímpicos entre os anos de 1996 até 2008. A seleção das amostras ocorrerá de maneira intencional. Para a seleção de documentos, os critérios serão definidos de maneira intencional. Como Metodologia as transcrições das entrevistas, serão analisadas por meio de análise de conteúdo que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos dados das mensagens, a partir da elaboração de categorias de análise (BARDIN, 2011). Não se cita ao longo do projeto se estas categorias de análise de conteúdo serão no sentido lógico-formal, semântico ou hermenêutico. Mas este é um dado que se percebe acontecer em

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-000
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.394.882

Termo de Anuência das Instituições Coparticipes – Não se aplica

Termo de Responsabilidade para Uso de Dados - Não se aplica

- O TCLE proposto apresenta um formato diferenciado (dos formatos costumemente apresentados a este comitê) e foi readequado à Diretriz 510/2016 conforme as solicitações deste Comitê.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Inexistem pendências, uma vez que as solicitações deste Comitê foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

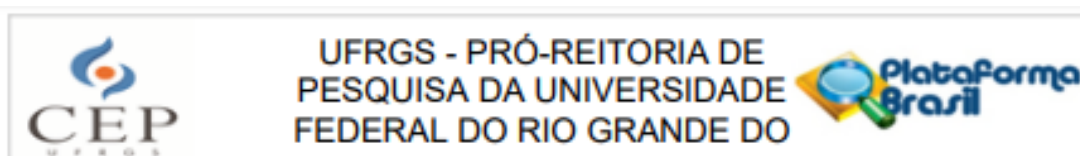
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_950304.pdf	10/10/2017 14:25:43		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BrochuraAlterada.docx	10/10/2017 14:24:56	Janice Zarpellon Mazo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEAlterado.pdf	10/10/2017 14:22:43	Janice Zarpellon Mazo	Aceito
Brochura Pesquisa	BrochuraAlterada.pdf	10/10/2017 14:22:32	Janice Zarpellon Mazo	Aceito
Outros	Entrevista.docx	05/07/2017 10:29:33	Janice Zarpellon Mazo	Aceito
Orçamento	Orçamento.docx	05/07/2017 10:17:12	Janice Zarpellon Mazo	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	05/07/2017 10:14:04	Janice Zarpellon Mazo	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	05/07/2017 10:11:28	Janice Zarpellon Mazo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farpouilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.394.882

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 23 de Novembro de 2017

Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br

Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos treinadores paralímpicos.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Programa de Pós Graduação em Ciências do
Movimento Humano



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa “**O BRASIL NOS JOGOS PARALÍMPICOS (1996 - 2008): UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ATLETAS PARALÍMPICOS**” por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é analisar a construção da identidade esportiva dos atletas paralímpicos brasileiros que participaram de edições dos Jogos entre 1988 até 2008.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pelo grupo de pesquisadores, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato e respostas são muito importantes para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem pratica ou praticou esportes paralímpicos. Para tanto, requeremos seu assentimento para responder a questionários e também para a realização da entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Reconhecemos que ao compartilhamento de momentos e histórias vividas existe a possibilidade de desconfortos ao lembrar do passado. Contudo, no decorrer da entrevista será preconizado o seu bem-estar e, caso você desejar, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento. Além disso, lhe será fornecido o direito de garantir seu anonimato (se assim o desejar).

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, será garantido o seu direito de receber a transcrição, para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Sendo assim, você poderá alterar aspectos que ao reler possa desejar reestruturar e ao receber sua transcrição alterar seu conteúdo conforme a sua percepção do que foi registrado e que melhor representa sua expressão pessoal e histórica.

Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos áudio-visuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.). Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física da ESEF/UFRGS, bem como no site do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte Adaptado e do Esporte Paralímpico Brasileiro.

Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre existe a possibilidade de riscos.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº.750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones(51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201 ____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em responder ao questionário e a conceder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

Anexo E – Entrevista com roteiro semiestruturado para os treinadores paralímpicos.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Programa de Pós Graduação em Ciências do
Movimento Humano



1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: _____ Apellido: _____
 Data de Nascimento: _____ Idade: _____
 Sexo: () Masculino () Feminino
 Endereço para contato: _____
 Telefone: _____
 E-mail: _____
 Modalidade que treina ou que já treinou: _____
 Clube ou entidade que atualmente representa: _____
 Clube ou entidade que já representou: _____
 Possui dedicação exclusiva para a função de treinador: _____
 Outra atividade laboral (qual?): _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA TREINADORES:

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar o pesquisador (entrevistador) durante a entrevista.

- 1) Fale sobre a sua trajetória no esporte.
- 2) Quais os motivos que o levaram ao esporte?
- 3) Como ocorreu a sua inserção no esporte?
- 4) Como surgiu o interesse por este esporte em específico?
- 5) Quais foram os maiores desafios enfrentados no início da sua carreira? E depois, ao longo dela?

- 6) Quais competições das quais seu atleta participou e que você destacaria como as mais importantes em sua carreira? Por que?
- 7) E a maior decepção?
- 8) Qual o significado dos Jogos Paralímpicos para você? Que momentos da sua participação você destacaria? (no caso de participação)
- 9) O que representa para você ter participado dos Jogos Paralímpicos? O que essa participação mudou na sua vida? (no caso de participação)
- 10) O que significou a conquista da medalha para você? (seja de ouro, prata, bronze ou participação)
- 11) Como você percebe o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil?
- 12) Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.

Anexo F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos dirigentes esportivos.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Programa de Pós Graduação em Ciências do
Movimento Humano



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa “**O BRASIL NOS JOGOS PARALÍMPICOS (1996 - 2008): UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ATLETAS PARALÍMPICOS**” por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é analisar a construção da identidade esportiva dos atletas paralímpicos brasileiros que participaram de edições dos Jogos entre 1988 até 2008.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pelo grupo de pesquisadores, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato e respostas são muito importantes para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem pratica ou praticou esportes paralímpicos. Para tanto, requeremos seu assentimento para responder a questionários e também para a realização da entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Reconhecemos que ao compartilhamento de momentos e histórias vividas existe a possibilidade de desconfortos ao lembrar do passado. Contudo, no decorrer da entrevista será preconizado o seu bem-estar e, caso você desejar, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento. Além disso, lhe será fornecido o direito de garantir seu anonimato (se assim o desejar).

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, será garantido o seu direito de receber a transcrição, para sua revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Sendo assim, você poderá alterar aspectos que ao reler possa desejar reestruturar e ao receber sua transcrição alterar seu conteúdo conforme a sua percepção do que foi registrado e que melhor representa sua expressão pessoal e histórica.

Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos áudio-visuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.). Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física da ESEF/UFRGS, bem como no site do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte Adaptado e do Esporte Paralímpico Brasileiro.

Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre existe a possibilidade de riscos.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº.750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones(51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201 ____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em responder ao questionário e a conceder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

Anexo G – Entrevista com roteiro semiestruturado para os dirigentes esportivos.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Programa de Pós Graduação em Ciências do
Movimento Humano



1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: _____ Apellido: _____
 Data de Nascimento: _____ Idade: _____
 Sexo: () Masculino () Feminino
 Endereço para contato: _____
 Telefone: _____
 E-mail: _____
 Modalidade que treina ou que já treinou: _____
 Clube ou entidade que atualmente representa: _____
 Clube ou entidade que já representou: _____
 Possui dedicação exclusiva para a função de treinador: _____
 Outra atividade laboral (qual?): _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA DIRIGENTES:

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar o pesquisador (entrevistador) durante a entrevista.

- 1) Fale sobre a sua trajetória no esporte.
- 2) Quais os motivos que o levaram ao esporte?
- 3) Como ocorreu a sua inserção no esporte?
- 4) Como surgiu o interesse por este esporte em específico?
- 5) Quais foram os maiores desafios enfrentados no início da sua carreira? E depois, ao longo dela?

- 6) Quais competições das quais seu atleta participou e que você destacaria como as mais importantes em sua carreira? Por que?
- 7) E a maior decepção?
- 8) Qual o significado dos Jogos Paralímpicos para você? Que momentos da sua participação você destacaria? (no caso de participação)
- 9) O que representa para você ter participado dos Jogos Paralímpicos? O que essa participação mudou na sua vida? (no caso de participação)
- 10) O que significou a conquista da medalha para você? (seja de ouro, prata, bronze ou participação)
- 11) Como você percebe o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil?
- 12) Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.